



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

SHIRLEI PATRÍCIA SILVA NEVES ALMEIDA

A “EXPOSITIO SERMONUM ANTIQUORUM” DE FULGÊNCIO, O
MITÓGRAFO: ESTUDO INTRODUTÓRIO, TRADUÇÃO E NOTAS

SALVADOR-BAHIA
2018

SHIRLEI PATRÍCIA SILVA NEVES ALMEIDA

A “EXPOSITIO SERMONUM ANTIQUORUM” DE FULGÊNCIO,
O MITÓGRAFO: ESTUDO INTRODUTÓRIO, TRADUÇÃO E NOTAS

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Literatura e Cultura
do Instituto de Letras da Universidade
Federal da Bahia para a obtenção do
título de Mestre em Literatura e Cultura.

Orientador:
Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho

SALVADOR-BAHIA
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Almeida, Shirlei Patricia Silva Neves
A Expositio sermonum antiquorum de Fulgêncio, o Mitógrafo:
estudo introdutório, tradução e notas / Shirlei Patricia Silva
Neves Almeida. -- Salvador, 2018.
130 f. : il

Orientador: José Amarante Santos Sobrinho.
Dissertação (Mestrado - Literatura e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2018.

1. Fulgêncio. 2. Expositio sermonum antiquorum. 3. Tradução.
4. Estudo. I. Amarante Santos Sobrinho, José. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Em sessão pública realizada em 17 de abril de 2018, às 9h, na sala de defesas do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a presente dissertação, de autoria de SHIRLEI PATRICIA SILVA NEVES ALMEIDA, foi examinada pela seguinte banca examinadora:

1. Profa. Dra. Tereza Pereira do Carmo (UFBA)
Examinadora externa ao Programa
2. Profa. Dra. Elisabeth Ramos (UFBA)
Examinadora interna ao Programa
3. Prof. Dr. Renato Ambrosio (UFBA)
Primeiro suplente do examinador externo ao Programa
4. Profa. Dra. Luciene Lages Silva (UFS)
Segunda suplente do examinador externo ao Programa
5. Prof. Dr. Hernán Yerro (UFBA)
Primeiro suplente do examinador interno ao Programa
6. Profa. Dra. Carla Dameane Pereira de Souza (UFBA)
Segunda suplente do examinador interno ao Programa
7. Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)
Orientador

E obteve o seguinte parecer final:

*Para minha mãe,
a do coração*

Sinto-me feliz, vitoriosa e grata a Deus e a todos que acompanharam o desenvolvimento de meu trabalho e que torceram junto comigo por mais esta conquista.

- ✿ Agradeço às minhas duas mães, Ione, por doar-me a vida, e Carmelita, pelo amor incondicional, pelos cuidados, e, principalmente, pelo apoio e incentivo constante durante a realização deste trabalho.
- ✿ Ao meu orientador desde a graduação, José Amarante Santos Sobrinho, a quem serei grata *ad aeternum*, por apresentar-me e guiar-me pelo caminho dos Estudos Clássicos. Agradeço também por todo o conhecimento humildemente compartilhado, pela confiança concedida e pela amizade sincera em tantos momentos acadêmicos e pessoais, pela compreensão e apoio diante das dificuldades enfrentadas em todos os momentos desta jornada.
- ✿ À professora Tereza Pereira do Carmo, pelas profícuas sugestões e orientações apresentadas na defesa de projeto e por aceitar o convite para participar da banca de avaliação da defesa da minha dissertação.
- ✿ À professora Elisabeth Ramos, por fomentar imprescindíveis discussões a respeito de tradução nas aulas da disciplina Tópicos em Tradução II, e por também aceitar a participação na banca de avaliação da defesa desta dissertação.
- ✿ Ao professor Hernán Yerro, por contribuir com a realização deste trabalho, não somente durante as enriquecedoras aulas das disciplinas Tópicos em Tradução I e II, mas também na minha defesa de projeto.
- ✿ Aos professores Carla Dameane Pereira de Souza e Arivaldo Sacramento, pelo interesse despendido a este estudo e pelas importantes sugestões de leituras indicadas durante as aulas da pós-graduação.

- ☞ Ao professor Domingos Sávio Pimentel Siqueira, pela generosidade em aceitar realizar a leitura e revisão minuciosas do resumo desta dissertação.
- ☞ À amiga e irmã do coração dentro e fora dos muros da academia, Raisal Reis, pela amizade, admiração e incentivo antes e durante todo o processo da realização desta pesquisa.
- ☞ À professora e amiga Ana Cristina Farias, por incentivar-me a prosseguir nesta empreitada e pela generosidade ao trazer sugestões interessantes, como a inserção das ilustrações da minha tradução.
- ☞ Aos meus amigos, pela amizade sincera, admiração e torcida: Débora Souza, Felipe Flores, Fernanda Cerqueira, Susi Rosas e Hilda França.
- ☞ Aos colegas e parceiros de pesquisa do NALPE (Núcleo de Antiguidade, Literatura, Performance e Ensino), em especial a Raul Oliveira Moreira e Ana Paula Silva Santos, por compartilharem comigo momentos preciosos de estudo. Sem vocês, o caminho não teria sido tão instigante!
- ☞ À FAPESB, pela concessão da bolsa de pesquisa que permitiu a realização deste trabalho.
- ☞ À UFBA e ao PPGLitCult, por me abrirem as portas do conhecimento científico em cada etapa desta pesquisa.
- ☞ Aos funcionários do ILUFBA: Thiago, Ricardo, Tâmara Cristiane e Maíra, pela atenção e solicitude todas as vezes que precisei.

*Primum itaque ego scientiae uestibulum
puto scire quod nescias.*

Eu penso, portanto, que a principal porta de entrada
para o conhecimento é conhecer o que tu desconheces.

(FVLG. *myth.* 1 praef.)

O presente trabalho se centra na tradução e estudo da obra *Expositio sermonum antiquorum*, da autoria de Fábio Placíades Fulgêncio, conhecido como o Mitógrafo, em função da difusão de sua obra mitográfica durante a Idade Média. A partir de um estudo introdutório, em que se discute a tradição em que se insere a obra do tipo enciclopédico-miscelâneo, com a estratégia de recurso à memória, e em que se explicitam elementos da tradição manuscrita e impressa da obra, apresentamos a nossa proposta de tradução anotada da *Sermonum*, a primeira para o português, como forma de contribuir para o desenvolvimento do projeto de análise e tradução de toda a obra fulgenciana, em realização no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE:

Fulgêncio; *Expositio sermonum antiquorum*; Tradução.

This work focuses on the analysis and translation of Fulgentius' *Expositio sermonum antiquorum*, author known as the Mythographer, because of the diffusion of his mythographic work during the Middle Ages. From an introductory study that discusses the tradition in which the work of the encyclopedic-miscellanic type is inserted, through the strategy of resorting to memory, and in which elements of the manuscript and printed tradition of the work are presented, we propose our annotated translation of *Sermonum*, the first one into Portuguese, as a way of contributing to the development of the project of analysis and translation of the entire Fulgentian work, in progress at Bahia Federal University's Postgraduate Program in Literature and Culture.

KEYWORDS:

Fulgentius; *Expositio sermonum antiquorum*; Translation.

Figura 1 – SANDAPILA ET VISPILLONES	61
Figura 2 – NEFERENDI SVES	66
Figura 3 – SVGGRVNDARIA	69
Figura 4 – ARVALES FRATRES	72
Figura 5 – INIVGES BOVES	74
Figura 6 – SEMONES	76
Figura 7 – TVTVLVVS	80
Figura 8 – SCVLPONEAE	87
Figura 9 – MNASITERNA	93
Figura 10 – LEMBVM	96
Figura 11 – VERVINA	100
Figura 12 – CISTELA	113
Figura 13 – CREPVNDIA 1	114
Figura 14 – CREPVNDIA 2	114
Figura 15 – ABSTEMIVS	120
Figura 16 – AVMACIVM	123

Introdução	12
1 A <i>Expositio sermonum antiquorum</i> e a tradição enciclopédico-miscelânea	17
1.1 O cristianismo e a sobrevivência do antigo em Fulgêncio	19
1.2 Os <i>sermones</i> de Fulgêncio e a tradição lexicográfica	21
1.3 <i>In quantum memoriae enteca subrogare potuit</i> : memória e esquecimento em Fulgêncio	26
2 Elementos para uma fortuna do texto fulgenciano	32
2.1 A transmissão textual e a questão dos dois Fulgêncios	32
2.1.1 Tradição manuscrita	35
2.1.2 Tradição impressa	39
2.1.2.1 Edições da <i>Sermonum</i>	40
2.1.2.2 Bibliografia	40
3 Tradução e estudo	46
3.1 O latim e o estilo fulgencianos	46
3.2 Processo de tradução e escolhas tradutórias	48
3.3 Tradução	56
Considerações finais	125
Referências	127

A pesquisa que culmina nesta dissertação, a princípio, surgiu a partir do projeto de pós-doutorado intitulado *As Mitologiae de Fulgêncio. Uma visão cristã dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média. Tradução e análise*, realizado no exterior, com concessão de bolsa de pós-doutoramento de 01 ano, realizado e coordenado pelo Prof. José Amarante Santos Sobrinho, em função da outorga do Prêmio CAPES de Teses – Edição 2014. O projeto, em continuidade na Universidade Federal da Bahia desde 2015, tem como escopo a análise e tradução das obras fulgencianas¹: *Mitologiae* ou *Mythologiarum libri tres*, “As Mitologias”²; a *Expositio Virgilianae Continentiae*, “Exposição dos Conteúdos de Virgílio”³; a *De aetatibus mundi et hominum*, “Da idade do mundo e dos homens”⁴; e a obra a que nos dedicamos, a *Expositio sermonum antiquorum*, “Elucidação de palavras antigas”, um breve elucidário constituído de sessenta e duas palavras encontradas em obras literárias de autores clássicos, consideradas antigas ou obsoletas e, por isso, possivelmente, de difícil compreensão para os leitores do período da Antiguidade Tardia (Alta Idade Média)⁵. Esse contexto histórico de cisão e caos econômico-políticos anteriores à era medieval impulsionava a decadência intelectual, havendo a escassez e o difícil acesso a grandes obras literárias. No entanto, produções intelectuais, aparentemente de pouco valor em si, como o é, por exemplo, a *Expositio sermonum antiquorum*, “asseguraram a continuidade da tradição clássica ao longo da Idade Média, quando as grandes obras

¹ Ao longo deste trabalho, nos referiremos às obras de Fulgêncio pelos seguintes termos: para a *Mitologiae* (Helm) citaremos *Mythologiae*; para a *Expositio Virgilianae continentiae*, citamos *Continentiae*; para a *De aetatibus mundi et hominum*, *De aetatibus*; e para a *Expositio sermonum antiquorum*, utilizaremos apenas *Sermonum*.

² A tradução das *Mythologiae* foi projeto de pós-doutorado de José Amarante (em fase de revisão), desenvolvido na Universidade de Siena (2016).

³ A tradução da *Continentiae* está sob a responsabilidade de Raul Oliveira Moreira, através do projeto de dissertação intitulado “*Exposição dos conteúdos de Virgílio de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*”, cuja defesa ocorrerá em 16 de abril de 2018 no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult - UFBA).

⁴ A tradução da *De aetatibus* está sob a responsabilidade de Cristóvão José dos Santos Júnior, através do projeto intitulado “A análise e tradução do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fábio Planciades Fulgêncio”, aprovado na seleção do PPGLitCult UFBA/2018.

⁵ Conforme Franco Junior (2005), ainda hoje as divisões da Idade média são motivo de discussões, havendo um consenso geral, em que se consideram as seguintes fases: *Antiguidade Tardia* ou *Alta Idade Média* ou *Primeira Idade Média* (do séc. V ao X), *Idade Média Plena* ou *Idade Média Clássica* (do séc. XI ao XIII) e *Idade Média Tardia* ou *Baixa Idade Média* (do séc. XIV ao XV).

literárias não estavam disponíveis ou não se adaptavam às necessidades e possibilidades da época.” (REYNOLDS; WILSON, 1986. p. 49-50). Assim, o seu autor, *Fabius Planciades Fulgentius*, mais comumente conhecido como *Fulgêncio, o mitógrafo*, é um escritor latino cristão, que, apesar do considerável sucesso e influência da sua *Mythologiae* durante a época medieval carolíngia (séculos IX-X), possui ainda uma biografia pouco conhecida. Do mesmo modo, a obra aqui estudada e o seu *corpus* bibliográfico são permeados de controvérsias relativas à autenticidade de autoria e de datação, tendo raras edições traduzidas para as línguas modernas, e nenhuma para a língua portuguesa. Sendo assim, a motivação para a realização desta pesquisa, em nível de Mestrado Acadêmico, se assenta não somente no fato de que a obra em estudo reúne um diverso substrato da cultura greco-romana e dá a conhecer a recepção da literatura clássica pelos primeiros cristãos da Antiguidade Tardia, mas também na inexistência de traduções para o português, havendo alguns poucos registros de estudos sobre a obra e o autor no Brasil⁶.

A tradução dessa obra, como já dito, será a primeira para língua portuguesa, e, portanto, almejamos que ela contribua para o enriquecimento e o crescimento do número de traduções de obras clássicas no Brasil, observada a carência ainda existente, especialmente para a Antiguidade Tardia e autores considerados marginais. Acreditamos que a análise do processo de tradução, por sua vez, trará à baila discussões e problemas relativos à tradução de línguas clássicas para os estudos da tradução como um todo. Como já discutido, o trabalho não apenas visa à produção de uma tradução inédita da obra, como também à análise do processo de tradução de uma língua clássica,

⁶ Os registros localizados em português são aqueles realizados por ou sob a orientação do Prof. José Amarante: “O maravilhoso, o sobrenatural e o inexplicável dos mitos pagãos na visão de um mitógrafo cristão do início da Idade Média”, uma conferência de autoria do Prof. José Amarante, apresentada por ocasião da abertura da V Jornada de Estudos Clássicos - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2015); “A *Expositio sermonum antiquorum* de Fábio Planciades Fulgêncio: notícias de uma tradução”, de Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida, apresentado por ocasião do I Encontro do Nordeste de Estudos Clássicos, evento realizado em João Pessoa-PB, em novembro de 2014; “Traduzindo a *Expositio Sermonum Antiquorum* de Fábio Planciades Fulgêncio”, de Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida, trabalho apresentado no II Encontro de Estudos Clássicos da Bahia, evento realizado em Salvador, em abril de 2015; AMARANTE, José. L'architettura orizzontale dei tre libri delle *Mythologiae* di Fulgenzio. *Studi Italiani di Filologia Classica*, Firenze, 2017 (no prelo); *Os temas e as fontes de Fulgêncio em “Expositio sermonum antiquorum”*: a Antiguidade na visão de um cristão na transição entre o mundo antigo e o Medievalo, por José Amarante e Shirlei Almeida, XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Ouro Preto e Mariana-MG; ‘Expositio sermonum antiquorum’, Fabio Placiade Fulgenzio. *Introduzione di Ubaldo Pizzani*, tradução para a revista Estudos Linguísticos e Literários (nº 55, 2016), por José Amarante e Shirlei Almeida. Duas dissertações encontram-se em desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia: *A Expositio Virgiliana continentiae* de Fulgêncio: tradução e análise, por Raul Oliveira Moreira; *A Expositio sermonum antiquorum* de Fulgêncio: tradução e análise, por Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida.

em sua versão tardia, para uma língua moderna. Sendo assim, este poderá trazer contribuições, tanto pela própria tradução em si, que se somará ao número, em avanço, de obras clássicas traduzidas no país, quanto pela análise do seu fazer tradutório, visto que esse trabalho, eu acredito, enriquecerá as discussões sobre a temática, principalmente as relativas às obras clássicas, dentro do campo dos estudos tradutórios contemporâneos.

A pesquisa sobre o escritor Fulgêncio, conforme destacamos, tem mostrado que há poucos registros de estudos sobre suas obras no Brasil, isso se devendo ao fato de serem obras de um escritor cristão do período pós-clássico, considerado menor, sendo, portanto, pouco estudadas e quase desconhecidas. É sabido que, em nosso país, os autores e as obras literárias da Antiguidade, ou seja, os do período clássico são, razoavelmente, conhecidos por nós, sendo bastante estudados, e havendo boas traduções no mercado editorial, assim como autores e obras literárias do período do Renascimento, ou seja, do início da Idade Moderna. No entanto, percebemos que subsiste uma lacuna, isto é, o período de transição entre a Antiguidade e a Alta Idade Média é ainda pouco estudado e, por isso, carente de maiores estudos e de traduções na atualidade. Portanto, a análise e a tradução da obra se justificam também pela relevância de se vir a conhecer as visões e representações particulares da apropriação e recepção da tradição literária clássica pelos primeiros cristãos, já que Fulgêncio, em suas citações diretas ou alusões, menciona uma lista variada de autores greco-latinos e suas respectivas obras literárias.

A linha *Tradução Cultural e Intersemiótica*, conforme sua proposta de pesquisa, abre um leque de possibilidades ao se pensar o processo de tradução, pois traz a visão de que “o processo de tradução ocorre a partir de um outro lugar de fala, resulta de jogos de interpretação, apropriação, deslocamento de uma ideia de origem, derivando na reescrita de um texto, que não será idêntico àquele que o originou (MANUAL DE SELEÇÃO PPGLitCult, 2015, p. 8)”, e, mais ainda, o tradutor imprime, ainda que inconscientemente, as suas marcas no texto de chegada, ou seja, não apenas o traduz, mais o ressignifica, fato que dialoga diretamente com a proposta tradutória buscada neste trabalho, pois põe a tradução ao centro, vendo-a como uma forma de ressignificação cultural. Assim sendo, Fulgêncio, atuando, de acordo com a nossa visão, como um intérprete, busca traduzir para sua época o universo mitológico greco-latino, considerado como referência cultural, e, por sua vez, a nossa tradução, no sentido dessas ideias desconstrutivistas, busca também ser acessível aos leitores e estudiosos do nosso

tempo. Esta abordagem, por assim dizer, propicia o *re-evocar* dos sentidos, que, por ventura, se achem plasmados no texto de partida latino. Além disso, enxergar a tradução da obra sob essa perspectiva é permitir que o texto e seu autor, por tanto tempo esquecidos, possam reviver, a partir da reatualização de um presente remoto em nosso momento sincrônico.

Para se explicitar como se levou a cabo e se estruturou aqui a proposta, indicamos que esta dissertação está organizada em três seções principais: no primeiro capítulo, intitulado *A “Expositio sermonum antiquorum” e a tradição enciclopédico-miscelânea*, apresentamos brevemente a obra e sua estrutura, como também a tradição de que a *Sermonum* faz parte, apresentando como surgem e quais são os objetivos desses tipos de obras consideradas enciclopédico-miscelânicas como a nossa obra; a seguir, discutimos o contexto histórico e geográfico de Fulgêncio e as repercussões trazidas da cultura greco-latina, ou seja, como a Antiguidade se faz presente neste novo contexto cristão. A seguir, situamos a *Sermonum* dentro da tradição lexicográfica, apresentando obras que devem ter servido de inspiração a Fulgêncio para a sua produção; e encerramos o capítulo com uma discussão a respeito da metodologia empregada pelo autor durante a feitura do seu *libellus* e as questões referentes às citações de obras e autores trazidos naquele.

No próximo capítulo, intitulado *Elementos para uma fortuna do texto fulgenciano*, tratamos sobre a transmissão textual da *Sermonum*, ou seja, apresentamos e discutimos como a questão da homonímia existente entre o nosso autor Fulgêncio Plancíades e o Fulgêncio, o bispo de Ruspe, influenciou diretamente na sorte não apenas da *Sermonum*, mas de toda a obra do mitógrafo. Nesta seção indicamos a tradição manuscrita, ou seja, os códices existentes, e também as edições impressas da obra, e finalizamos o capítulo com uma bibliografia das edições, traduções e estudos críticos a respeito da *Sermonum*.

No terceiro capítulo, intitulado *Tradução e estudo*, tratamos sobre o processo tradutório e apresentamos a tradução propriamente dita da obra. Antes, discutimos aspectos do latim e do estilo de Fulgêncio e, após isso, as escolhas ou ‘silenciamentos’, através de estrangeirizações ou ainda domesticações realizadas. A tradução apresenta em sua íntegra anotações contendo comentários e explicações relativas aos verbetes traduzidos (designados como *sermo/sermones*), variando de acordo com a situação: discussões e consensos trazidos pelos estudiosos da obra e do autor frente à etimologia do termo em definição, o seu significado original e as suas extensões de sentido, a

documentação dos termos em dicionários e glossários, assim como debates a respeito da veracidade dos fragmentos e da sua atribuição aos autores indicados por Fulgêncio, numa exposição aprofundada de dados e fatos históricos e/ ou culturais ligados ao verbete em explicação, compondo assim a análise da obra.

Para fecharmos este trabalho, são apresentadas algumas considerações finais como forma de refletir sobre a empreitada de traduzir e comentar autores tardo-antigos tão pouco estudados em nossa língua, como é o caso de Fulgêncio, autor de obras desconhecidas na realidade brasileira e portuguesa como um todo e considerado marginal dentro dos Estudos Clássicos entre nós, com raras traduções às línguas modernas, entre as quais destacamos a de Ubaldo Pizzani (1968) para o italiano, autor com quem buscamos maior diálogo e a cuja obra devemos grande parte das notas explicativas ao longo da nossa tradução.

A obra trata-se, conforme seu próprio título indica, de um sucinto glossário de palavras consideradas antigas ou raras. Comumente denominado nos manuscritos como *Fulgentii expositio sermonum antiquorum*, este breve elucidário faz parte, juntamente com as *Mythologiae*, a *Expositio Virgilianae continentiae* e a *De aetatibus mundi et hominum*, do conjunto de obras atribuído pela crítica a Fulgêncio, o mitógrafo⁷.

O opúsculo, numa estrutura recursiva e reiterativa, logo após um curto prólogo direcionado a um desconhecido *dominus*, denominado *Calcidium* ou *Chalcidium grammaticum* (não se trata de Calcídio, o comentador do *Timeu* de Platão⁸), apresenta as entradas com as explicações ou definições de sessenta e dois *sermones*⁹. Cada um deles, com uma ou duas exceções, é definido e ilustrado com uma breve citação, em que, pelo menos, um autor, muitas vezes de uma determinada obra, é explicitado. Assim, estas palavras seriam aquelas encontradas em autores gregos e latinos da Antiguidade, como em Ênio, Plauto, Virgílio, ou em outros mais tardios, como Petrônio, Propércio, Apuleio, Marciano Capela entre outros, que, vez ou outra, fizeram uso de um vocabulário antigo em suas obras.

⁷ Embora na primeira edição crítica das obras de Fulgêncio, datada no ano de 1898, Rudolf Helm credite cinco obras ao autor, apenas as *Mythologiae*, a *Continentiae* e a *Sermonum* podiam ser consideradas, de maneira segura, de autoria de Fábio Placíades Fulgêncio. Hoje parece ser ponto pacífico também a atribuição de autoria da *De aetatibus* ao autor, conforme declara Massimo Manca (2003, p. 33): “A partir de Iungmann em diante a atribuição da *De aetatibus* a Fulgêncio, autor das *Mythologiae* foi universalmente aceita” (“*Da Iungmann in poi l’attribuzione del De aetatibus al Fulgenzio autore delle Mythologiae è universalmente accettata.*” As traduções apresentadas são nossas, exceto quando indicado o tradutor). A respeito da autoria fulgenciana cf. WHITBREAD, 1971; HAYS, 1996; MANCA, 2003; WOLFF, 2003.

⁸ VALERO MORENO (2005).

⁹ Em nossa tradição, de acordo com Pennisi (1963), a obra apresenta sessenta e duas entradas, embora sejam explicadas, em sua totalidade, sessenta e sete palavras distribuídas nessas entradas: “Cada entrada concerne, em geral, a um único verbete; as entradas que abrangem mais de um verbete são sete mais três: sete fornecidos com a típica legenda ‘*quid sit*’ para cada verbete, com exceção do *sermo* 24, que traz três verbetes, dos quais dois com uma legenda única; três com outros verbetes sem a legenda ‘*quid sit*’ em um verbete com legenda” (“*Ogni articolo concerne, in genere, una sola voce; gli articoli riguardanti più voci sono sette più tre: sette forniti della tipica didascalìa 'quid sit' per ciascuna voce, tranne l’articolo 24, che riporta tre voci, di cui due con didascalìa unica; tre riportanti altre voci senza didascalìa in una alla voce con didascalìa.*” PENNISI, 1963, p. 126)

Como se trata de uma espécie de compilação das glosas do nosso autor, a obra tem um caráter eclético, apresentando fragmentos de diversos campos do saber antigo, variando desde ritos funerários antigos a costumes ligados ao povo etrusco¹⁰, ainda elementos da oratória grega, poemas, peças e narrativas romanas. Não se percebe nenhuma ordem pré-estabelecida na apresentação das explicações dos *sermones*, como por exemplo, alfabética ou temática, apesar de haver alguns poucos sinais de agrupamento por tema:

[...] as entradas de 1 a 11 tratam de termos ligados aos costumes de sepultamento, adivinhação, sacrifícios religiosos e divindades menores, enquanto as de 12 a 62 (com exceção das entradas 14 e 48, que podem ser deslocadas e pertencerem à primeira categoria) referem-se às palavras estranhas (coloquiais e técnicas), termos referentes a alimentos, barcos, utensílios, relativos às meretrizes, e assim por diante, especialmente os que são encontrados em peças de teatro, poemas e romances (WHITBREAD, 1971, p. 157)¹¹.

De acordo com a tradição, na Antiguidade tardia era comum a produção de obras que possuíam caráter heterogêneo e erudito, visto a necessidade de se abordar distintos temas, daí o uso do gênero enciclopédia e miscelânea. Paola Druille (2013) orienta que os primeiros escritores enciclopédicos da Antiguidade foram os sofistas, pois era importante mostrar conhecimento a respeito das várias artes e assuntos, e essa tendência cresce à época dos romanos:

Em sentido geral, a enciclopédia romana toma emprestada a expressão grega ἐγκύκλιος παιδεία e fixa seu significado para aplicá-lo a ciclo de artes inter-relacionadas chamadas artes liberais que constituíam a educação geral e elementar. Com isto, o gênero enciclopédico torna-se uma coleção prática e concreta de informação sobre palavras e coisas (DRUILLE, op. cit. p. 241-243)¹².

Assim, as obras enciclopédicas dos romanos buscavam mostrar, de maneira sistemática e compreensível, o conhecimento sobre uma série de assuntos. Druille (op.

¹⁰ Os etruscos, denominados assim pelos romanos (*Tusci* ou *Etrusci*), era um povo migrante, chamados pelos gregos Tirrenos (Tyrrhenoi, em Heródoto), daí o nome de mar Tirreno, onde esses povos construíram suas cidades: “os etruscos não seriam outros senão os lídios que, de acordo com a cronologia do historiador grego, Heródoto, eles teriam deixado o seu país numa data bastante recuada, no século XIII a. C., vindo instalar-se às costas da Itália.” (BLOCH, 1966, p. 52)

¹¹ [...] *entries 1-11 deal with terms involved with burial customs, divination, sacrifice, and minor deities, while 12-62 (except for 14 and 48, which may be misplaced and belong in the first category) cover odd words —colloquial and technical terms—for foods, boats, utensils, women of the streets, and so forth, particularly as found in plays, poems, and romances.*

¹² *En un sentido general, la enciclopedia romana toma prestada la expresión griega ἐγκύκλιος παιδεία y fija su significado para aplicarlo a un ciclo de artes interrelacionadas llamadas artes liberales que constituían la educación general y elemental. Con esto, el género enciclopédico se deviene en una colección práctica concreta de información sobre palabras y cosas.*

cit.) apresenta como modelo do gênero a *Historia Naturalis* de Plínio, o Velho, obra cujo título abarca vários campos do saber, desde astronomia, meteorologia, geografia a medicina, arquitetura etc. Esta obra, por sua vez, segue como modelo a *De lingua latina* de Varrão, havendo ainda autores com Aulo Gélío e Clemente de Alexandria que também utilizaram um matiz miscelânico em seus escritos para os seus leitores (DRUILLE, op. cit. p. 244).

1.1 O cristianismo e a sobrevivência do antigo em Fulgêncio¹³

Hays (2004) discute que, para entendermos Fulgêncio, é necessário antes entender o contexto histórico e cultural de sua produção. Assim, à altura dos acontecimentos de 476, já existia o rearranjo político e territorial do Império Romano do Ocidente, surgindo novas organizações políticas que passam a ocupar regiões outrora romanas, i.e, os reinos *romano-bárbaros*, atualmente *germânicos*. Os Vândalos, um dos povos migrantes, depois da conquista da Sicília, ocupam a África em 429, e a mantêm sob o domínio até 553, quando retorna ao domínio dos Bizantinos, ou seja, seria essa a região e esse o período em que os estudiosos situam o nosso autor (CITRONI et al. 2006).

Fulgêncio é um autor latino que, de acordo com os indícios apresentados no longo prólogo de suas *Mythologiae*, é situado no Norte da África – a então África dos Vândalos – entre finais do século V e início do século VI da era cristã, um período de transição – final da Antiguidade Tardia e início da Idade Média, tendo o autor vivido em um contexto histórico marcado por convulsões políticas, por contínuos conflitos militares e pelas crescentes migrações germânicas.

Fulgêncio, sendo possivelmente um *grammaticus* ou *rhetor*, do mesmo modo que fizeram os principais intelectuais de sua época, como Boécio (c. 480-525?) e Cassiodoro (c. 490-c. 583), toma para si a incumbência de recuperar e reordenar o saber antigo, visto que “todo o patrimônio cultural greco-romano salvo na queda do império encontra-se disperso por uma miríade de obras complicadas e de difícil leitura por

¹³ Parte das reflexões aqui apresentadas são decorrentes de uma comunicação intitulada *Os temas e as fontes de Fulgêncio em “Expositio sermonum antiquorum”*: a Antiguidade na visão de um cristão na transição entre o mundo antigo e o medievo da autoria de José Amarante e Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida, por ocasião do XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, realizado em Mariana, em 2015. Nos referiremos a esse trabalho através da designação AMARANTE; ALMEIDA, 2015.

homens capazes de se referir apenas a conhecimentos e a noções do tipo compendioso e simplificado.” (STOPACCI, 2012. p. 502).

Mattiacci (2003) vê Fulgêncio como uma “singular figura de erudito de múltiplos interesses”¹⁴, contudo, embora situado nos limiares da Idade Média, o maior interesse de Fulgêncio é a Antiguidade, ou seja, ele apenas teria aparentemente uma multiplicidade de interesses, que se resumiria num único foco: o mundo antigo reinterpretado sob a nova ótica cristã (AMARANTE; ALMEIDA, 2015). Ainda a esse respeito acrescenta Valero Moreno:

Em suas três obras, Fulgêncio demonstra um grande interesse pela etimologia e pela interpretação dos nomes. Na primeira delas [*Mythologiae*] resume e interpreta cinquenta fábulas em termos cósmicos e morais ou alegóricos, em forma de *Expositio*, “*secundum philosophiam moraliter*”, isto é, no modo característico do amálgama cristão do senequismo e do neoplatonismo (VALERO MORENO, 2005, p. 118)¹⁵.

Essa afirmação leva em consideração toda a sua obra, uma vez que a sua produção se centra sempre em algum elemento referente a esse cenário cultural: nas *Mythologiae*, a releitura cristã dos mitos clássicos; na *Continentiae*, a releitura da *Eneida* de Virgílio, também numa perspectiva cristã; na *De aetatibus*, uma narrativa da criação universal que trata das eras do mundo e dos homens baseada numa perspectiva religiosa cristã, e na *Sermonum*, uma leitura explicada do léxico ligado a elementos culturais antigos. No caso das duas primeiras, é visível a motivação: os mitos antigos, presentes tanto nas narrações mitográficas quanto na própria *Eneida*, eram um tesouro em vias de desaparecimento, na realidade complexa das migrações germânicas visível a Fulgêncio (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

Em relação à *Sermonum*, ainda se vê o mesmo interesse, mas numa outra perspectiva, não diretamente a literária, mas a linguística, quer dizer, o que se vê aqui é um Fulgêncio registrando um léxico ligado à Antiguidade e – ao que se depreende – não mais em uso no período em que vive, portanto a motivação *grosso modo* não é diversa: trata-se da necessidade de se registrar elementos do tesouro da Antiguidade, em vias de desaparecimento, mas agora elementos linguísticos, donde se põe a língua como também um dos patrimônios de um povo. Embora nesta obra o registro que se busca

¹⁴ ... *singolare figura di erudito dai molteplici interessi* (MATTIACCI, 2003, p. 230).

¹⁵ *En estas tres obras Fulgencio muestra un gran interés por la etimología y la interpretación de los nombres. En la primera de ellas, [...] Fulgencio resume e interpreta 50 fábulas en términos cósmicos y morales o alegóricos, al modo de la Expositio, «secundum philosophiam moraliter», esto es, en el modo característico de la amalgama cristiana del senequismo y el neoplatonismo* (VALERO MORENO, 2005, p. 118, apud AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

seja de natureza linguística, Fulgêncio o faz tendo por base, com o que se pode afirmar¹⁶, os textos literários, muito embora por vezes com equívocos e falhas de pesquisa, conforme se verá mais adiante (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

Diante do contexto de um patrimônio cultural em desmoronamento, Fulgêncio em alguma medida é um caso modelar, ainda que lacunoso, impreciso e, muitas vezes, falho, de um intelectual de seu conturbado período, uma vez que o que produz esteja mais afeito à esfera da manutenção do antigo. Sejam quais forem os defeitos de seu registro, ele se esforça por fazer permanecer os elementos de uma civilização em crise e que será a pedra fundamental para o estabelecimento da cultura ocidental: a greco-latina (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

Diante disso, admitida a clareza sobre a sua motivação, seus interesses, cientes do agitado e confuso período em que vive o autor, as suas obras, como por exemplo, as *Mythologiae*, vemos que os mitos vinham de uma tradição de registro já bastante conhecida, e mesmo entre os latinos, haja vista o sucesso das *Metamorfoses* de Ovídio¹⁷, que se prolongará por toda a Idade Média¹⁸. Quanto à *Sermonum*, se a consideramos como um glossário de termos antigos, fica a pergunta sobre quais teriam sido as fontes de Fulgêncio e sobre como se deu a sua seleção de palavras. Evidentemente, quando se elabora um glossário, tem-se sempre em vista a tentativa de cobrir uma área específica de conteúdo ou, mesmo quando se pretende um glossário exaustivo, tem-se sempre a ciência da impossibilidade de um registro completo. Em função disso, em geral, quem elabora glossários considera uma base de fontes sobre as quais sistematizará um conhecimento lexicográfico (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

1.2 Os *sermones* de Fulgêncio e a tradição lexicográfica

Para a conservação do legado cultural, literário e retórico da época clássica, se fazia necessário recolher, reordenar e sintetizar o máximo do saber proveniente da Antiguidade e, após isso, submetê-lo às exigências da nova cultura cristã. Assim, de acordo com Bisogno (2012), a tendência à produção de compêndios, *i. e.*, ao

¹⁶ Dada a existência de registro de obras e autores não conhecidos entre os citados por Fulgêncio, não é possível que afirmemos, categoricamente, sobre a natureza de todas as suas fontes.

¹⁷ Entre os latinos, registra-se também, com suas *Fabulae*, a figura de Higino, que provavelmente tenha vivido entre 64 a.C e 17 d.C.

¹⁸ A própria existência das edições dos *Mythographi Vaticani* é um dos sinais da vitalidade do discurso mitográfico na Idade Média e no Renascimento, vigor bastante visível nas artes como um todo.

*enciclopedismo*¹⁹, caracteriza a Alta Idade Média, já que há uma emergência de se preparar as gerações vindouras através da produção de obras, que, embora consideradas de pouca profundidade e de escassa originalidade, são úteis ao estudo e possibilitam, de modo compreensível e assimilável, o acesso à cultura clássica²⁰. Como exemplo de enciclopedismo medieval, destacamos a *De Nuptiis Philologiae et Mercurii*²¹ de Marciano Capela (410-439), escritor pagão também africano. Essa obra, fundada sob moldes pagãos²², criou a tradição do estudo das *artes liberales*, inaugurada por Agostinho (354-430) e seguida por Cassiodoro, nas *Institutiones*²³, e por Isidoro de Sevilha (c. 560-636), nas *Etymologiae*, uma preciosa obra enciclopédica sobre os mais diversos campos do saber, compilada e escrita segundo “o estilo dos antigos”, ou seja, a *recordatio* – a partir de tudo quanto a sua memória pode absorver das leituras realizadas durante a sua formação erudita (BISOGNO, 2012).

Do mesmo modo, em suas obras, Fulgêncio, de acordo com a nossa visão, busca traduzir para sua época o universo mitológico greco-latino, considerado como referência cultural. Os seus escritos, como os de Macróbio (c. 370-430), Nônio Marcelo (séc. IV, provavelmente), Prisciano (sécs. V e VI) e outros, são motivados pela tentativa de restaurar o ideal intelectual do Império, pois grande é a decadência de conhecimento e a

¹⁹ “A enciclopédia [na Antiguidade], por sua parte, remitia ao saber geral e tradicional que um autor redigia, buscando um fim pedagógico essencial: a formação educativa do homem. [...] Caracterizada por um sincretismo eclético, os princípios de compilação, universalidade e síntese se transformam na parte intrínseca e instrumental da enciclopédia.” (DRUILLE, 2013, p. 241-242).

²⁰ “As gramáticas e compilações da Antiguidade tardia serviram para uma dupla finalidade, pois as citações que usavam para ilustrar uma palavra ou um texto proporcionaram aos homens da Idade Média o que foi em seus tempos o resumo dos seus conhecimentos da literatura antiga, e lhes permitiram dar a seus escritos um verniz de sabedoria que lamentavelmente destoava com a escassez de suas leituras clássicas.” (*Las gramaticas y compilaciones de la antigüedad tardía sirvieron para una doble finalidad, pues además las citas que usaban para ilustrar una palabra o un hecho proporcionaron a los hombres de la Edad Media lo que fue en sus tiempos la suma de sus conocimientos de la literatura antigua, y les permitieron dar a sus escritos un barniz de sabiduría que lamentablemente desentonaba con la escasez de sus lecturas clásicas.* REYNOLDS; WILSON, 1986. p. 51).

²¹ “... um tratado alegórico sobre as sete artes liberais, que aparecem como donzelas nas bodas de Mercúrio e Filologia” (... *un tratado alegórico sobre las siete artes liberales, que aparecen como doncellas en las bodas de Mercurio y Filología,* REYNOLDS; WILSON, 1986. p. 51).

²² Importante frisar que o termo *paganismo* inexistia no mundo antigo. O sentido e a descrição religiosa e política vista como pagã emergiu não do mundo antigo, mas da sua dissolução, pois essa denominação foi um produto dos primeiros cristãos para se separar daqueles povos que desprezavam. (GRAFTON, 2010, p. 675).

²³ Cassiodoro, “valendo-se de sua rica biblioteca compôs as *Institutiones divinarum lectionum*, estudando as que seus monges se instruíam sem a necessidade de mestres. Fez transcrever muitos códices, salvando assim do naufrágio geral grande parte da literatura antiga, algo da qual se achava incluída em suas *Institutiones*” (*valiéndose de su rica biblioteca compuso las Institutiones divinarum lectionum, estudiando las cuales sus monjes se instruían sin necesidad de maestros. Hizo transcribir muchos códices, salvando así del naufragio general gran parte de la literatura antigua, algo de la cual se hallaba incluida en sus Institutiones.* RIGHI, 1969. p. 79)

ignorância dos povos do Norte de África, como o próprio autor menciona no prefácio do livro I das suas *Mythologiae* – ainda que sua escrita possa refletir um *tópos* em prefácios do período (vd. Hays, 1996). Fulgêncio, portanto, traz a sua contribuição à educação e cultura africanas, ao demonstrar um fértil interesse profissional nas mais variadas artes liberais, pois em suas obras:

Ele varia, mais amplamente do que profundamente ou precisamente, entre as artes liberais, deixando um rastro de memorização erudita: nas *Mitologias*, partes de astronomia (1.18; 2.14), música e matemática (2.9,10), História Natural (1.16; 2.16; 3.8), e semelhantes; nos *Conteúdos de Virgílio*, dialética e retórica; na *Elucidação de palavras antigas*, partes de folclore variado e filologia (WHITBREAD, 1971, p. 7).²⁴

Embora Fulgêncio, assim como os seus contemporâneos, conforme orienta Whitbread (1971), não costume especificar nominalmente as suas fontes imediatas, a este tipo de compêndio como a *Sermonum* assemelham-se outras compilações e epítomes da Antiguidade romana tardia. Assim, um exemplo de obras de tradição enciclopédica é o *De lingua latina* do erudito Marcos Terêncio Varrão, que seria outra fonte provável para as *Mythologiae* e, também do mesmo autor, uma obra perdida, a *Quaestiones Plautinae*, que trata sobre palavras difíceis das peças de Plauto (WHITBREAD, 1971).

Ainda há, como visto antes, a *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho, uma enciclopédia que é um verdadeiro celeiro de material antigo. Ao lado dessas obras, existe um epítome organizado em vinte tomos do tratado enciclopédico *De verborum significatu* de Marco Vérrio Flaco, célebre gramático que floresceu durante o período de Augusto, concebido pelo desconhecido escritor Pompeu Festo que, durante o período carolíngio, foi recuperado por Paulo Diácono. Há também a obra de Nônio Marcelo, um pouco conhecido e laborioso compilador comumente situado no início do século IV, a *De compendiosa doctrina* (ou *De proprietate sermonum*), um compêndio de vinte livros que tratam das funções gramaticais e classes de palavras, sobre termos marítimos, vestuário entre outros assuntos (WHITBREAD, 1971, p. 158).

Ao lado disso, Pennisi (1963) afirma que, paralelos a Fulgêncio, o são os autores Festo, Nônio, Sêrvio, Macróbio, Carísio e Isidoro:

²⁴ *He ranges, more widely than deeply or accurately, over the liberal arts, leaving a trail of rote erudition: in the Mythologies, scraps of astronomy (1.18; 2.14), music and mathematics (2.9, 10), natural history (1.16; 2.16; 3.8), and the like; in the Content of Virgil, dialectic and rhetoric; in the Explanation of Obsolete Words, bits of assorted folklore and philology.*

mas ao lado dele estão, aqui não hesito em afirmar, nas relações e limites de obras e do tempo, Varrão e Probo, Vétrio e Plínio, Frontão e Gélío, os grandes da lexicografia, os originais das vozes da Antiguidade. Dos vários testemunhos relatados por Fulgêncio na exemplificação dos *sermones*, apenas três encontram correspondência com outros estudiosos ou eruditos ou lexicógrafos como Festo ou Nônio ou Sêrvio ou Isidoro, além das vozes até desconhecidas para esses estudiosos (PENNISI, op. cit. p. 135-136)²⁵

Ao que nos parece, a *Sermonum* foi inspirada na *De compendiosa doctrina* de Nônio Marcelo (séc. IV, provavelmente), visto que ambas as obras muito se assemelham na estrutura. A *De compendiosa* apresenta uma estrutura fácil e regular, pois traz uma definição ou glosa do sentido de cada uma das acepções das palavras de entrada, quase sempre através de fórmulas mais ou menos fixas: *significatione manifesta est, significationem / significantiam habet manifestam / notam / claram, consuetudine quam significantiam habeat claret, significationem habet apertam, planum est quid significet*.

A obra apresenta uma ou mais citações ilustrativas para o termo abordado, citando obras e autores, como Virgílio, Cícero, Lucílio, Varrão, Plauto, Terêncio, Salústio, Lucrécio entre outros, de maneira regular, mecânica e consciente, nos levando a concluir que a citação “procede da recordação de sua própria memória ou, mais provavelmente, de uma glosa marginal que encontrou no autor anteriormente citado ou em uma fonte gramatical, ou de algum comentário etc (LLORENTE PINTO, 1997-98, p. 83)²⁶”.

Analogamente à obra de Nônio, e, de acordo com as afirmações do curto prólogo da obra, Fulgêncio compôs o livrinho, conforme veremos mais detidamente à frente, utilizando a estratégia de retirar da memória tudo que conseguia recuperar em relação ao tema sobre o qual escrevia, consagrando a obra às revelações das coisas que devem ser elucidadas [... *rerum manifestationibus dantes operam lucidandis*].

Quanto ao caráter diverso da maioria do léxico abordado por Nônio Marcelo, há em sua obra termos arcaicos, desusados, tecnicismos, poetismos, usos figurados contextuais etc e, apesar de não serem palavras especialmente obscuras, são até bastante correntes nos escritos latinos. Já em Fulgêncio, não é possível termos segurança

²⁵ *Ma accanto gli stanno, io qui non esito ad affermarlo, nei dovuti rapporti e limiti di lavoro e di tempo, Varrone e Probo, Verrio e Plinio, Frontone e Gellio, i grandi della lessicografia, gli originali delle voci della antichità. Dei vari testimonia riportati da Fulgenzio nella esemplificazione dei sermones, soltanto tre trovano rispondenza presso altri studiosi o eruditi o lessicografi quali Festo o Nonio o Servio o Isidoro, a parte le voci addirittura ignote a codesti eruditi.*

²⁶ *Procede de um recuerdo memorístico propio o, más probablemente, de una glosa marginal que encontró en el autor anterior que cita o en una fuente comentarista, gramatical etc.*

completa para afirmar qual teria sido a motivação na seleção. Como já afirmado, as explicações variam em torno de nomes ligados aos *costumes funerários antigos*, aos *sacrifícios*, a *elementos do folclore*, à *descrição de objetos* e de *elementos da vida cotidiana*, sempre referendando as suas análises a partir de obras de autores gregos e latinos, entre autores cujas obras chegaram até nós e autores dos quais só temos notícia através do próprio Fulgêncio.

A estrutura básica da explicação dos sessenta e dois *sermones* não é complexa: iniciada sempre com a afirmação [*Quid sit ...*], é seguida de um comentário explicativo, que define a palavra, a partir do aporte de uma ou duas breves citações de autores clássicos. Essa estrutura se repete sessenta e duas vezes, com algumas variações no padrão básico; às vezes, uma única entrada apresenta definição de mais de um item lexical:

47 . *Summates dicuntur uiri potentes, simpolones dicuntur conuiuuae*
[...]

47. *Summates* são denominados os homens poderosos, *simpolones* são chamados os convidados [...]

Um dos principais estudiosos de Fulgêncio, Gregory Hays, analisando a estrutura da obra, afirma que, “em cada entrada, Fulgêncio usa três itens principais para transmitir a informação: *a palavra ou frase a ser definida, a definição em si e uma citação ilustrativa*. Porém, Fulgêncio esforça-se para nunca apresentar estes três itens sempre da mesma forma” (HAYS, 1996, p. 218)²⁷. Sendo assim, na obra há as seguintes possíveis variações na frase básica ‘*A significa B*’:

1. Sandapilam *antiqui dici uoluerunt* feretrum mortuorum
os antigos afirmaram

2. Vispillones *dicti sunt* baiules
são chamados

18. Frigutire *dicitur* subtiliter adgarrire
é denominado

29. Stega *est* navis proscenium
é

(HAYS, 1996, p. 218)

Apesar de se tratar de uma *expositio* das palavras consideradas obsoletas ou desconhecidas, a *Sermonum* foge da padronização geral dos glossários antigos, que são

²⁷ *In each entry, Fulgentius has three main items of information to convey: the word or phrase to be defined, its definition, and illustrative quotation. Yet Fulgentius strives valiantly never to present these three items in quite the same way.*

geralmente organizados por temas ou por ordem alfabética. Podemos identificar até certa quantidade de agrupamentos temáticos, como palavras e frases ligadas a rituais religiosos (4-6, 9-10, 14), ritos fúnebres (1-3: *sandapilam*; *vispillo*; *pollinctor*), alimentos (39-42: *lentaculum*; *edulium*; *tucceta*; *ferculum*) e náutica (29-30: *stega*; *lembum*). Porém, há uma abundância de exceções a esses agrupamentos, mostrando o caráter aleatório do método mnemônico (*memoriae enteca*) que Fulgêncio emprega:

Ele é um homem de vastos interesses, que se interessou pelos desconhecidos sentidos do arcaísmo romano e que lê os dramaturgos republicanos com apreciação e entendimento. [...] Assim, de fato, a *Expositio* não é de todo um glossário, mas um retrato de como seu criador gostaria que pensássemos sobre ele (HAYS, 1996, p. 220)²⁸

A estrutura e o método da obra, de certa forma, demonstra uma imagem do seu mentor: um homem erudito que, movido pelo amor ao conhecimento, nos legou alguns frutos de suas leituras e pesquisas.

1.3 *In quantum memoriae enteca subrogare potuit*: memória e esquecimento em Fulgêncio

Ela, então, diz: “Donde vem para ti estas coisas, homenzinho, tanta consciência da ignorância, donde esta clareza tão precisa do desconhecer? De fato, enquanto examinas de perto as coisas preservadas por séculos, revelas prudentemente ter conhecimento daquilo que não sabes”.

Eu, então: “Se a estes, a quem acontece desconhecer alguma coisa, nem sequer tenha acontecido conhecer o seu próprio desconhecer, quanto melhor seria a eles também acontecer de não nascer ao invés de, nascidos, viver de modo ineficaz. *Eu penso, portanto, que a principal porta de entrada para o conhecimento é conhecer o que tu desconheces.*”

(A Musa para Fulgêncio, no prólogo das suas *Mythologiae*²⁹)

Ao revisitar os princípios do processo humano da memória, Paul Ricouer (2003) afirma que “desde Platão e Aristóteles, falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam *anamnesis*. E quando essa busca termina, falamos de reconhecimento.”

²⁸ *He is a man of broad interests, who has dabbled in obscurer reaches of Roman antiquarianism and reads the Republican playwrights with appreciation and understanding. [...] in fact, the Expositio is not really a glossary at all, but a sort of intellectual portrait of its creator as he would wish us to think of him.*

²⁹ Todas as traduções das *Mythologiae* utilizadas neste trabalho são de José Amarante (2016). Todos grifos em itálico, negrito ou sublinhado não somente desta seção, como também das próximas, são nossos.

(RICOUER, 2003, p. 1). Se formos destrinchar a fundo o termo *anamnesis*, em português anamnese, do grego *ana* (no alto, em cima) + *mnesis* (do radical do verbo grego *mimnêskó* ‘lembrar-se, recordar-se’), ou seja, memória é o ato de “elevar, fazer subir à mente as lembranças, as recordações”, e no Houaiss, ainda podemos encontrar:

Anamnese:

2. Rubrica: filosofia.

Na filosofia platônica, rememoração gradativa através da qual o filósofo redescobre dentro de si as verdades essenciais e latentes que remontam a um tempo anterior ao de sua existência empírica. (HOUAISS, 2001).

Acrescendo ao conceito cunhado pelos gregos, Ricouer (2003) discute o reconhecimento não como um elemento, um fenômeno, mas como uma experiência da certeza real da ausência do passado, isto é, “ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado.” Para ele, a memória é doutrinada pela história quando esta é vista como um trabalho literário, ou seja, “no sentido de uma hermenêutica da recepção, que a memória é instruída; ela é instruída por esses dois processos, de escrita e de leitura” (RICOUER, 2003. p. 2).

Ainda que a obra literária seja um simulacro, uma potência do falso que jamais trará em si a verdade dos fatos, quando situada numa sincronia é que será capaz de mudar a realidade existente, pois é por meio dela que será mantida a memória do homem, é através dela que será preservada a sua identidade e sua imortalidade. O escrito nunca será perdido, pelo contrário, ele se perpetua por séculos e gerações. Contudo, lembrar implica esquecer, visto que não se pode lembrar-se de tudo, guardar todas as reminiscências, todas as nossas vivências. Assim:

O lugar do esquecimento no campo que é comum à memória e à história deriva da evocação que acaba de ser feita do dever da memória: este pode ser igualmente expresso como um dever de não esquecer. O esquecimento é, certamente, um tema em si mesmo. Diz respeito à noção de rastro [...] da qual tínhamos constatado a multiplicidade das suas formas: rastros cerebrais, impressões psíquicas, documentos escritos dos nossos arquivos. (RICOUER, 2003. p. 1)

A memória é, então, o que não foi esquecido e que deixou as suas marcas, as suas impressões, os seus rastros. Paul Ricouer problematiza ainda mais, ao pôr a memória como uma obrigação de “não esquecer”, se pensado a memória em sua intersecção com a história e suas implicações. Além disso, para ele, “o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si.”

(RICOUER,2003. p.1). Este conceito nos interessa aqui, pois pensar o processo de criação de uma obra literária prevê um constante (re)memorar, relembrar, que, por sua vez, não deixa de ser (re)significar, (re)criar. O conceito de “rastros” de Ricouer (2003) se aproxima, em parte, do cunhado por Derrida (1967), porém, grosso modo, rastros é tudo aquilo que nos “afetou” (do latim *affectare = ad + facio*) e que, de alguma maneira, ainda subsiste em nós, e por isso é retomado pela memória, é lembrado. No entanto, se o sujeito é único, singular, por sua vez, os rastros de cada serão diferentes, pois as memórias afetivas são também únicas, singulares:

O rastro não é somente o desaparecimento da origem, ele quer dizer aqui (...) que a origem nem ao menos desapareceu, que ela não foi constituída senão em contrapartida por uma não-origem, o rastro que se torna, assim, a origem da origem. (DERRIDA, 1967, p. 90).

O rastro, portanto, mais do que o não-presente, é a presença. Se o que lembramos é o que sobrevive, é, pois o que passará a ser. A obra literária se inscreve no seu tempo, visto que “o suplemento de leitura ou de escritura deve ser rigorosamente prescrito, mas pela necessidade de um jogo, signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os poderes.” (DERRIDA, 2005, p.8).

Outro autor que refletiu a respeito da memória foi Santo Agostinho, em suas *Confissões*, em que podemos perceber, no capítulo VIII (Livro X), que o santo, na sua busca pelo conhecimento de si, reproduz o caminho para atingir as verdades imutáveis e permanentes se amparando na memória. Ela então é considerada como o ventre da alma. A memória revela o seu poder para a construção da identidade do ser, ou seja, através do conhecimento acessado pela memória se chega à verdade universal tão buscada:

Chegarei assim diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento. (AGOST. *conf.* 10, 8).

A metáfora dos *vastos palácios* para o armazenamento da memória sugere aqui que Agostinho tem, assim, facilidade de acesso aos *campos* referidos nessa passagem, visto que algumas imagens aparecem imediatamente em sua mente. Porém, há imagens que precisam de um esforço maior para serem acessadas, lembradas. Há, assim, a ideia de que o nosso arquivo mental funciona de maneira seletiva, já que algumas imagens desnecessárias surgem, outras que nos são caras, muitas vezes, nos escapam, são

esquecidas. Ainda discorrendo sobre a memória, Agostinho reflete sobre o processo como ela opera:

Lembro-me, portanto, de ter muitas vezes compreendido isso, e confio à memória o ato atual de distingui-las e compreendê-las, para me lembrar, mais tarde, de que hoje as compreendi. *Lembro-me então de que me lembrei*; e se mais tarde lembrar de que agora pude recordar essas coisas, será ainda por força da memória (AGOST. *conf.* 10, 13).

Nesse excerto, vemos que a cada nova lembrança se compreende a importância de uma reminiscência, havendo a distinção, a seleção do que não pode ser esquecido, conservando na memória o que nossos sentidos apreenderam para depois nos lembrarmos. Desse modo, temos a lembrança até do que devemos lembrar. Com o processo de rememorar há a imposição da lembrança sobre as constantes mudanças com que nos deparamos no decurso de nossa vivência. A memória e suas particularidades se fazem presentes durante o processo de criação literária, como se poderá verificar na discussão que se segue. Esse discorrer sobre a memória e o esquecimento quando relacionado à *Sermonum* nos é caro, pois como o próprio Fulgêncio afirma no curto prólogo da sua obra literária:

Ne de tuorum praeceptorum, domine, serie nostra quicquam curtasse inoboedientia putaretur, libellum etiam quem de abstrusis sermonibus impertiri iussisti, in quantum memoriae enteca subrogare potuit absolutum retribui, non faleratis sermonum studentes spumis quam rerum manifestationibus dantes operam lucidandis.

Para evitar que a minha desobediência, ó senhor, fosse julgada de ter cortado algo da série de tuas recomendações, também o livrinho que, sobre as obscuras palavras, me ordenaste a preparar, entrego-o completo, **a partir do quanto o acervo da memória pôde agregar**, não me dedicando às babas ornadas dos sermões, mas consagrando a obra às revelações das coisas que devem ser elucidadas.

O autor, já de início, expõe a maneira como compôs a *Expositio sermonum antiquorum*: ao senhor ele a está entregando **completa**, mas a partir do que foi **armazenado em sua memória (memoriae enteca)**. Conforme já dito anteriormente, o autor faz o exercício de um *modus* antigo, seguindo o estilo de escrita de obras de erudição, tal qual realizado nas *Etymologiae*, de Isidoro, compilada e escrita segundo o *estilo dos antigos*, ou seja, a *recordatio* – a partir de tudo quanto a sua memória pode absorver das leituras realizadas durante a sua formação erudita. A seguir podemos contatar em um dos *sermones* as citas que o autor realiza *puxando da sua memória*:

3. [*Quid sit pollinctor.*] *Pollinctores dicti sunt qui funera morientia accurant; unde et Plautus in Menecmi comoedia ait: 'Sicut pollinctor dixit qui eum pollinxerat'. Pollinctores dicti sunt quasi pollutorum unctores, id est cadauerum curatores, unde et Apuleius in Ermagora ait: 'Pollincto eius funere domuitionem paramus'.*

3. [O que seria *pollinctor*.] Foram chamados *pollinctores* aqueles que cuidavam dos defuntos; de onde **Plauto na comédia *Os Menecmos*** diz: “Como, por exemplo, o *pollinctor* disse que o havia lavado e preparado para o enterro.” Os *pollinctores* foram chamados, por assim dizer, **ungidores dos impuros**, isto é, o cuidador de cadáveres, daí também **Apuleio na *Hermágora*** diz: “Com o cadáver dele lavado, preparamos a volta para casa”.

No trecho acima, por exemplo, há alusão à peça *Menaechmi* de Plauto. Porém, ao verificarmos os versos da comédia na tradição do texto plautino, constatamos que, realmente, há a citação, mas no verso 63 do prólogo da obra *Poenulus*: “*quia mihi pollictor dixit qui eum pollinxerat*”. Há também referência à obra *Hermágora*, atribuída a Apuleio (século d. C.). Em nossas pesquisas, também a encontramos em Prisciano, que também a registra como de autoria de Apuleio. De acordo com Munguia³⁰, *Hermágora* provavelmente seria uma novela ou um conto milésio, que é definido por Moura (1996) como derivado das narrativas de provável origem popular, compiladas por Aristides de Mileto (séc. II a. C.), daí a especificação milésio ou milesianos, e posteriormente traduzidas em latim por Cornélio Sisena (séc. I a. C.). Foi justamente por causa dessas citações que, muitas vezes, Fulgêncio foi acusado de tê-las forjado e de ter inventado nomes de obras e autores. Na verdade, ao se valer desses recursos, talvez não apenas falte ao autor a acribia, isto é, maior atenção e cuidado em relação às referências realizadas nessa obra, mas também seriam esses lapsos de memória, como discutido acima, próprios do processo mnemônico.

Muitas são as discussões e controvérsias acerca da tese de que Fulgêncio seria um falsário e místico, que teria “inventado”, de maneira fantasiosa, obras e autores desconhecidos que cita em seus escritos. Devido a isso, por décadas, os escritos fulgencianos caíram em forte descrédito, motivado por acusações de falsificação de trechos e nomes de obras e autores em citação, ao ponto de serem tão pouco conhecidos escritor e obra na atualidade³¹.

³⁰ MUNGUIA (1980), tradução de APULEYO *Apología, Flórida*.

³¹ *Per decenni e decenni ha pesato sul Planciade la taccia di falsario affibbiatagli con feroce acredine da quella sorta di vero e proprio libello polemico antifulgenciano che fu il già citato commento del Lersch e convalidata da studiosi della forza di un Ritschl, di uno Jahn, di un Leo, di un Wessner, di un Bücheler e di uno Skutsch, tanto per citare i maggiori.* “Durante décadas e décadas pesou sobre Fulgêncio a acusação de falsificação a ele imputada com feroz acidez por parte daquele tipo, verdadeiro e próprio, de panfleto polêmico antifulgenciano que foi o já citado comentário de Lersch

Numa leitura mais atenta da *Expositio sermonum antiquorum*, de fato, percebem-se evidentes desvios e alterações de citações e de autorias, havendo, em alguns casos, a impossibilidade de se atestar a existência de certos textos e autores, sendo muitos desses equívocos talvez causados pela celeridade, pelos frequentes lapsos de memória ou ainda pelo estado deteriorado e corrompido das fontes de que se valia o escritor (PIZZANI, 1968).

Se Fulgêncio errou, se os dados de tradição indireta que apresenta (para o conhecimento da existência de autores e obras dos quais nada conhecemos por outras fontes) necessitam ser sempre checados antes de serem considerados, não estamos certos de que seja pelo fato de que deliberadamente tenha havido um projeto de falsificação e adulteração. Assim, nos unimos aos estudiosos que veem que não mais é apropriado a ele a pecha de falsário, mas, em nosso caso, a defesa se baseia nos argumentos explícitos do próprio autor em sua obra (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

Considerando que, basicamente, Fulgêncio operaria com muitos elementos de sua memória, além de se valer, num momento ou noutro, de algum tipo de registro ou de consulta, e considerando que a memória registra aquilo que nos é mais significativo ou aquilo que se nos é exposto regularmente, diríamos *a priori* que autores e obras mais citados por Fulgêncio seriam ou aqueles por quem ele teria algum apreço, isto é, fariam parte da *sua memória afetiva*, ou aqueles cujo destino permitiu a frequência de edições mais regulares em seu tempo.

(1844) e validada por estudiosos da força de um Ritschl (1845), de um Jahn (1843), de um Leo (1894), de um Wessner (1899), de um Bucheler (1904) e de um Skutsch, para citar os mais importantes.” (PIZZANI, 1968, p. 8, tradução de José Amarante e Shirlei Patrícia Almeida, *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 55, Número Especial, 2016, p. 398-422).

A confusão entre duas personalidades nomeadas de maneira idêntica ou semelhante, segundo Hays (1996), não era algo incomum na Antiguidade, como por exemplo, a confusão criada entre Plínio, o Jovem, e seu tio, o Velho, assim como o fato de Sidônio Apolinário ter considerado que haveria um Sêneca filósofo e outro escritor de tragédias (HAYS, 1996, p. 263). Sendo assim, um problema semelhante ocorre com Fulgêncio, e, ao se tratar da tradição dos manuscritos e das edições das obras atribuídas ao autor, inevitavelmente, se faz necessário abordar a questão da homonímia existente entre o Mitógrafo e o bispo de Ruspe, visto que a identificação como uma única *persona* seria “geralmente, embora não universalmente, aceita” pelos estudiosos fulgencianos³².

2.1 A transmissão textual e a questão dos dois Fulgêncios

A começar pelos *nomina* atribuídos às suas obras, apresenta-se a questão já muito debatida entre os estudiosos de Fulgêncio a respeito de quem era, quando e onde viveu o nosso autor. Alguns estudiosos buscaram identificá-lo com o bispo ruspense, seu homônimo. Inclusive Rudolf Helm, em sua edição crítica, reuniu todas as obras sob a autoria do bispo que exerceu seu trabalho messiânico durante a dominação dos vândalos ao Norte da África, conforme documentado em sua *Vita Fulgentii* de Ferrandus. De acordo com a biografia do presbítero, a sua datação seria entre os anos de 468 a 533 d. C., ou seja, ele teria vivido sob o domínio do rei Genserico (440-477; 428-477) (Ver: VALERO MORENO, op. cit. p. 115).

A questão da homonímia, segundo discute Manca (2001, p. 30-31), surge desde a fase de compilação bibliográfica: a *Année Philologique* de 1952 refere-se ao nome *Fulgentius* apenas; no ano seguinte já surge a divisão em *Fulgentius (Fabius*

³² Hays apresenta uma catalogação das diferentes posições em relação à problemática: a favor da identificação de uma única *persona* encontra-se Klotz, Helm, Skutsch, Friebel, Lamberton, Langlois, Courcelle, Raby, Rauner-Hafner, Stevens, Baldwin, Relihan, Bertini. Manca (2001, p. 8) atualiza esta lista acrescentando Souter e recentemente Zecchini e também Isola. São contra a tese de um só Fulgêncio: Lersch, Zink, Gasquy, Reifferscheid, Krüger, Lapeyre, Laistner, Pennisi, Chantillon, Stokes, Whitbread, Proja, Hiltbrunner, Chance (HAYS, 1996, p. 264).

Planciades) e *Fulgentius Ruspensis*; e, mais adiante, em 1961 documenta-se junto a *Fabius Planciades*, o epíteto *Mythographus*. Outra fonte da costumeira confusão entre os Fulgêncios pode ser observada pelo fato de que cerca de um terço dos títulos dos códices da *Sermonum* atribui a obra a *Fulgentius episcopus*, como, por exemplo, cita Pennisi no caso do *Parisinus Latinus 242* do século IX, um dos mais antigos códices (PENNISI, 1963, p. 11, n.1).

Embora se destaquem fatores semelhantes entre os dois autores, não somente a homonímia, mas também a comum origem africana – o bispo era de Thélépte, cidade da atual Tunísia, e o mitógrafo era *Libycus*, conforme relata o trecho da *De aetatibus* (p. 131, 5-14 Helm) – ou o fato de possuírem ambos a fé cristã em comum, comprovada pela própria fundamentação da *De aetatibus* e em diversos trechos das *Mythologiae*, assim como a comum oposição à heresia ariana, entre outros aspectos biográficos, como a iniciação e conhecimento da língua e cultura gregas (PIZZANI, op. cit. p. 5-6), ainda há muitos estudos que encontram notórias diferenças culturais e estilísticas entre os dois Fulgêncios³³.

Estudos mais recentes, como os de Gregory Hays³⁴, discutem amplamente a questão, e, segundo o autor, há uma tendência a ser favorável a não identificação entre

³³ Valero Moreno (2005) a respeito da problemática indica-nos conferir: LAPEYRE, G. G. *Saint Fulgence de Ruspe. Un évêque catholique africain sous la domination vandale: essai historique*. Paris, P. Lethielleux, 1929; e também STEVENS, S. T. *The Circle of Bishop Fulgentius. Traditio*. n. 38 (1982). p. 327-341. O autor ainda orienta que, para consultar estudos que são a favor da identificação de ambas as *personae*, alegando argumentos históricos ou linguísticos ver: HELM, R. *Fulgentii opera*, Leipzig, Teubner, 1898, mais detidamente trabalho de HELM, R. *Der Bischof Fulgentius und der Mythograph*, *Reinisches Museum*, n.54 (1899), p. 111-134, em que se considera que as obras mitográficas são da época juvenil de Fulgêncio; ainda sob a mesma ótica SKUTSCH, F. *Fulgentius der Grammatiker und Mythograph. Paulys Real-Encyklopädie der classischen Altertumswissenschaft*, ed. Georg Wissowa, supl. 7, Stuttgart, J.B. Metzlerscher Verlag [Imprensa original], 1970; *Otío Ftiébél, Fulgenrius der Mytograph und Bischof mit Beiträgen zur Syntax des Spätlateins*, Paderbom, F. Schöningh, 1911; COURCELLE, P. *Les lettres grecques en Occident de Macrobe à Casiodore*, Paris, E. de Boccard [Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, 159], 1943. p. 206- 209; LANGLOIS, P. *Les oeuvres de Fulgence le Mytgraphe et le problème des deux Fulgence*. *Jahrbuch für Antike und Christentum*, 1 (1964). p. 94-105; e ainda BERTINI, F. *Fulgenzio*. In:_____. *Enciclopedia virgiliana*. Roma. Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985, p. 603-605.

Para estudos que rechaçam a tese unitária e apresentam notórias diferenças culturais e estilísticas entre os dois Fulgêncios, conferir: KRÜGER, G. *Fulgentius, Geschichte der römischen Literatur*. ed. M. Schanz y C. Hosius, Munich, 1920. 4.2. p. 202-215; LAISTNER, M. L. W. *Fulgentius in the Carolingian Age*. In:_____. *The Intellectual Heritage of the Early Middle Ages. Selected Essays by M.L.W. Laistner (1914-1956)*, ed. Chester G. Starr. Ithaca, New York. Cornell University Press. 1972. p. 202-215; LAPEYRE G. (1929); PENNISI, G. *Poeti e intellettuali nella Roma antica e tardoantica*, Reggio Calabria: Casa del Libro [Collana di Studi, Documenti, Ricerche]. 1979; PIZZANI, U. *Definizione di parole antiche*. Roma: Edizioni dell'Ateneo [Scriptores Latini. 9]. 1969; STOKES, L. C. *Fabius Planciades Fulgentius. Expositio Virgiliana continentiae, Classical Folia*, n. 26 (1972). p. 27-63 e ainda WHITBREAD, L. G. *Fulgentius the Mythographer*, Ohio. Ohio State University Press. 1971.

³⁴ HAYS, G. *The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius*. *Journal of Medieval Latin*, n. 13 (2003), p. 163-252.

ambos os Fulgêncios, baseando-se em algumas evidências, como o fato de que o mitógrafo demonstra conhecer o *Iohannis* de Corippus, um escrito de aproximadamente pós 550 d.C, portanto, posterior a morte do bispo (HAYS, 2003, p. 244). Ainda a esse respeito, Hays, ao traçar paralelos entre as *Mythologiae* e a *Consolatio Philosophiae*, argumenta que é possível que a obra de Boécio seja a influência da de Fulgêncio, e não o contrário (HAYS, 2003, p. 170-171). Ainda sobre as evidências, há ainda uma citação na *Sermonum* (*sermo* 45) de uma passagem da *De nuptiis* (1, 5) de Marciano Capela, texto datado provavelmente entre 410-439. Assim, Hays conclui que “com base em ecos literários, então, os limites inferior e superior permanecem em meados do século V (*Orosius* e *Martianus*) e no final do oitavo (*Libri Carolini*)” (HAYS, 2003, p. 176)³⁵, ou seja, o autor sugere então uma datação intermediária entre as propostas anteriormente feitas por Iungmann (1870) e Helm (1899). Ademais, como considera Pizzani, ainda que a questão a respeito da identidade dos dois Fulgêncios prossiga não resolvida, “os opúsculos associados ao Placíades estariam de qualquer modo confinados em uma esfera de todo autônoma, se não marginal, da produção do Bispo de Ruspe”, e mais, “a datação tardia não implica necessariamente a identidade entre os dois escritores” (PIZZANI, op. cit. p. 7).

Quem era exatamente Fulgêncio, o mitógrafo, não nos é possível afirmar, mas recolhendo os indícios em suas próprias obras, somos levados a pensar que se trata de um *grammaticus* que, talvez, lecionasse aulas de Direito, como parece referir-se no longo prólogo das suas *Mythologiae* (MANCA, op. cit. p. 56). Ao lado disso, caso seja aceita uma biografia mais tardia para nosso autor, isso seria, de certa medida plausível, pois estaria Fulgêncio situado em um contexto intelectual ‘escolar’ condizente com o de outros autores africanos situados em território vândalo e bizantino, sendo ele, talvez, um mestre ‘*grammaticus*’ (HAYS, 2004 apud VALERO MORENO, op. cit. p. 117, n. 3)³⁶.

³⁵ *on the basis of literary echoes, the, the lower and upper limits remain the mid-fifth century (Orosius and Martianus) and the eight (The Libri Carolini).*

³⁶ Para maior detalhamento da questão, vide: HAYS, G. Tales out of School: Grammatical Culture in Fulgentius the Mythographer. In: LANHAM, C. *Latin Grammar and Rhetoric. From Classical Theory to Medieval Practice*. Londres: Continuum, 2002, p. 22-47.

2.1.1 Tradição manuscrita

De acordo com Pennisi (1963), a tradição manuscrita da *Expositio sermonum antiquorum*, devido à sua dimensão e natureza, pois em sessenta e duas entradas recolhe e documenta sessenta e sete *sermones* raros ou obsoletos, nos legou uma fortuna bastante singular: são cinquenta e nove códices³⁷, havendo a menção em antigos catálogos ou estudiosos anteriores de outros sete códices não identificados (PENNISI, 1963, p. 65). Assim sendo, apresento a seguir a tradição baseada na resenha realizada pelo autor e de acordo com a sua organização³⁸:

a. Códices contendo integralmente a *Sermonum*

- i. Cod. Vat. Palat. Lat. 1578 (Palatinus), séc. IX. Contém a *Mythologiae*, a *Sermonum* e a *Continentiae*.
- ii. Cod. Paris. Lat. 242 (Parisinus), séc. IX. Uma parte sobre a *Sermonum* (miscelânea). Contém trechos da *Bibbia*, um fragmento de Isidoro de Sevilha denominado *Synonyma Ciceronis*.
- iii. *Cod. Valencienn. 288, séc. IX. A parte referente a Fulgêncio se trata de duas folhas divididas em duas colunas relatando fragmentos da *Mythologiae*, a *inscriptio* da *Continentiae*, corrompida em algumas letras, e trechos da *Sermonum*.
- iv. Cod. Neoburg. (monastério de Neoburg - Viena), séc. IX.
- v. Cod. Vercell. 16, CXLVIII (Vercellensis), séc. IX-X. Contém a *Sermonum* nas seis primeiras folhas (miscelânea).
- vi. Cod. Leidens. 135, séc. IX-X. Contém várias obras além de a *Sermonum*.
- vii. Cod. Bern. 427 (Bernensis), séc. X, e, segundo Wessner (1899), é oriundo de Reims (*vide* Pennisi op. cit. p 67). Contém as *Mythologiae* e a *Continentiae* e a *inscriptio* está incompleta da *Sermonum*.
- viii. Cod. Paris. Lat. 3088 (Parisinus), séc. X (miscelânea). De acordo com Pennisi (p. 68), esse códice é extremamente próximo ao Paris. Lat. 242.
- ix. Cod. Paris. Lat. 7581, séc. X. A *Sermonum* se encontra nas três primeiras folhas.

³⁷ Pennisi salienta que Wessner (1899) elencava somente cinquenta códices e cinco títulos da *Sermonum*. O autor ainda acrescenta que, nas suas pesquisas, recuperou códices os quais ele assinala com um asterisco (que reproduzi aqui), e, que ainda é possível que outros códices da obra sejam encontrados e venham à luz (PENNISI, op. cit. ibidem).

³⁸ Pennisi (op. cit. p. 65-81)

- x. *Cod. Paris. Lat. 7730, séc. X.
- xi. Cod. Berolin. Lat. 73, séc. X: faltam a *subscriptio*, próêmio e *lemmata*.
- xii. Cod. Oxon. Bodl. Auct. T. 2. 18 (20627 do catálogo Madan), séc. X.
- xiii. Cod. Harleian. 2682 (Londres - Museu Britânico), séc. X. Outras informações a respeito deste códice oriundo de Köln e que ingressou na Inglaterra em 1725, ver A. C. Clark (1892).
- xiv. Cod. Escorial. O. III. 31 (Madrid), séc. X (miscelânea).
- xv. Cod. Vat. Reg. 1462 (Reginensis), séc. XI. Contém a *Mythologiae*, a *Sermonum* e a *Continentiae* na mesma ordem do Pal. Lat. 1578, o que leva a crer que possam derivar de uma cópia comum.
- xvi. Cod. Angelic. 1515, séc. XI, inscrito em duas colunas.
- xvii. Cod. Paris. Lat. 4883 A, séc. XI, (miscelânea): contém glosas, denominadas *Synonyma Ciceronis*, seguida da *Sermonum*.
- xviii. Cod. Douacens. 306 (Douai), séc. XI.
- xix. Cod. Bruxell. 197 (também 10083), séc. XI. É um dos dois códices que Lersch publicou em 1844.
- xx. Cod. Guelferbytan. 362 (Gudian. 335; bibl. Wolfenbütel), séc. XI. Apresenta várias correções.
- xxi. Cod. Leid. Voss. Lat. 96, séc. XI. Códice inscrito em duas colunas, contendo vários escritos. Fulgêncio está representado por fragmentos da *Continentiae*, das *Mythologiae* e da *Sermonum*.
- xxii. Cod. Vat. Regin. Lat. 61 séc. XII. Compreende várias obras: *De arca Noe* de Hugo de S. Vittore (frag.); *«Versus Malchi»* de Raginaldo Cantuariense; uma grande parte do livro XII das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha. Desconhecido pelos estudiosos de Fulgêncio, descoberto por Pennisi na Biblioteca Vaticana, segundo o autor, é um dos melhores códices da *Sermonum*.
- xxiii. Cod. Vindobon. 804, séc. XII. Contém glosas bibliográficas, denominadas *Liber synonymorum* de Isidoro de Sevilha. Da *Sermonum*, faltam o próêmio e os *lemmata* e alguns trechos, também se notam várias correções no texto.
- xxiv. Cod. Bruxell. 94 (agora 9172), séc. XII. O Outro códice de Lersch. Observadas correções e conjecturas.
- xxv. Cod. Alençonens. 4. séc. XII. Falta o próêmio.
- xxvi. Cod. Vesoulens. (Vesoul.) 150, séc. XII.
- xxvii. Cod. Douacens. 318, séc. XII.
- xxviii. Cod. Douacens. 319, séc. XII.
- xxix. Cod. Douacens. 320, séc. XII.

- xxx. Cod. Oxon. Bodl. 186, séc. XII. Códice identificado e reunido ao Oxon. Bodl. Auct. T. 218 por Ellis, *Journal of Philologique*, 1904, p. 70-71.
- xxxii. *Cod. Paris. Lat. 16216, séc. XIII. Contém, além de a *Sermonum*, a *De diuersitate nominum annorum* de Beda; a *Etymologiae* de Isidoro; *Glosse*; *Praecepta Pithagore*; *Prouerbia Seneca (sic)* etc. O códice é semelhante ao Vat. Regin. Lat. 61 e, para Pennisi, é um dos melhores da tradição da *Sermonum*.
- xxxiii. Cod. Vat. Ottob. Lat. 343, séc. XIII-XIV. Contém várias entre as quais a *Etymologiae* de Isidoro. É um códice notável, e, no parecer de Pennisi, é um apógrafo do Regin. 61 (p. 74).
- xxxiiii. Cod. Vat. Barber. Lat. 869, séc. XIV. Traz a *inscriptio* à margem, talvez sendo a primeira vez.
- xxxv. *Cod. Laurent. Plut. XXXIII. 31, séc. XIV (miscelânea). Parte do códice traz obra de Boccacio e a *Sermonum* de Fulgêncio.
- xxxvi. Cod. Paris. Lat. 7597, séc. XIV. O códice talvez seja gêmeo do Vat. Ottobon. Lat. 343, e, para Pennisi (p. 75), parece ser apógrafo, embora bem pouco fiel, do Regin. 61.
- xxxvii. Cod. Douacens. 752, séc. XV.
- xxxviii. Cod. Vat. Urbin. Lat. 452, séc. XV. Consta de 22 partes, sendo a *Sermonum* a décima quarta parte.
- xxxix. Cod. Vat. Urbin. 670, séc. XV. Consta de quatro partes, trazendo a *Mythologiae* (f. 68-113) e a *Sermonum*.
- xl. Cod. Laurent. Conv. Soppr. 79, séc. XV (miscelânea). Semelhante ao Laurent. Plut. XXXIII, 31.
- xli. Cod. Riccard. 766, séc. XV (miscelânea). Contém a *Mythologiae* e a *Sermonum*. Às margens estão inscritos os *sermones* e nomes dos autores citados em cada verbete.
- xlii. * Cod. Riccard. 893, séc. XV. Compreende várias obras e autores, dentre eles, Prisciano, Petrônio com a *Porphirion in poetrian* e outros. Há supressões do texto em algumas passagens.
- xliii. Cod. Vindob. 188, séc. XV. Taz a *Mythologiae* e a *Sermonum*.
- xliiii. Cod. Basil. F VIII 11, séc. XV.
- xliiii. Cod. Guelferbyt. 361 (Gudian 23), séc. XV. Contém em sua maior parte Aulo Gélío. A *Sermonum* inicia à folha 143. Notam-se correções no texto e nas margens.
- xlv. Cod. Leidens. Voss. Graec. oct. 11, séc. XV. Um apógrafo do Laurent. Plut. XXXIII, 31.
- xlvi. Cod. Bern. 268, séc. XVI, de Pietro Daniel.

b. Códices contendo *Excerpta* ou *Glossae* da *Sermonum*

- xlvi. Cod. Bern. A 91, séc. IX-X. Glossário com os verbetes da *Sermonum*

- xlvi. *Cod. Paris. Lat. 2685, séc. X. Glossário.
- xlix. Cod. Monac. Lat. 14429, séc. X. Contém um *excerptum* resumido da *Sermonum*.
 - 1. Cod. Sangallens. 397, séc. X. *Excerptum* resumido da *Sermonum*.
 - li. Cod. Ambrosian. C 243 inf., séc. X-XI. Vocabulário latino com vários verbetes da *Sermonum*.
 - lii. Cod. Coloniens. CC (Darmstad. 2190), séc. XI (miscelânea). Contém Prisciano e um *excerptum* da *Sermonum*.
 - liii. Cod. Bonnens. 218, séc. XI. Compreende uma série de *excerpta* de Prisciano, Foca etc, e uma glosa dessa obra fulgenciana.
 - liv. Cod. Leidens. 191 E, séc. XII-XIII (miscelânea). Falta a *subscriptio*, o texto está abreviado e variado.
 - lv. *Cod. Paris. Lat. 8048, séc. XIII. Contém um *excerptum* da *Sermonum*.
 - lvi. Cod. Oxon. Bodl. Iun. 83, séc. XIII. Um *excerptum* intercalado.
 - lvii. *Cod. Vat. Lat. 5143, séc. XV. Glossário e coletânea de *differentiae uerborum*. Da *Sermonum* há quase um epítome (resumo), contendo os verbetes à margem.
 - lviii. Cod. Cheltenhamens. Philipsian. 4626. Glossário contendo vários verbetes da *Sermonum*, correspondente às letras M, N, O e R.
 - lix. Cod. Oxon. Bodl. 678. *Excerpta* da *Sermonum*.

c. Códices perdidos ou não identificados

- i. ‘Cod. Vaticanus’: em Ph. Labbeus, Paris, 1657, 668. Pesquisa de Pennisi na Biblioteca do Vaticano.
- ii. ‘Cod. Abbatiae S. Petri de Selincurte Dioecesis Ambianensis’: em Labbeus, *ibid.*; também em B. de Montfaucon, Paris, 1739, 1197.
- iii. ‘Cod. bibl. Vallis clericorum 55, 7’: em B. de Montfaucon, *cit.*, 1300.
- iv. ‘Cod. Fossatensis’: Becker, Bonn, 1885, 276.
- v. ‘Cod. Coenobii S. Galli’, 39: em Becker, *cit.*, 54.
- vi. Cod. Taurin. I. VI. 30 (DCCXXI), séc. XV-XVI. O código, infelizmente, foi destruído no incêndio da Biblioteca de Turim em 26 de janeiro de 1904. Continha a *Mythologiae* e a *Sermonum*, que possuem *inscriptio* no catálogo da Montfaucon, *cit.*, 1397.
- vii. Cod. Middlehillens. 677, séc. XVI: em Haenel, 159.

A partir da resenha acima, Pennisi (op. cit.) tece algumas considerações a respeito da tradição manuscrita da obra: o caráter breve e singular da *Sermonum*, ou seja, a documentação e a explicação de palavras raras ou difíceis possibilitaram a formação de uma tradição própria e desassociada das outras obras de Fulgêncio, visto que, dos quarenta e seis códices com o texto integral da *Sermonum*, apenas sete deles

contêm outras obras fulgencianas e, dos treze códices compostos por *excerpta* ou glosas da obra, nenhum abarca outras obras do nosso autor. Pennisi ainda acrescenta que, dos códices conhecidos através da menção dos antigos estudiosos ou catálogos antigos, somente um, o que lhe parece o perdido *Taurinensis*, documentava uma *Expositio sermonum antiquorum*, as *Mythologiae*, como se se tratasse de uma única obra. Portanto, finaliza o estudioso, o *libellus* denominado *Expositio sermonum antiquorum* era conhecido por vasto público, que, certamente, muito se valeu desse pequeno manancial de palavras e de autores da Antiguidade (PENNISI, 1963, p. 81).

2.1.2 Tradição impressa

Semelhantemente à tradição manuscrita, em que se observa a reunião de duas ou mais obras fulgencianas, também a edição mais antiga da *Sermonum* de que se têm notícia, compreende uma coletânea contendo as *Mythologiae* e aquela. Segundo Wolff e Dain (2013), a edição original, datada no ano de 1489 (Milão), foi publicada sob o título *Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentii Planciadis*³⁹ de autoria de Ioannes Baptista Pius, um humanista originário de Bolonha. Assim, a obra, além de conter as *Mythologiae*, acompanhada de um comentário ao longo do texto, traz como apêndice a *Voces antiquae*, isto é, a *Expositio sermonum antiquorum*, esta sem comentário, se tratando de uma edição não muito rara, pois, de acordo com os estudiosos, existem exemplares em diferentes bibliotecas da França: Biblioteca Nacional, Biblioteca Mazarine, Museu Conde de Chantilly, Biblioteca Municipal de Selestat e outras. Ainda a respeito desta primeira edição, os autores acrescentam que seu texto foi reproduzido sem o comentário de Pius, mas sob o mesmo título em 1500, na cidade de Veneza por Bernadius de Vitalibus, e mais tarde, provavelmente entre 1510 e 1515, em Paris por Jean Lalisiau. Ademais, mais adiante, na primeira edição em que Fulgêncio está associado a outros autores, aquela atribuída a Jacob Micyllus (Moltzer), surgida em 1535, por Johann Herwagen, encontra-se atribuída ao autor os títulos *Mitologiae* e *De uocum antiquarum interpretatione*, ou seja, a *Sermonum* novamente (WOLFF; DAIN, 2013. p. 37-38).

³⁹ Para detalhamento da descrição desta edição, conferir Martina Venuti, *L'editio princeps delle Mythologiae di Fulgenzio, Paideia*, 2008, vol. 63, p. 407-426.

2.1.2.1 Edições⁴⁰ da *Sermonum*

A *Sermonum* tem uma série de edições, em que é impressa junto à *De proprietate*, de Nônio Marcelo, como a de autoria de J. Mercier (Antwerp, 1565); a reimpressão de Merck (Leipzig, 1825); algumas edições anônimas (Paris, 1583, 1586 e 1614; Sedan, 1614) e a de F. D. Gerlach e C. L. Roth (Basel, 1842). Há ainda a *Servius*, editada por Pierre Daniel (Paris, 1600 e Genebra, 1636); e a *Expositio sermonum antiquorum*, edição em separado, porém anônima (Basel, 1577); a coletânea *Auctores Latinae linguae* de D. Godefroy (Heidelberg, 1585, 1595, 1602; St. Gervaise, 1622; Genebra, 1622). E, por fim, as edições mais atuais, a *Fulgentii de abstrusis sermonibus* de L. Lersch (Bonn, 1844); a *Fulgentii expositio sermonum antiquorum: Commentationes Philologiae Ienensis* de P. Wessner (Jena, 1899) e a *Fulgentii opera* (Leipzig, 1898) de R. Helm, a edição considerada a mais moderna e utilizada para nossa tradução.

2.1.2.2. Bibliografia

Uma das obras fulgencianas que mais lhe conferiu notoriedade certamente foi a *Mythologiae*. A obra possui uma importante posteridade desde a Idade Média ao início da Renascença. Durante a época carolíngia, entre muitos autores, Fulgêncio foi lido, e partes das suas *Mythologiae* e *Continentiae* foram citadas e recomendadas como leitura, além de a *Sermonum* ter sido utilizada durante o período do império de Carlos Magno como um substrato cultural e etimológico, havendo assim um renovado interesse pela Roma pagã⁴¹. Ademais, Valero Moreno (2005) acrescenta que:

As referências a Fulgêncio não diminuem na época carolíngia, nem muito menos, porém costumam ser mais ou menos ocasionais e, isso sim, em textos afins à exegese, como o comentário a *De nuptiis* de Marciano Capela por Juan Escoto, o comentário sobre o mesmo livro de Remigio de Auxerre, que menciona Fulgêncio pelo seu nome, o *Liber de Rectoribus* de Sedulio Escoto, que mostra certa familiaridade com as *Mythologiae* e os *Sermones Antiqui*, ou algumas passagens de Pascasio Radberto e Gunzo Novara, entre outros que podem ser citados (LAISTNER, op. cit. apud MORENO, op. cit. p.126).⁴²

⁴⁰ Todas as informações a respeito das edições apresentadas aqui foram extraídas da obra de Leslie Whitbread (1971 p. 159).

⁴¹ Vid. LAISTNER, M. L. W. Fulgentius in the Carolingian Age. In: _____. *The intellectual Heritage of the Early Middle Ages*. Selected Essays, Ithaca, Cornell University Press: 1957, p. 202-215.

⁴² *Las referencias a Fulgencio no escasean en época carolingia, ni mucho menos, pero suelen ser más o menos ocasionales y, eso sí, en textos afines a la exégesis, como el comentario al De nuptiis de*

Como já informado acima, a edição utilizada para o texto da *Expositio sermonum antiquorum* é aquela, por ora a canônica, de Helm: *Fabii Planciadis Fulgentii Opera Accedunt Fabii Claudii Gordiani Fulgentii et S. Fulgentii Episcopi Super Thebaiden* rec. Rudolfus Helm, Leipzig, 1898 (em reprodução de 1970, com um adendo bibliográfico de J. Préaux, em Stuttgart). Esta edição de Helm contém *addenda* bibliográficos muito úteis. Sobre seu corpus bibliográfico, Gregory Hays mantém um sítio (<<http://www.people.virginia.edu/~bgh2n/fulgentius.html>>) com uma bibliografia fulgenciana atualizada, contendo inclusive trabalhos em andamento, da qual destaco aquela relativa à obra *Expositio sermonum antiquorum*:

I. Edições a partir do séc. XIX

GERLACH, F. D.; ROTH, C. L. *Nonii Marcelli ... De compendiosa doctrina ... et Fabii Planciadis Fulgentii, Expositio Sermonum Antiquorum* (Basel, 1842), p. 386-398.

LERSCH, L. *Fabius Planciades Fulgentius de abstrusis sermonibus* (Bonn, 1844)

HELM, R. *Fabii Planciadis Fulgentii V.C. Opera.* (1899)

Revisões críticas:

KLOTZ, R. *Neue Jahrbücher für Philologie und Paedagogik* n. 43. 1845, p.71-96.

WESSNER, P. *Fabii Planciadis Fulgentii Expositio Sermonum Antiquorum.* *Commentationes Philologiae Ienenses*, vol. 6, 1899, p. 63-143.

HELM, R. *Berliner Philologische Wochenschrift.* n.18, 1898. p. 554-557.

FROEHDE, O. *Wochenschrift für klassische Philologie* 15. 1898, p. 766-771.
Discorda de que a *lemmata* introdutória ("quid sit ...") seja uma adição posterior.

LINDSAY, W. M. *Classical Review*, n. 12, 1898, p. 456-457. [J-STOR].

Inclui uma nota significativa no *sermo* 46 juntamente com adições parciais de Bodl. Auct. T. 2. 18 e *marginalia* de uma cópia impressa do Plantin. 1565 e no Bodleian, registrando as leituras de um manuscrito 'vetus liber'.

Marciano Capella por Juan Escoto, el comentario sobre el mismo libro de Remigio de Auxerre, que menciona a Fulgencio por su nombre, el Liber de Rectoribus de Sedulio Escoto, que muestra cierta familiaridad con las Mythologiae y los Sermones Antiqui, o algunos pasajes de Pascasio Radberto y Gunzo de Novara, entre otros que pueden aducirse.

II. Traduções

PIZZANI, U. *Fabio Planciade Fulgenzio. Definizione di Parole Antiche* (Rome, 1968). Introdução, tradução ao italiano; comentários e notas exegéticas.

Revisão crítica:

D'ANNA, G. *Athenaeum* n. 47, 1969, p. 365-367. Elogiativa. O revisor tende a ver a citação de Pacúvio (*sermones* 12, 32 e 57) feita por Fulgêncio como genuína.

SILLITTI, F. *Rivista di filologia e di istruzione classica*, 1971, p. 212-215.

WHITBREAD, L.G. *Fulgentius the Mythographer*. Ohio: Columbus, 1971. Introdução, tradução ao inglês e notas.

Revisão crítica:

[Anônimo]. *Speculum*, n. 48, 1973, p. 436. (Boilerplate). [J-STOR]

BRUÈRE, R. T. *Classical Philology*, n. 68, 1973, p. 143-145. (Damning). [J-STOR]

STOKES, L. C. *Classical World*, n. 69, 1975, 153f.

PENNISI, G. Cod. Vat. Regin. Lat. 61, 93r-95r. *Helikon*, n. 3. 1963, p. 500-504

ELLIS, R. Fulgentiana. *Journal of Philology*, n. 29. 1904, p. 61-71. Notas textuais sobre a *Mythologiae* e a *Sermonum*.

HAYS, B. G. *Fulgentius the Mythographer*. (Tese). Cornell, 1996.

III. Literatura secundária:

JAHN, O. *Auli Persii Flacci Satirarum Liber*. Leipzig, 1843, xxiii-xxv.

HAUPT, M. Über einen vermeintlichen Vers des Rabirius bei Fulgentius. *Rheinisches Museum*. n. 3, 1845, p. 307-310. Identifica o *sermo* 58 com a história da esposa de *Metennius*, registrada em Plínio, em Valério Máximo e em outros lugares. A referência à esposa como *Metennia* revela que a citação fulgenciana é fabricada.

LERSCH, L. Zur Kritik des Fulgentius. *Rheinisches Museum*, n. 4, p. 1846, p. 155-157. Notas críticas aos *sermones* 2 e 3 em resposta à revisão da edição de Klotz.

LERSCH, L. Fulgentiana. *Rheinisches Museum*. n.s. 5, 1847, p. 309-313. Resposta a revisão de Roth à edição de Lersch. Contém notas ao *sermo* 28 (*Heracleia*); 25 (*Memmius/Memor*) e 8 (*silicernius*).

BECKER, J. *Beiträge zur Kritik des Fulgentius*, *Rh. Mus.* n.s. 5. 1847, p. 33-44. Discute duas entradas na *Sermonum* relativas a *Lucilius*.

SCHAEFER, A. Fulgentius und die kretische hekatomphonie. *Philologus*, n. 23, 1866, p. 562-564.

MÜLLER, L. Sammelsurien. *Jahrbücher für classische Philologie*. n. 95, 1867, p. 791-796.

BRANDT, S. Gerrae gerro congerro. *Jahrbücher für classische Philologie* n. 24. 1878, p. 365-389. Discute o *sermo* 49, apresentando um estudo sobre as palavras como elas aparecem em outras fontes.

STOWASSER, J. Satura. *Wiener Studien*, n. 6, 1884, p. 206-215.

HELM, R. De Hecales Callimacheae in Latinum conversae fragmento, *Philologus*, n. 58, 1899, p. 473-475.

HARNACK, A. von. Tertullian in der Litteratur der alten Kirche. *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin* (1895), p. 545-579.

LEO, F. *De Plauti Vidularia*. Progr. Göttingen, 1895.

RAMORINUS [i.e. RAMORINO], F. De duobus Persii codicibus. *Studi italiani di filologia classica*, n. 12, 1904, p. 229-260.

GÖTZ, G. *Corpus Glossariorum Latinorum*. Leipzig e Berlim, 1923, vol. 1. Discussões sobre Fulgêncio às p. 73-75.

KOCH, H. Tertullianisches I. Zur verloren gegangen Schrift De Fato. *Theologische Studien und Kritiken*, n.101, 1929, 458-462.

STRZELECKI, W. Zu Nonius und Fulgentius. *Hermes*, n. 68, 1933, p. 349-352.

TIMPANARO, S. Per una nuova edizione critica di Ennio. *Studi italiani di filologia classica*, n. 22, 1947, p. 179-207. Discussão a respeito da citação de Ênio.

MAZZARINO, A. *La Milesia e Apuleio*. Turin, 1950. p. 22-42. Um estudo sobre as variações entre as citações de Fulgêncio e as de Apuleio.

MERKELBACH, R. La nuova pagina di Sisenna ed Apuleio. *Maia*, n. 5, 1952, p. 234-241.

STRZELECKI, L. Quaestiones Tragicae. *Eos*, n. 46, 1952, p.107-119.

MARIOTTI, I. *Introduzione a Pacuvio*. Urbino, 1960. Uma breve discussão rejeitando como não autênticas as citações de Pacúvio (*sermo* 12) e Thyestes (*sermo* 57).

PENNISI, G. *Fulgenzio e la Expositio Sermonum Antiquorum* (Florence, 1963).

SCARCIA, R. *Latina Siren*. Note di critica semantica. Roma, 1964. Discute a citação de Apuleio no *sermo* 17.

SCIVOLETTO, N. *GIF*, n. 17, 1964, p. 283-284.

TADIC, N. *Latomus*, n. 25, 1966, p. 988-990.

LANGLOIS, P. *Révue Belge de Philologie et d'Histoire*, n. 46, p. 1968, p.188-189.

TODINI, U. A proposito del lemma fulgenziano sui Neferendi Sues (Exp. serm. ant. 5). *Rivista di cultura classica e medievale*, n. 12, 1970, p. 31-37. Adiciona nota a discussões anteriores às entradas.

BERTINI, F. *Nonio e Fulgenzio*. Studi Noniani II. Pubblicazioni dell' Istituto di Filologia Classica dell' Università di Genova, n. 32, 1972, p. 33-60.

PASOLI, E. Dividias Mentis Conficit Omnis Amor. *Giornale italiano di filologia*, n. 24, 1972, p. 363-371.

HUXLEY, G. Fulgentius on the Cretan Hecatomphonia. *Classical Philology*, n. 68, 1973, p. 124-127. [J-STOR]

MAGNO, P. Su alcune citazioni di Fulgenzio riguardanti Ennio e Pacuvio. *Rivista di Studi Classici*, n. 26, 1978, p. 451-458. Discute as citações de Ênio (*sermo* 19) e de Pacúvio (*sermones* 12 e 57)

MASTANDREA, P. *Un Neoplatonico Latino: Cornelio Labeone*. Leiden, 1979. p. 88-95. Discussão a respeito da citação de Labeo (*sermo* 4), argumentando se a citação seria substancialmente confiável.

PENNISI, G. *Poeti e intellettuali nella Roma antica e tardoantica. Catullo, Fulgenzio*. Reggio Calabria, 1979.

CHAMPLIN, E. *Fronto and Antonine Rome*. Cambridge, 1980. Uma citação de Fronto no *sermo* 35 (p. 121, f.7).

COSTANZA, S. *Orpheus*. n. 2, 1981, p. 183-191.

TRAGLIA, A. *Poeti latini arcaici*. Turin, 1986, p. 246-249. Três citações de Fugêncio atribuídas a Névio (*Serm.* 21, 37 e 43) são classificadas “*Fragmenta dubia et pseudonaeviana*”.

BALDWIN, B. *An Anthology of Later Latin Literature* (Amsterdam, 1987). Fulgêncio é representado exclusivamente pelo *sermo* 54 (*Tacitus in libro facetiarum*).

SCHEID, J. *Romulus et ses frères*. Paris, 1990. Discussão a respeito da origem dos Irmãos Arvais (*sermo* 9), às p. 19-24.

ROMANO, D. *Il primo Lucrezio*. Palermo, 1995. Um estudo argumentativo sobre os fragmentos de Lucrecio mais citados pelos autores da Antiguidade.

BERTINI, F. La fortuna di Nonio dal Medioevo al Perotti - I Parte: da Fulgenzio a Lupo di Ferrières. In:_____. *Prolegomena Noniana II*. Pubblicazioni del Dipartimento di Archeologia, Filologia classica e loro tradizioni n.s. 211 (Genova, 2003), 131-148.

WOLFF, E. Fulgence et l'Expositio sermonum antiquorum. *Autour de Lactance. Hommages à Pierre Monat*, Besançon, 2003, p. 197-203. Revisa a natureza, a organização e as possíveis fontes do tratado de Wessner. Observa que ele não conseguiu consultar a edição de Pizzani, mas compartilha com a posição moderada de Pizzani sobre a questão da falsificação.

CALDERAN, R. Tito Maccio Plauto. *Vidularia*, 2ed. (Urbino, 2004). Inclui comentários sobre as duas citações de Fulgêncio desta peça (*sermo* 53. frg. 15 Calderan; *sermo* 15. frg. 14 Calderan) às páginas 162-163.

3.1 O latim e o estilo fulgencianos

Por conta do seu latim e estilo de escrita, Fulgêncio foi muito atacado pela crítica do início do século XVI, que, segundo Wolff e Dain (op. cit.), desaprovava o estilo “bastante afetado e apodrecido (*sic*)” do mitógrafo (*characterem, ut pote affetatum nimis et ob idputidulum*)⁴³, ainda criticado também pelos seus arcaísmos, ou ainda, neologismos. Certamente, nas palavras dos autores, “a língua de Fulgêncio continuamente se desvia da norma clássica. E seu estilo, jamais fluido, é desconcertante. Ele é feito de contraste [...] As palavras raras ou arcaicas e os hápax (incluindo os inúmeros decalques do grego) abundam (WOLFF; DAIN, 2013, p. 25)⁴⁴”. Ao lado disso, Manca (op. cit. p. 58) considera o latim fulgenciano bastante correto, se observadas, porém, certas particularidades, já presentes no latim tardio como, por exemplo, a construção ora com acusativo, ora com ablativo independentemente da estaticidade ou dinamicidade da ação, ao que o autor considera ser um caso de licença poética.

Realmente, como observam os estudiosos da linguagem e estilo fulgencianos, o seu latim contém características da linguagem tardia ou pré-medieval atestadas em outros documentos do período. Sendo assim, os autores acrescentam que o vocabulário empregado é notável pela riqueza e grande criatividade, justamente pelo grande número de palavras raras e hápax, em particular no prólogo do livro I das *Mythologiae* (WOLFF; DAIN, op. cit. p. 25-26). Ainda a respeito do léxico de Fulgêncio, Manca (op. cit.) acrescenta que são frequentes os “cristianismos”, ao utilizar adjetivos como substantivos no genitivo (*angelica* por *angelorum* etc); extensões semânticas conotativamente cristãs (*beatitudo* etc), ou termos técnicos da liturgia (*chrisma, sanctificare* etc), numerosos grecismos (*demon, ent(h)eca/enthecatum* etc); há ainda uma tendência em substituir o genitivo plural por um adjetivo correspondente, que

⁴³ Wolff e Dain dão como referência: *Apuleius cum commento Beroaldi*, Venetiis, in aedibus Ioannis Tacuini de Tridino, 1516, p. 106 - 107.

⁴⁴ [...] *la langue de Fulgence s'écarte souvent de la norme classique. Et son style, jamais fluide, est déroutant. Il est fait de contrastes. [...] Les mots rares ou archaïques et les hapax (parmi les quels de nombreux calques du grec) y abondent.*

Fulgêncio cria analogamente sem confrontar seus usos (MANCA, op. cit. p. 62). Assim sendo, a *Sermonum* até mesmo pela sua natureza lexicográfica ligada aos termos desusados e raros é permeada de palavras, ou ainda definições que apenas Fulgêncio fez uso e documentou, como por exemplo, o sentido *nudator cadauerum* (‘espoliador de cadáveres’) para o termo *uispillo*; os hápax *Fastalia* referindo-se aos *Fasti*; *deppinato* (‘alado’); *infrontate* (‘atrevidamente’) etc; Ou ainda termos do latim tardio como, por exemplo, *girare* (‘rodar’); *manifestationibus* (‘às revelações’); *lucidandis/lucidare* (‘elucidar’) entre outros usos.

Ainda em relação ao estilo do nosso autor, segundo Wolff e Dain (op. cit. p. 27), “Fulgêncio pratica o *spoudogeloion*, a mistura de seriedade e de prazer, de erudição e brincadeira. Sua obra está sob o signo de oxímoro e da fusão de contrastes, há uma certa ironia nele.⁴⁵” Acrescenta ainda os autores que “o *spoudogeloion* se manifesta em seguida ao humor, que pode tomar a forma de exagero, do burlesco. [...] O estilo, por vezes enfático, humorístico e barroco de Fulgêncio, tem um aspecto lúdico⁴⁶” (WOLFF; DAIN, op. cit. p. 28-29).

Hays (1996) observa que, devido às acusações de que nosso autor teria inventado muitas das citações e dos autores da *Sermonum*, conforme já discutido antes, até recentemente Fulgêncio foi visto como um charlatão ou ainda como um *jokester* (‘cômico’), que poderia ser comparado a *Virgilius Maro Grammaticus*, um desconhecido autor brincalhão do século VII. A respeito do cômico na *Sermonum*, vale citar as considerações de Pizzani (op. cit) sobre a afirmação *sed ne quid te Grecum turbet exemplum, ego pro hoc tibi latinum feram, ait enim...* (‘mas para que não te perturbe o exemplo grego, em virtude disto eu próprio apresentarei o latino para ti, assim diz...’) presente no *sermo* 16 (*problema*), em que Fulgêncio antes de apresentar uma fala atribuída ao autor grego Demóstenes, sinaliza que usará o latim em lugar do texto em grego, fato este que, para Pizzani, seria uma informação aberta a várias possibilidades de interpretação. No entanto, Baldwin (1988. p. 44) é mais enfático e

⁴⁵ *Fulgence pratique le spoudogeloion, le mélange de sérieux et de plaisant, d’érudition et de jeu. Son œuvre est sous le signe de l’oxymore et de la fusion des contraires. Il y a chez lui une certaine dose d’ironie.*

⁴⁶ *Le spoudogeloion se manifeste ensuite dans l’humour, qui peut prendre la forme de l’outrance, du burlesque. [...] Le style parfois ampoulé, humoristique et baroque de Fulgence a um aspect ludique. Ademais, para uma maior discussão a respeito do *spoudogeloion* em Fulgêncio conferir VENUTI M. ‘Spoudogeloion’, Hyperbole and Myth in Fulgentius’ *Mythologiae*. In: MORETTI, P. F.; RICCI, R.; TORRE, C. *Culture and Literature in Latin Late Antiquity. Continuities and discontinuities*. Turnhout. 2015. p. 307-322.*

considera que pode ser mesmo uma piada de tom irônico, pois Fulgêncio pode ter sido influenciado por exercícios sofisticados comumente usados, em que pessoas reais são colocadas em cenários e cenas fictícios, com essa finalidade.

3.2 Processo de tradução e escolhas tradutórias

Desde seus primórdios, o percurso da tradução foi delimitado a partir de períodos específicos, através de concepções de práticas e de objetivos tradutórios que ditaram e ainda ditam o modo como se faz tradução. Tais concepções e objetivos se referem às essencialidades e às binaridades que sempre cercaram a tradução, como o conceito de *equivalência*, que a remetia à essência. Para além dessa concepção, Walter Benjamin, em seu ensaio *A tarefa do tradutor* [1923], refletindo a respeito do fazer tradutório, pondera que,

Para apreender a relação autêntica entre o original e a tradução é necessário proceder a um exame, cujo raciocínio é análogo ao curso do pensamento, pelo qual a crítica do conhecimento há de mostrar a *impossibilidade de uma teoria da imitação*. (BENJAMIN, *A tarefa do tradutor*, [1923] 2011).

Dessa maneira, a perspectiva é diferente da visão tradicional e logocêntrica, em que há a imposição ao tradutor de ser capaz de produzir, indiscriminadamente, todas e quaisquer que sejam traduções, em quaisquer situações e em qualquer tempo, considerando-se apenas o seu domínio sob as línguas envolvidas na tradução; a partir de então, o tradutor terá como tarefa “redimir, na [sua] própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação [*Umdichtung*].” (BENJAMIN, [1923] 2011. p. 171). Isso significa afirmar que, ao texto de partida, a tradução passa a nada dever, sendo ela, pelo contrário, uma forma de revigorar a vida daquele, visto que “nela, a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais abrangente desdobramento” (*idem*. p. 105). Mais ainda, a tradução vem “doar vida, transformar o texto-fonte para que ele ‘continue vivendo’, e que ‘viva mais e melhor’, que viva ‘além dos meios do autor’” (DERRIDA, 1985 apud GENTZLER, 2009. p. 202).

A tradução vem a ser, portanto, o modo de ‘libertar’ a língua adâmica, a primeira. Ela rompe com os limites da própria linguagem, uma vez que, ao se traduzir, a língua materna ‘desconstrói-se’, para que haja a manifestação, ‘a anunciação’ da língua

pura. É, muitas vezes, na tradução que se manifestam as possibilidades dos sentidos emudecidos, intocados e, até mesmo, inaudíveis do texto de partida. Nasce assim a ideia de *suplemento*: “uma tradução esposa o original, quando dois fragmentos unidos, tão diferentes quanto possível, se complementam para formar uma língua maior, no curso de uma sobrevivência que muda todos os dois” (DERRIDA, 1987, p. 224). Há, portanto, uma reversão da visão logocêntrica, ou seja, a crença na estabilidade do significado. A tradução passa a ser uma promessa, uma esperança de completude jamais alcançável, visto a existência da multiplicidade de línguas (*Babel*), daí, “as obras, todas arraigadas à sua raiz verbal, [serem] únicas... Únicas, porém não isoladas: cada uma delas nasce e vive em relação a outras obras de línguas distintas.” (PAZ, 1990. p. 17).

Assim, “o processo de tradução oferece, dentro do possível, um modo de divergir/procrastinar que *subverte os modos do pensamento metafísico tradicional* que dominam as premissas acerca da tradução, em um sentido específico, e da filosofia, no aspecto geral” (GENTZLER, 2009, p. 185). Essa concepção rompe com a noção de tradução como cópia e repetição do mesmo. Não há mais como almejar que a tradução seja o ideal, o modelo do original, pois não há mais hierarquia possível entre a Essência e a Aparência, entre o Modelo e a Cópia,

Reverter o platonismo significa então: fazer subir os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones ou as cópias. [...] O simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que *nega tanto original como cópia, tanto o modelo como a reprodução*. (DELEUZE, 2009. p. 267.).

Ademais, a tradução é elevada ao mesmo lugar da obra literária, pois o simulacro se constrói sobre uma diferença, se internalizando na dissimilitude, em que reside a sua maior potência (DELEUZE, 2009). Refletindo a partir dessa abordagem, antevemos a importância do nosso trabalho de tradução, pois a *Sermonum*, uma obra que, como já discutido, no passado foi tida por muitos escritores carolíngios como um *manancial de raridades verbais*, é atualmente quase totalmente ignorada, possuindo raras traduções modernas. Assim sendo, consideramos em nossa tradução a visão de uma poética sincrônica, que se liga à ideia de descentramento trazida pela desconstrução derridiana: a linha linear passado-presente-futuro como uma constelação de presentes todos interligados é o que vem a representar a tradução da nossa obra, já que “o passado não é apenas lembrança, mas *sobrevivência* como realidade inscrita no presente. As

realizações artísticas dos antepassados traçam os caminhos da arte de hoje e seus descaminhos.” (PLAZA, 2003. p. 2).

Dessa maneira, traduzir a *Sermonum*, uma obra situada em um período de transição entre a Antiguidade Tardia e a Idade Medieval, mais do que nunca prevê que o seu recorte sincrônico permita a “releitura” da obra literária, ao ponto de aprofundar o olhar sob o texto em tradução. A sincronia não descarta a diacronia: o contexto do texto de partida guia e subsidia a sua “re-criação” em nosso presente e em nossa língua materna, visto que a tradução dessa obra, como já afirmado, é a primeira para a língua portuguesa. A despeito das considerações acerca da tradução da tradição clássica (aquela concebida nos moldes tradicionais, logocêntrica, que busca manter o estilo característico do texto original, ou seja, a metrificação, os paralelismos, os efeitos sonoros entre outros aspectos) e da “tradução de estudo” (em que se objetiva a compreensão global das ideias do autor), optamos por produzir uma versão de estudo da obra em questão, isto é, uma tradução do latim ao português que mantém algumas marcas tipicamente *fulgencianas*, como a sua linguagem rebuscada e o seu estilo extremamente prolixo, porém ancorada em ideias desconstrutivistas acerca do fazer tradutório, buscando assim ser acessível aos leitores e estudiosos do nosso tempo.

Portanto, durante o seu processo tradutório, a *Sermonum* nos demandou algumas estratégias (alterações, acréscimos, legendas explicativas, ausências, silêncios e estratégias suplementares, como ilustrações). As consideradas mais singulares, destacamos aqui, a seguir.

Uma primeira estratégia consistiu em ‘estrangeirizar’ o texto de chegada, a fim de não somente manter marcas culturais e históricas presentes no texto latino, mas também pelo fato de que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturais estrangeiras, [...] ela cria possibilidades para a resistência cultural, a inovação e a mudança em qualquer momento histórico” (VENUTI, 2002, p. 130-131).

Sendo assim, na explicação do *sermo 7 (suggrundaria)*: há a definição de *bustum* como uma referência originalmente ao local específico de cremação dos cadáveres que, mais tarde, passará a ter o significado mais genérico de tumba ou sepulcro. Então, para manter o primeiro sentido, optamos por não traduzir o termo em latim; outra forma de estrangeirização foi a escolha de também não traduzir os títulos de

obras citadas que ainda não estão documentadas, como, por exemplo, no mesmo *sermo* 7, mantemos em latim a desconhecida tragédia intitulada *Astianacte*.

Diferentemente, em outros momentos, a escolha foi por ‘aportuguesar’ (domesticar) certos termos ou expressões em latim, como acontece no *sermo* 27 (*mnasiterna*), em que há a citação “Onde tu, **mnasiternado** (com a *minasiterna*), procuras água?”. Do mesmo modo, no *sermo* 4 (*manales lapides*), traduzimos o trecho da citação atribuída a Lábéo, *Fibrae iecoris sandaracei coloris dum fuerint...*, por “Até que as fibras do fígado tenham sido de **cor vermelho escuro...**”, quando o dicionário português, para o latino *sandaraceus*, costuma informar ‘sandáraca’ (ou seja, “vermelho cinábrio ou zarcão”, HOUAISS, 2001). Também realizamos acréscimos, como ocorre na tradução do *sermo* 56 (*sudum*): Chama-se *sudum* ‘sereno’; daí também Tiberiano diz: “Lúcifer, *sudus na face*, afasta os áureos fogos”.

Ademais, inserimos legendas tradutórias utilizando expressões idiomáticas, como no caso da citação atribuída a Lucílio, no *sermo* 23: “Prossegue um cadáver ‘**que tem onde cair morto**’ (*capulare*)”. Da mesma maneira, no *sermo* 8 (*silicernius*, “os velhos já curvados quase reconhecendo as pedras das suas sepulturas”), traduzimos *Quid iam silicernius...* por “Enquanto aquele já *silicernius* (**‘cadáver ambulante**) ...”.

Optamos, ainda, por manter expungidas, ou seja, entre colchetes, os *lemmata* ‘*Quid sit/sunt*’, exatamente como vêm apresentadas no texto latino da edição consultada (Helm), porém, diferentemente do editor, nós os colocamos em recuo à margem do texto e em fonte menor, visto que, conforme discutem alguns estudiosos das obras (HAYS, 1996, p. 219), elas teriam sido adicionadas posteriormente⁴⁷.

Outra opção realizada foi por traduzir o verbo *dicere*, que em latim significa propriamente ‘dizer’, por diversos sinônimos em português, ‘denominar’, ‘afirmar’, ‘chamar’ etc, buscando evitar a excessiva redundância, visto o caráter reiterativo próprio da *Sermonum*.

A despeito de nosso trabalho tradutório se tratar, como mencionado anteriormente, de uma tradução interlingual (latim-português), inserimos ilustrações, como forma de estratégia suplementar a nossa tradução, entendendo que a imagem é uma escolha que vem a valorizá-la, visto que, apesar de não compor o texto de partida,

⁴⁷ A despeito das expunções que não foram indicadas na edição de Helm, conferir também detalhada discussão a respeito das adições posteriores dos títulos das fábulas das *Mythologiae* em: AMARANTE, J. L'architettura orizzontale dei tre libri delle *Mythologiae* di Fulgenzio. *Studi Italiani di Filologia Classica*, Firenze, 2017 (no prelo).

por vezes, as ilustrações apresentadas dialogam não somente com a tradução, mas também com parte dela, ou seja, com suas notas (vide Fig. 5 - INIVGES BOVES, p. 74; Fig. 15 - ABSTEMIVS, p. 120 e Fig. 16 - AVMACIVM, p. 123).

Durante o processo de tradução, outra metodologia empregada, quando se fez necessário, foi realizar a comparação entre as edições de Helm (1898) e Pizzani (1968), para se elucidar possíveis dúvidas relativas à grafia do latim. Embora a edição de Pizzani siga a de Helm, ela oferece uma leitura particular das lições acolhidas pela sua edição. As alterações, que, por ventura, foram realizadas do original de Helm são sempre indicadas em nota, e tais alterações poderão advir de uma análise do aparato crítico e da adoção de quaisquer outras lições que, a nosso ver, são mais adequadas, acompanhadas então da devida discussão. Metodologicamente, a edição base e a edição de Pizzani auxiliaram na produção das notas críticas, pois o autor apresenta ora um excelente aparato crítico, como faz Helm, indicando as lições variantes fornecidas pelos códices, ora ricas notas críticas. Além disso, Pizzani contribuiu ao discutir aspectos importantes da tradição manuscrita e impressa da obra.

Houve também cotejo das duas únicas traduções para línguas modernas da *Sermonum* de que temos conhecimento, a do inglês de Leslie G. Whitbread (1971) e a, já mencionada, do italiano de Ubaldo Pizzani (1968). Essas traduções foram úteis para desconstruir e evidenciar as diferentes escolhas tradutórias empregadas pelos tradutores, e, dessa maneira, foi possível estabelecer um diálogo entre as traduções existentes da obra e enriquecer, assim, os comentários e notas críticas da nossa tradução. Revisitar essas traduções possibilitou a problematização sobre os caminhos tradutórios escolhidos pelos tradutores de Fulgêncio, “pois cada tradução de uma obra representa, a partir de um determinado período da história da língua e relativamente a determinado aspecto de seu teor, tal período e tal aspecto em todas as outras línguas (BENJAMIN, [1923] 2011, p. 111)”.

A seguir, apresento a tradução de dois *sermones*, como exemplificação da maneira como foi feito o confronto sistemático em toda obra, procedimento adotado no trabalho com as traduções, analisando as estratégias empregadas pelos tradutores do texto em latim ao italiano e ao inglês, em contraposição às realizadas em nossa tradução ao português:

1. [**Quid sit sandapila.**] *Sandapilam antiqui dici uoluerunt feretrum mortuorum, id est loculum, non in quo nobilium corpora, sed in quo plebeiorum atque damnatorum cadauera portabantur, sicut Stesimbrotus Tasius de morte Policratis regis Samiorum descripsit dicens: 'Posteaquam de cruce depositus, sandapila etiam deportatus est'.*

1. [**Che si intende per sandapila.**] Per *sandapila* gli antichi **intendevano ciò che serve per il trasporto dei morti**, cioè la bara nella quale venivano trasportati non già i corpi dei nobili, ma i cadaveri dei plebei e dei giustiziati, come ha lasciato scritto Stesimbrotto di Taso che, a proposito della morte di Policrate re di Samo, dice: “Dopo che, deposto dalla croce, **fu**, per giunta, **condotto a sepoltura in una misera bara**”.

1. **What a sandapila is.** By *sandapila* the ancients **meant a bier for the dead**, that is, a coffin, not one on which the corpses of the nobility were carried, but one for the corpses of the lower classes and condemned criminals, as Stesimbrotus Thasius describes when writing of the death of King Polycrates of the Samians: "After he was taken down from the cross, **he was carried away on a bier.**"

1. [**Que seria sandapila**] Os antigos **afirmaram que sandapila era chamada a maca para o transporte dos mortos**, isto é o caixão, no qual, não os corpos dos nobres, mas sobre o qual os cadáveres dos plebeus e dos condenados eram transportados, assim como Estesímbroto de Tassos descreveu a respeito da morte de Polícrates, rei dos Sâmios, dizendo: “Depois que ele foi deposto da cruz, também **foi levado na sandapila.**”

Em tradução, o *sermo* 1 [*sandapila*], adentrado pela expressão latina “*Quid sit...*”, traduzida em português literalmente por “Que seria...”, traz uma leve extensão de sentido em italiano (*Che si intende per...*, “O que se entende por ...”) e, no inglês, é traduzida de maneira mais direta e objetiva (*What a ... is*, “O que é...”). Cada escolha tradutória, observamos, considera alguns aspectos mais relevantes em detrimentos de outros, demonstrando como o sujeito que traduz se inscreve ou não no texto traduzido.

Outro trecho latino em que se nota tal fato é o “... *dici uoluerunt feretrum mortuorum*”, que, se fosse traduzido por “... afirmaram que era chamado **o caixão dos mortos**”, geraria uma redundância, visto que *caixão* em português já subentende a quem se destinam: aos mortos. Em italiano, o tradutor inferiu todo o sentido da expressão a partir da sua explicação na totalidade, ao traduzir por “... *intendevano ciò che serve per il trasporto dei morti*” (“... entendiam **aquilo que serve para o transporte dos mortos**”), resolvendo essa questão. Em inglês, bastou apenas traduzir *feretrum*

mortuorum (o caixão *dos mortos*) por *a bier for the dead* (“um caixão **para os mortos**”).

E, por último, o trecho *sandapila etiam deportatus est* – que se traduziu por *fu ... condotto a sepoltura in una misera bara* (“... **foi conduzido à sepultura em um mísero caixão**”) no italiano, e por *... he was carried away on a bier* (“... **foi carregado num caixão**”) no inglês – traduzimos em português por “...foi levado na sandapila”, justificando a escolha em manter o termo na língua do texto de partida como uma estratégia de não apagar as marcas tão próprias à obra e à função a que a destinou seu autor: “elucidar, explicar os sentidos das palavras obsoletas”, como promete no prólogo da *Sermonum*.

23. [*Quid sit capularis.*] *Capularem dici uoluerunt senem iam morti contiguum, sed et reos capulares dicebant, qui capulo digni fuerunt; unde et Lucilius ait: “Pergit capulare cadauer” et Flaccus Tibullus in Melenecomedia ait: “Tune amare audes, edentule et capularis senex?”; edentulum enim quasi iam sine dentibus dici uoluit.*

23. [Che s'intenda per *capularis*.] Per *capularis* intendeva no **un vecchio già vicino alla morte**, ma chiamavano *capulares* anche i condannati degni del *capulum* (**bara**); onde anche Lucilio dice: “s'avanza un cadavere destinato alla bara” e Flacco Tibullo nella commedia intitolata Melene dice: “E tu oserai fare all'amore, Vecchio sdentato e già pronto per la bara?”; per *edentulus* infatti intendeva “già senza denti”.

23. What a *capularis* is. By *capularis* they meant **an old man already close to death**, but they also used to call *capulares* condemned criminals who were fit for a **coffin** (*capulus*), as Lucilius says: "He's getting the corpse in the coffin"; and *Flaccus Tibullus says in his *comedy Melenis: "Do you dare fall in love, a toothless (*edentulus*) old man with one foot in the grave?"; For by *edentulus* was meant with no more teeth.

23. [Que seria *capularis*.] Afirmaram que *capularis* quer dizer **um homem velho já perto da morte**, mas diziam *capulares* também para os réus que eram dignos de *capulum* (**caixão**); de onde também Lucílio diz: “Prossegue um cadáver ‘que tem onde cair morto’ (*capulare*)”; e Flaco Tibulo, na comédia intitulada *Melene*, diz: “E tu te atreves a amar, velho desdentado e com os pés na cova (*capularis*)?”; por *edentulus* de fato quis dizer alguém já quase sem dentes.

O *sermo* 23 (*capularis*) é um exemplo de como o fazer tradutório da *Sermonum*, algumas vezes, é mais simples de ser realizado: as traduções ao inglês, italiano e ao português se aproximam. Se pensado o movimento em que as línguas buscam convergir à origem, para logo após, se distanciarem em sua multiplicidade, é compreensível que

isso seja possível, como se vê no trecho “... *senem iam morti contiguum*”, traduzido em português (*um homem velho já perto da morte*), em inglês (*an old man already close to death*) e em italiano (*un vecchio già vicino alla morte*), sem quase nenhuma variação. Contudo, por questões de estilo, evitando redundâncias, o termo *capularis* e suas variações latinas como *capulares* e *capulum* são mantidos em todos os textos de chegada.

Como exposto e discutido acima, portanto, se fez evidente que, ‘domesticando’ ou ‘estrangeirizando,’ através de estratégias tradutórias como os silêncios, notas explicativas, manutenção ou não de termos do texto de partida, não há como o tradutor ser “invisível”, pois de uma maneira ou de outra, ele está propiciando intervenções no texto de chegada. Mesmo que inconscientemente, toda e qualquer tradução fará vir à tona o caráter ideológico que nela se encerra (VENUTI, 2002). Para além das tentativas de definir o fazer tradutório e seus conceitos, de buscar entender as complexidades envolvidas no ato de traduzir, o que também esteve em jogo, em nosso trabalho, foi a ética da tradução, já que a história revela que nenhuma tradução é neutra:

A tradução de “boa qualidade” visa a limitar à negação etnocêntrica: ela representa ‘uma abertura, um diálogo, uma hibridização, uma descentralização’, e dessa forma, força a língua e a cultura domésticas a registrarem a estrangeiridade do texto estrangeiro (VENUTI, 2002. p. 155).

A tradução é tão potente que não se limita a dualidades pré-estabelecidas, pois ela dialoga com vários campos do conhecimento, ou seja, ela requer uma abordagem interdisciplinar. Cabe, por ora, afirmar que, a concepção do traduzir aqui significa muito mais do que um simples processo de transferências linguísticas. Avançando da noção de infidelidade, perda ou dívida ao texto de partida, a tradução é, então, *transformação, re-invenção, re-criação*.

3.3 Tradução

Apresentamos, a seguir, a tradução bilíngue (latim-português) da *Sermonum* com notas e comentários explicativos. E, levando em consideração que, para o trabalho tradutório da obra, como já discutido acima, a abordagem desconstrucionista propicia o *re-evocar* dos sentidos, que, por ventura, se achem plasmados no texto de partida, a tradução da obra sob essa perspectiva nos permitiu conceber que tanto a obra quanto o seu autor, por tanto tempo esquecidos, revivam, de alguma forma, a partir da reatualização de um presente remoto em nosso momento sincrônico. Assim, a tradução em sua íntegra apresenta-se permeada por anotações contendo comentários e explicações relativas aos termos/verbetes traduzidos (designados como *sermo/sermones*), variando de acordo com a situação: discussões e consensos trazidos pelos estudiosos a respeito da sua etimologia, da sua documentação em glossários, a veracidade das citações explicativas, notas críticas e exegéticas etc, apresentando uma exposição aprofundada de dados e fatos históricos e/ ou culturais, que compõem assim o estudo da obra.

FABII PLANCIADIS FULGENTII V.C.
EXPOSITIO SERMONUM ANTIQUORUM
AD GRAMMATICUM CALCIDIUM



ELUCIDAÇÃO DE PALAVRAS ANTIGAS
DO ILUSTRÍSSIMO FÁBIO PLANCIÁDES FULGÊNCIO
AO GRAMÁTICO CALCÍDIO

FABII PLANCIADIS FULGENTII V.C. EXPOSITIO SERMONUM ANTIQUORUM
AD GRAMMATICUM CALCIDIUM

ELUCIDAÇÃO⁴⁸ DE PALAVRAS ANTIGAS DO ILUSTRÍSSIMO
FÁBIO PLANCIÁDES FULGÊNCIO AO GRAMÁTICO CALCÍDIO⁴⁹

Ne de tuorum praeceptorum domine, serie, nostra quicquam curtasse inoboedientia putaretur, libellum etiam quem de abstrusis sermonibus impertiri iussisti, in quantum memoriae enteca subrogare potuit absolutum retribui, non faleratis sermonum studentes spumis quam rerum manifestationibus dantes operam lucidandis.

Para evitar que a minha desobediência, ó senhor, fosse julgada de ter cortado algo da série⁵⁰ de tuas recomendações, também o livrinho que, sobre as obscuras palavras, me ordenaste a preparar, entrego-o completo, a partir do quanto o acervo⁵¹ da memória pôde agregar, não me dedicando às babas ornadas⁵² dos sermões, mas consagrando a obra às revelações das coisas que devem ser elucidadas⁵³.

⁴⁸ Embora o título latino seja de fácil dedução, optei por traduzir *expositio* por **elucidação**, um sinônimo de exposição (explicação, definição etc.), para se aproximar da pretensão trazida no prólogo de consagrar a obra às manifestações das coisas que devem ser elucidadas (... *rerum manifestationibus dantes operam lucidandis*).

⁴⁹ Os estudiosos de Fulgêncio não aprofundaram o debate sobre quem seria o misterioso *dominus* por quem a obra pode ter sido encomendada, de acordo com o prólogo (*impertiri iussisti*). Nos códices da edição de Helm, as *inscriptiones* apresentam no título a dedicatória a um não identificado *Calcidius grammaticus*. Houve um tempo em que se acreditava ser este o mesmo *Calcidius*, tradutor e comentador do *Timeu* de Platão, porém hoje, a partir do que a tradição manuscrita documenta, parece se confirmar a existência do Calcídio, gramático a quem é dedicada a *Expositio sermonum antiquorum*, mas – por razões cronológicas e considerações crítico-textuais – não há como identificá-lo com o comentador da obra platônica. Ademais, Villalobos (2014), ao buscar os indícios da existência de Calcídio do *Timeu*, evidencia o que a tradição manuscrita nos deixou sob o nome de ‘*Calcidius*’, e, já de início, alude ao gramático a quem se dedica a *Sermonum*, mas faz a diferenciação entre os dois autores, os identificando como *personae* distintas.

⁵⁰ Alude a um conjunto de obras – provavelmente a *Continentiae* e a *De aetatibus* – do qual a *Sermonum* faria parte. As *Mythologiae* não estariam incluídas nesta lista porque seriam dedicadas a um *Catus Presbyter Cartagynis*, outro personagem também desconhecido.

⁵¹ Busco manter o sentido latino de *memoriae enteca* (“acervo da memória”), refletindo um dos modos, possivelmente, utilizados pelo autor para a composição dessa obra, i. e., Fulgêncio acessa os recônditos da sua mente, para entregar uma obra pequena, porém, completa, já que ela reflete o quanto pôde reunir, recolher de *sermones* do repositório de sua memória (A respeito da memória e esquecimento na *Sermonum*, vide capítulo 1). Percebe-se aqui uma forma de *captatio benevolentiae*, dada a utilização de uma estrutura restritiva ao adjetivo *absolutum* (‘completo’): *in quantum memoriae enteca subrogare potuit*.

⁵² O adjetivo latino *faleratis*, advindo de *phalerae* (*fal-* é grafia tardia), primitivamente, significa *ornamenta* de ouro ou prata que homens nobres traziam ao peito, daí, adornos militares. (cf. PHALERAE. In. FORCELLINI, LEXICON Totius Latinitatis. Disponível em: <<http://www.lexica.linguax.com>>). Note-se aqui o propósito do autor com essa obra, visto que não lhe interessa se dedicar ao discurso ‘pomposo’ da retórica (*faleratis sermonum spumis*), mas sim buscar a real interpretação dos sentidos das palavras antigas ou incomuns.

⁵³ Com este gerúndio do verbo *lucido*, um verbo raríssimo e registrado em latim tardio (cf. LUCIDO. In. FORCELLINI, *op. cit.*), Fulgêncio encerra o curto prólogo dessa obra, reforçando o seu dever, a sua tarefa de elucidar, i. e., ‘lançar luz’ sobre os sentidos obscuros dos *sermones* e das coisas a serem reveladas.

1. [Quid sit sandapila] *Sandapilam antiqui dici uoluerunt feretrum mortuorum, id est loculum, non in quo nobilium corpora, sed in quo plebeiorum atque damnatorum cadauera portabantur; sicut Stesimbrotus Tasius de morte Policratis regis Samiorum descripsit dicens: 'Posteaquam de cruce depositus, sandapila etiam deportatus est'.*
1. [Que seria sandapila] Os antigos afirmaram que *sandapila*⁵⁴ era chamada a maca para o transporte dos mortos⁵⁵, isto é o caixão, no qual, não os corpos dos nobres, mas sobre o qual os cadáveres dos plebeus e dos condenados eram transportados, assim como Estesímbroto de Tassos⁵⁶ descreveu a respeito da morte de Polícrates, rei dos Sâmios⁵⁷, dizendo: “Depois que ele foi deposto da cruz, também foi levado na *sandapila*.”
2. [Quid sit uispillo] *Vispillones dicti sunt baiules, quamuis Antidamas Eracleopolites uispillones dixerit nudatores cadauerum, sicut in historia Alexandri Macedonis scripsit dicens: 'Plus quam trecentos cadauerum uispillones repperiens*

⁵⁴ Palavra rara e de étimo provavelmente derivado do etrusco *semša* ('seis') em composição com o latino *sepelio*, 'sepultar' (gr. ἑξάφορον - maca transportada por seis homens). Cf. Marcial (2, 81): *Laxior hexaphoris tua sit lectica licebit / cum tamen haec tua sit, Zoile, sandapila est* ("Será permitido que tua liteira seja mais ampla que as transportadas por seis homens / Porém, esta, Zoilo, é uma *sandapila*, já que é a tua."). Conferir também em Suetônio (*Dom.* 17), em que o termo *sandapila* aparece como *popularis*. Em Suetônio, a forma aparece num contexto em que ocorre também o verbete *uispillo*, o próximo *sermo* a ser comentado por Fulgêncio (ver nota a este verbete na sequência).

⁵⁵ Como se lê em Varrão (*ling.* 5, 166): *Lectus mortui <quod> fertur, dicebant feretrum nostri, Graeci φέρετρον* ("O leito do morto já que ele é carregado – *fertur* – nós chamávamos '*feretrum*', os gregos *φέρετρον*."), a forma *féretron* (a partir de *fero*) faz referência ao instrumento em que os cadáveres eram levados à sepultura. Em português o vocábulo **féretro**, além de significar ataúde, urna funerária etc., refere-se também a uma espécie de padiola em que os antigos romanos transportavam os despojos dos inimigos (FÉRETRO. In: DICIONÁRIO HOUAISS eletrônico da língua portuguesa, 2001).

⁵⁶ Historiador grego do século V a. C., contemporâneo de Péricles e Címon. Chegaram até nós apenas alguns fragmentos de sua obra inspirada por três dos mais célebres personagens do seu tempo. A personalidade possui identidade e citações atestadas como autênticas. Para maior detalhamento da discussão cf. Pizzani (1968. p. 58-59).

⁵⁷ Rei da Sâmia, o tirano Polícrates foi preso e crucificado em 522 a. C., conforme descreve Heródoto, no Livro III. Também em Tertuliano, *anim.* 46, 7 (WHITBREAD, 1971. p. 161): *ut cum Polycrati Samio filia crucem prospicit de solis unguine et lauacro Iouis* ("como, quando a filha, pela unção do Sol e pelo banho de Júpiter, prevê a cruz para Polícrates Sâmio").

crucibus fixit'. Tamen Mnaseas scribit in Europae libro Apollinem, posteaquam a Ioue uictus atque interfectus est, a uisillonibus ad sepulturam delatus est.

2. [Que seria *uispillo*]

Foram chamados *uispillones*⁵⁸ os carregadores de defuntos⁵⁹, embora Antidamas de Heracleópolis⁶⁰ teria chamado de *uispillones* os espoliadores de cadáveres, do mesmo modo que, narrando, na *História de Alexandre, o Macedônio*⁶¹, ele escreveu: “Encontrando mais do que trezentos saqueadores de defuntos, pregou-os na cruz⁶²”. Todavia Mnaseas⁶³, no livro de *Europa*, escreve que Apolo depois que foi vencido e assassinado por Júpiter, pelos *uispillones* foi levado para a sepultura⁶⁴.

⁵⁸ Com duas grafias (*uispillo* e *uespillo*), o vocábulo possui uma etimologia de difícil certeza – conferir detalhada discussão em PIZZANI (1968, p. 59-63) – e, nesta explicação, lhe são atribuídos dois valores semânticos: o de coveiro de classes inferiores (pobres, gladiadores e condenados), acepção expressamente atestada em Marcial (2,47: *Nuper erat medicus, nunc est uispillo Diaulus: / quod uispillo facit, fecerat et medicus*. “Há pouco Diaulo era médico, agora é coveiro: / aquilo que o coveiro faz, também fizera o médico”); e outro significado de espoliador de cadáveres (*nudator cadauerum*), não testemunhado em textos literários por nós conhecidos, mas bastante documentado em glossários. Apesar de a segunda acepção ser uma hápax, não parece ser difícil de entender a associação dos dois sentidos aqui trazidos se pensarmos que, talvez, os *uispillones*, sendo os primeiros a terem contato com os cadáveres, se aproveitassem disso para furtar os seus pertences antes do sepultamento.

⁵⁹ A lição *baiules* (‘carregadores de defuntos’) é acolhida por Helm, baseada em três manuscritos, contra a lição *baiuli* (de *baiulus*) de todos os demais da tradição (cf. aparato crítico em HELM, 1898, p. 111).

⁶⁰ Um Antidamas, desconhecido por nós, será ainda citado por Fulgêncio no *sermo* 51 como autor de uma *Moralia*. Conforme Baldwin (1988), não consta menção de tal autor na *The Lost Histories of Alexander the Great* de L. Pearson (1960). Já a Heracleópolis Magna era uma famosa cidade que, durante um tempo, foi uma das capitais do Antigo Egito.

⁶¹ A obra, aparentemente uma ficção, não possui qualquer outra fonte de citação, a não ser esta de Fulgêncio. Baldwin (*op. cit.*) sugere que a citação talvez tenha sido criada a partir de um dos trechos da *Digesta* de Justiniano: ... *quid enim si morbo applicitus Alexandriae iussus fuit adire uel nomen uispellionis testatoris ferre?* “quem na verdade se, com a doença aportada em Alexandria, fora ordenado a recorrer ou a receber o nome de coveiro testador?” (36. 1.7). Mas não há nada que comprove ou negue tal hipótese.

⁶² Embora não se encontre documentada a citação, não faltam fontes atestando a crueldade demonstrada por Alexandre, o Grande, contra os seus inimigos e povos dominados. Depois da queda de Tiro, ele ordenou a crucificação de pelo menos dois mil homens (CVRT. 4, 19, *duo milia, in quibus occidendis defecerat rabies, crucibus adfixi, per ingens litoris spatium pependerit* “sobre aqueles sucumbentes a fúria se extinguiu, preguei nas cruces, pelo vasto espaço dos litorais dois mil penderam”). Cf. Baldwin (*op. cit.*).

⁶³ Sobre a autenticidade da autoria e da obra, há muitos testemunhos: existiu realmente um escritor Mnaseas que nasceu em Patara, assim como existe, de fato, uma obra denominada *Europa* atribuída a ele. Ao lado disso, há um número relativo de fragmentos da obra de Mnaseas, que documentam o seu grande interesse pela mitologia, sendo autor e obra citados também nas *Mythologiae*, 2, 16 (cf. PIZZANI, 1968, p. 65-68).

⁶⁴ A princípio, a passagem relatando o assassinato de Apolo por Júpiter e sua sepultura pode nos causar certo estranhamento. No entanto, o ponto central aqui na realidade é a morte de uma divindade sendo sepultada de maneira habitual e por agentes funerários ordinários, os *uispillones*, ou seja, trata-se de um recorrente e característico *tópos* da literatura evemerística (Cf. CIC. *nat. deor.* 1,119 e LACT. *inst.*

Figura 1 – SANDAPILA ET VISPILLONES
(Cena de uma funerária antiga, *Museo Archeologico Nazionale*, Nápoles, Itália)



Fonte: <<http://locipompeiani.free.fr/pages/cercueil.html>>

2, 11, 44). Cf. tb. Pizzani, 1968, p. 66. Como é sabido, para o evemerismo (Evêmero de Messina, século IV a.C), os deuses seriam personagens humanos que, por se destacarem entre os outros por seus grandes feitos ou dotes humanos excepcionais, conquistaram elevada fama e posteriormente ascenderam à condição de divindades. Ainda em Cícero (*nat. deor.* 3, 23, 57), encontramos também o relato sobre um duelo combatido entre Júpiter e Apolo.

3. [*Quid sit pollinctor*] *Pollinctores dicti sunt qui funera morientia accurant; unde et Plautus in Menecmi comoedia ait: 'Sicut pollinctor dixit qui eum pollinxerat'. Pollinctores dicti sunt quasi pollutorum unctores, id est cadauerum curatores, unde et Apuleius in Ermagora ait: 'Pollincto eius funere domuitionem paramus'.*
3. [Que seria *pollinctor*] Foram chamados *pollinctores*⁶⁵ aqueles que cuidavam dos defuntos⁶⁶; de onde Plauto⁶⁷ na comédia *Os Menecmos* diz: “Como, por exemplo, o *pollinctor* disse que o havia lavado e preparado para o enterro.” Os *pollinctores* foram chamados, por assim dizer, ungidores dos impuros⁶⁸, isto é, o cuidador de cadáveres, daí também Apuleio⁶⁹ na *Hermágora*⁷⁰ diz: “Com o cadáver dele lavado, preparamos a volta para a casa”.

⁶⁵ O termo *pollinctor* (e também *pollictor*) significava, mais precisamente, o funcionário responsável pela preparação dos cadáveres para o sepultamento, por meio da lavagem e aplicação de unguentos e perfumes. Já a designação ‘coveiro’ é mais genérica e pouco identificada em textos da latindade tardia. A primeira definição é a mais encontrada nos glossários, havendo, muitas vezes, sentidos ambivalentes que se referem, indiferentemente, a um e a outro significado (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 68-69).

⁶⁶ Para o sintagma *funera morientia*, segundo Pizzani (op. cit.) há duas possibilidades de tradução, uma primeira seria “os funerais dos que morriam”, uma tradução que soa um tanto quanto óbvia, se corrigindo *morientia* para a lição *morientium* (documentada somente em um dos códices da tradição, o Par. lat. 242); e uma segunda, também redundante e deselegante, inferindo por *funera* simplesmente ‘cadáveres’ (Hor., *Carm.* I, 28, 19). Assim, ao comparar e analisar as traduções dessa passagem em Pizzani (*le salme*, p.27) e em Whitbread (*funerals*, p. 161), optei pelo significado mais preciso de *pollinctor* (lavador de defuntos) para manter a coerência da explicação do verbete.

⁶⁷ No rol de autores fulgencianos em citação, Plauto é o que tem maior destaque, pois é o autor mais citado, sendo, inclusive, recuperado em outras citações atribuídas a outros autores. A passagem, citada como pertencente à peça *Menaechmi* (*Menecmi*, na grafia fulgenciana), na verdade, se encontra na peça *Poenulus* (PLAVT. *Poen.* 63 - ... *quia mi pollictor dixit qui eum pollinxerat.*). Para maior aprofundamento sobre a questão das citações fulgencianas e, em especial, o caso das citações de Plauto, vd. COSTANZA, S. Le citazioni Plautine di Fulgenzio. **Messana**- Rassegna di studi filologici linguistici e storici, Messina, v. 4 , p. 159-178, 1955; FERGUSON, T. Misquoting Plautus: the 'Classical Curriculum' of Fulgentius the Mythographer, **Studia Patristica** - Fourteenth International Conference on Patristic Studies held in Oxford 2003, Leuven, n. 43, p. 359-365, 2006.

⁶⁸ Na concepção pagã, os cadáveres eram considerados sujos, contaminados (*polluti*), devido ao estado inicial de decomposição e a aparência angustiante causada pela morte. Daí, então, cabia ao *pollinctor* cuidar para que houvesse a conservação dos corpos.

⁶⁹ Na *Sermonum*, Apuleio é o terceiro dos autores mais citados (*sermones* 17, 36, 40 e 44) e, nas *Mythologiae*, a principal obra de Fulgêncio, o madaurense é evocado desde o prólogo, demonstrando, com essa alusão, o valor desse autor na formação cultural e na obra do mitógrafo (Cf. MATTIACCI, 2003).

⁷⁰ Obra atribuída a Apuleio (séc. II d.C.) e amplamente documentada em Prisciano. Ver: OLDFATHER et alii (1934, p. ix); GRAMM. LAT. Keil, Vol. II, p. 85. Conforme orienta Munguía (1980, em

4. [Quid sint manales lapides] *Labeo qui disciplinas Etruscas Tagetis et Bacitidis quindecim uoluminibus explanauit, ita ait: 'Fibrae iecoris sandaracei coloris dum fuerint, manales tunc uerrere opus est petras', id est quas solebant antiqui in modum cylindrorum per limites trahere pro pluuiiae commutandam inopiam.*
4. [Que seriam manales lapides] Lábeo⁷¹, que expôs em quinze volumes as *Disciplinas Etruscas* de Tagete e de Bécide⁷², assim diz: “Até que as fibras do fígado tenham sido de cor vermelho escuro⁷³, então é oportuno arrastar as pedras *manales*⁷⁴” isto é, as que, como cilindros, os antigos costumavam arrastar pelos confins dos campos, a fim de alterar inteiramente a escassez de chuva.
5. [Quid sint neferendi sues] *Diofontus Lacedemonius, qui de sacris deorum scripsit, ait apud Athenas Marti solere sacrificare sacrum quod*

tradução de APULEYO, Apologia, Flórida), *Hermágoras* provavelmente seria uma novela ou um conto milésio. Segundo Moura (1996, p. 45), “Os contos milésios ou milesianos eram narrativas de provável origem popular, compiladas por Aristides de Mileto (séc. II a.C.) e posteriormente traduzidas em latim por Cornélio Sisena (séc. I a.C.). Ao que tudo indica, eram narrativas de caráter erótico e fantástico, que tratavam, por exemplo, de adultério e feitiçaria, brincando com as convenções sociais”.

⁷¹ Cornélio Lábeo viveu entre os séculos III - IV a. C, sectário do neoplatonismo e autor das obras *De oraculo Apollinis Clarii* (MACR. sat. 1, 18, 21) e *De dis animalibus* (SERV. Aen. 3,168), contudo não se tem certeza da existência de uma obra específica sobre as disciplinas etruscas (PIZZANI, op. cit.). Para Whitbread (op. cit.), a fonte desta citação talvez seja o livro I da *De nuptiis Philologiae* de Marciano Capela, quem, provavelmente, teve acesso à última obra de Lábeo e às alusões aos rituais e às divindades etruscas.

⁷² As *Disciplinas Etruscas* fazem referimento às normas e aos ensinamentos rituais coletados nos vários *Etruscorum et hauspiciini et fulgurales et rituales libri* (CIC. div. 1, 33, 72), dos quais uma parte era atribuída ao mítico Tages (SERV. Aen. 8, 398), sendo sua autoria comprovada. Porém, Lersch (1844) questiona o fato de Tagete ter sido ligado ao nome do adivinho *Bakis*, que não era etrusco, mas talvez beócio, ateniense ou arcadiano. Em favor de Fulgêncio, Pizzani (op. cit.) observa que, para os gregos, *Bákis* era o adivinho, assim como, para os etruscos, *Tages* era um termo referente a toda e complexa tradição da ciência augural, restando a dúvida se, de fato, seriam personagens ou termos genéricos.

⁷³ *Sandarāca* ou *sandarācha*, do grego *σανδάραχη*, é a cor do mínio (óxido de chumbo) ou vermelho chumbo. O dicionário Houaiss (2001) registra para a entrada SANDÁRACA: realgar (rosalgar), mínio; vermelho-cinábrio ou zarcão.

⁷⁴ Testemunhos precisos identificam *manalis lapis* com uma pedra sagrada que era removida nos períodos de excessiva escassez de chuva. Em cada um desses testemunhos, mesmo trazendo dados particulares, ocorre a concordância na citação da fonte, nos *Libri Pontificii*: VARRO frg. 65 apud NON. 547, 7 – nos *Pontificalibus sacris*; FEST. p. 364, 5 Linds. – os *commentarii sacrorum pontificalium*; SERV. ecl. 5, 63; georg. 1, 21, 270, 344; Aen. 7, 190 e 12, 63; e SEN. ep. 108, 31 – os *libri pontificales* (Fontes detalhadas em PIZZANI, op. cit., p. 72-73). Assim, conservada próxima ao templo de Marte, do lado externo às muralhas de Roma, uma *manalis lapis* era arrastada nas épocas de seca (Cf. Whitbread, 1971, p. 162).

ecatonepephoneuma appellatur; si quis enim centum hostes interfecisset, Marti de homine sacrificabat apud insulam Blennon, quod sacrificatum est a duobus Cretensibus et uno Locro, id est Timne Cortiniensi, ... Proculo Locro, sicut Solocrates scribit. Sed posteaquam hoc Atheniensibus displicuit, coeperunt offerre porcum castratum quem neferendum uocabant, id est quasi sine renibus. Et apud Romanos Uarro scribit Sitium Dentatum centies et uicies pugnasse singulari certamine, cicatrices habere econtra quadraginta quinque, post tergum nullam, coronas accepisse uiginti sex, armillas centum quadraginta; et istum primum sacrum fecisse Marti.

5. [Que seriam *neferendi sues*]

O espartano Diofanto⁷⁵, que escreveu sobre os cultos dos deuses, diz que em Atenas, era costume fazer um sacrifício a Marte que é denominado *ecatonepephoneuma*⁷⁶; de fato, se alguém tivesse matado cem inimigos, oferecia sacrifício humano a Marte na ilha *Blennon*⁷⁷, que, como Solócrates escreve, foi

⁷⁵ Também citado nas *Mythologiae* (1, 1) como o autor de 14 livros das *Antiquitates*. Para saber ao certo quem era o autor, se tem conhecimento de Diofanto de Alexandria, um famoso matemático, que não tem como ser identificado com o da citação, observados a sua cidade de origem e seus interesses literários, nada relacionados aos temas abordados neste verbete. Existe outro escritor de nome Diofanto, mencionado por Estefano de Bizâncio e Fócio, que trata de temas predominantemente geográficos e que, segundo os documentos, tem uma obra intitulada Πολιτικά, que pelo título deve tratar sobre vastos assuntos. Este último Diofanto, de acordo com os estudos realizados (ver fontes e discussão em PIZZANI, *op. cit.* p. 80-82), poderia ser identificado com o Diofanto de Esparta mencionado aqui, pois não há nada contra o entendimento de que as *Antiquitates* fosse uma obra extra, ou ainda que, com a expressão ... *qui de sacris deorum scripsit* (... que escreveu sobre os sacrifícios dos deuses), se quisesse afirmar que Diofanto se ocupava de descrever os ritos religiosos, não se tratando de uma obra específica. Também a respeito dessa questão, Whitbread (1971) e Wolff e Dain (2013) reiteram que não se trata do matemático Diofanto de Alexandria (século III d.C).

⁷⁶ Para o termo, pode se comparar ἑκατόν: ‘cem’ e (πε) φόνεσμα: ‘vítima de massacre’. E ainda encontramos ἑκάτομφόνια: ‘sacrifício de uma centena de inimigos massacrados’ (ΕΚΑΤΟΜΦΟΝΙΑ. In: THESAURUS LINGUAE GRAECAE, The Online Liddell-Scott-Jones Greek - English Lexicon). O vocábulo se refere a um sacrifício característico das antigas cidades de Mécenas e Creta. De acordo com as fontes (PIZZANI, *op. cit.*), alguns novos dados essenciais podem ser acrescentados: o ritual era típico de Mécenas, mas também era celebrado em Creta, próximo à cidade de βίεννος, sendo o sacrifício oferecido a Zeus em Mécenas e a Ares em Creta. Como se pode observar, a versão apresentada acima, sem dúvida, traz muitas alterações e discordâncias, demonstrando “ecos” dos dados originários.

⁷⁷ A respeito da ilha citada, Pizzani (*op. cit.* p. 83) considera que “não seja por si errada, mas dificilmente distante do topônimo βίεννος, a sede cretense dos ἑκάτομφόνια. A adulteração de βίεννος para ‘Blennon’ não oferece qualquer tipo de dificuldade paleográfica e se encontra documentada

oferecido por dois Cretenses e um Locrense, isto é, Timne de Gortina, ... por Proculo de Locro⁷⁸. Mas, depois que isto desagradou aos Atenienses, eles começaram a oferecer um *porco castrado* que chamavam *neferendum*⁷⁹, isto é, por assim dizer ‘sem os rins’. E junto aos Romanos, Varrão escreve que Sício Dentado⁸⁰ lutou cento e vinte vezes em um combate singular, que ele tem quarenta e cinco cicatrizes na parte da frente, nenhuma nas costas, que recebeu vinte e seis coroas, cento e quarenta braceletes; e diz que ele fez este primeiro sacrifício a Marte.

também em outros textos (Tradução minha)”.

⁷⁸ É significativa essa menção a dois cretenses realizadores dos referidos sacrifícios, pois reiteram a localização de Creta como o local dos *ἐκᾶπομόνια*. De fato, pode se confirmar pelo nome aqui mencionado de um deles, Timne de Gortina (em grego *Γόρτινα*, atualmente é uma cidade e sítio arqueológico da ilha mediterrânea de Creta). O segundo, como pode ser observado, deve ter sido também citado, haja vista a lacuna produzida pela fragmentação do texto latino, e o último, o Próculo está notadamente situado como proveniente de Locros (em italiano *Locri*, é uma comuna italiana da província *Reggio Calabria*).

⁷⁹ Conforme pesquisa realizada em glossários, a forma *neferendus*, *-a*, *-um* não aparece em nenhum texto antigo. Diferentemente, o termo *nefrens*, *-ndis*, já atestado em Lívio Andrônico (*quem ego nefrendem alui lacteam immulgens opem*), tem em Festo o seu significado e etimologia descritos (Cf. PIZZANI, 1968. p. 77). As citações de Festo fornecem duas etimologias distintas que, por sua vez, oferecem duas definições semânticas também distintas: a partir de *sine dentibus* (*ne + frendo*) ou de *testiculi*, uma alusão ao termo grego *νεφοί* (‘rins’). O primeiro significado e étimo são extensamente documentados pela tradição gramatical latina (Cf. *ibid.* p. 78). Já o segundo significado é atestado somente em Festo (*Rienes antiqui vocabant nefrundines, quia Graeci eos νεφοός dicunt*. PAVL ex FEST. p. 343, 13-15 *Linds.*) e, de alguma forma, se aproxima do sentido aqui definido (*porcum castratum quem neferendum vocabant, id est quasi sine renibus*). Segundo Pizzani (*ibidem*), ainda se tem dúvida de como *nefrendes* (= *testiculi* ou *renes*) passou a *neferendi* (= *sine renibus* ou *testiculis*). Para o estudioso, é possível que, durante a época do latim tardio, esse *ne-* inicial de *nefrens* (= *testiculus*) tenha sido interpretado erroneamente como um prefixo de negação, resultando a inferência *nefrens* (= *non frendens*) presente na definição deste verbete. Ademais, Hays (1996. p. 219), analisando a estrutura da *Sermonum*, afirma que, por conta de ajustes que visavam tornar a obra mais prática, esta longa explicação do *sermo* 5, em alguns manuscritos medievais remanescentes, sofreu uma significativa diminuição, sendo reduzida à simples frase *Neferendus sues. porcus castratus quasi sine renibus*.

⁸⁰ Lúcio Sício Dentado, um tribuno romano do século V, tem sua façanha, aqui recontada sob a autoridade de M. Terêncio Varrão, documentada nos autores Valério Máximo (3, 2, 24), Aulo Gélcio (2, 11) e Plínio (*nat.* 7, 29). Nessas fontes, conforme Pizzani (*op. cit.*), notícias idênticas são encontradas, visto que deve se tratar de um texto de uma única tradição, havendo nele poucas divergências: o número das *armillae* – as fontes informam serem cento e sessenta, e na *Sermonum*, são cento e quarenta braceletes, uma discrepância fácil de ser explicada em algarismos romanos (CLX por CXL); do mesmo modo, o número das *coronae* – as vinte e seis coroas informadas correspondem ao somatório do número de cada tipos de coroas informado nas fontes (oito *coronae aureae*, quatorze *ciuicae*, três *murales* e uma *obsidionalis*). Assim, é possível que Fulgêncio tenha tido acesso direta ou indiretamente a essas informações sobre Sício Dentado do próprio Varrão, cujas obras do gênero eram de leitura habitual no período (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 86).

Figura 2 – NEFERENDI SVES
(*Lares e Genius*. Sacrifício de um porco. Fragmento do Afresco de Pompeia,
Museo Archeologico Nazionale, Nápoles, Itália)



Fonte: <<http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=2309>>

6. [Quid sint ambignae oves] *Bebius Macer, qui fastalia sacrorum scripsit, ait Iunoni eas quae geminos parerent oves sacrificare cum duobus agnis altrinsecus religatis; quas oves ambignas uocari quasi ex utraque parte agnos habentes.*
6. [Que seriam ambignae oves] Béblio Macro⁸¹, que descreveu os dias festivos⁸² dos cultos religiosos, diz que era costume sacrificar⁸³ a Juno ovelhas que parissem gêmeos com os dois cordeiros ligados em ambos os lados das suas ancas; e diz que aquelas são chamadas *oves ambignae*⁸⁴, por assim dizer, ‘as que trazem em si os cordeiros de um e outro lado’.
7. [Quid sint suggrundaria] *Priori tempore suggrundaria antiqui dicebant sepulchra infantium qui necdum quadraginta dies implessent, quia nec busta dici poterant, quia ossa quae conburerentur non erant, nec tanta inmanitas cadaueris quae locum tumisceret; unde et Rutilius Geminus in Astianactis tragoedia ait: 'Melius suggrundarium miser quereris quam sepulchrum'.*
7. [Que seriam suggrundaria] No tempo antepassado, os antigos chamavam *suggrundaria*⁸⁵ os túmulos de crianças que ainda não

⁸¹ As raras notícias sobre a possível existência deste escritor se encontram em dois escólios de Sérvio (*Aen.* 5, 556 e *ecl.* 9, 47). Nos trechos dos dois comentários, Sérvio não faz menção a nenhuma obra específica que pudesse ser atribuída a Béblio Macro.

⁸² *Fastalia sacrorum* (com maiúscula) alude aos *Fasti*, uma obra dedicada às várias festas religiosas do calendário anual romano. Esse título, dificilmente aceito por autores clássicos, em nada prejudica a veracidade da citação, visto que é sabido o estado fragmentado e, muitas vezes, com alterações nos títulos das obras e nomes de autores, das fontes utilizadas por Fulgêncio (Cf. PIZZANI, *op. cit.*, p. 88). O termo *fastalia* é um *hapax*, existindo ainda forma alternativa *festalia* registrada no *Thesaurus Linguae Latinae*, embora seja encontrada somente nos glossários. Assim, *fastalia* talvez seja uma inverossímil criação advinda de *fasti* (Cf. BALDWIN, *op. cit.* p. 42).

⁸³ Por associação à construção sintática do verbete anterior, o *sermo* 5 (*ait... solere sacrificare*), acrescento à tradução o verbo ‘costumar’, seguindo o raciocínio evidenciado em Pizzani (*op. cit.*, 88).

⁸⁴ Para o adjetivo *ambignus*, existem duas variantes ortográficas: *ambegnus* com definição bem precisa e testemunhada em Festo (p. 4, 36-37 *Linds.*); e *ambiegnus*, encontrada em Varrão (*ling.* 7, 31). A derivação de sentido *amb* + *agnus*, implicitamente explicada neste verbete, não aparece em nenhum outro texto, exceto nos glossários (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 87), que, por sua vez, tem como sua única fonte a definição aqui apresentada: *Abiegene oves quae geminos pariunt quasi ex utraque parte agnos lactantes* (EXC. ex. cod. Cass. 9, 5, 559, 7); *ambignae oves ex utraque parte agnos habentes quas Iunoni offerebant, quae geminos parerent* (COD. Vat. 1468 m 3).

⁸⁵ Encontrado somente em glossários (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 89), o vocábulo é certamente derivado de *suggrunda*, *suggrundium* (borda inferior do teto; calha). Apesar de esta definição ser a única fonte

tivessem completado quarenta dias, porque eles não podiam ser chamados *busta*⁸⁶, pois não havia ossos que queimassem inteiramente, nem tanta grandeza⁸⁷ cadavérica que preenchesse o lugar; daí Rutilio Gêmino⁸⁸ na tragédia *Astianacte* diz: “Ó infeliz, melhor do que um sepulcro, a pequena cova tu lamentas”

documentada do costume fúnebre de empregar em uma câmara as crianças falecidas com menos de 40 dias, existem outras fontes que confirmam ao menos dois dados aqui descritos: o caráter peculiar do funeral de um recém-nascido, que era quase sempre realizado às escondidas e sem nenhuma cerimônia (Cf. TAC. *ann.* 13, 17; SEN., *epist.* 122, 10 e SERV. *Aen.* 3, 64; 11, 28 e 9, 143); e também o costume de não cremar os cadáveres dos bebês (Cf. PLIN., *nat.* 7, 16, 72 e IVV. 15, 139-140).

⁸⁶ Primitivamente *bustum* se referia ao local em que eram cremados os cadáveres e, mais tarde, passa a ter o significado mais genérico de tumba ou sepulcro (PIZZANI, *op. cit.* p. 90). Assim sendo, busquei manter o primeiro sentido, optando por não traduzir o termo em latim.

⁸⁷ Em via de regra, o termo *inmanitas* possui matiz negativo nos textos (PIZZANI, *op. cit.*, p. 90), designando ‘crueldade’, ‘selvageria’, ‘coisa monstruosa’ etc., significados destoantes para este contexto, que pede uma definição mais próxima de ‘monstruosidade’ como ‘magnitude’, ‘enormidade’.

⁸⁸ Para Whitbread (*op. cit.* p. 163), Rutilio, ‘o Gêmeo’, possivelmente, pode ser identificado com outras duas personalidades: *Publius Rutilius Rufus*, um orador conhecido por Cícero, ou *Rutilius Namatianus*, um poeta do século V d. C, porém não há nada que comprove tais hipóteses. O personagem reparece mais adiante, no *sermo* 9, como autor dos *Libri Pontificales*, sendo dificilmente comprovável que ele seja o mesmo autor da tragédia citada e do tratado erudito. A respeito do trecho da tragédia *Astianacte* mencionada, a hipótese provável é que houve aqui um equívoco na atribuição da autoria, podendo ser a peça do famoso poeta Ácio, que, por sua vez, deve ter sido citado no tratado desse desconhecido Rutilio Gêmino (PIZZANI, *op. cit.* p. 90).

Figura 3 – SVGGRVNDARIA
(Criança de 6-9 meses de idade enterrada em uma ânfora. Meados do séc. I a. C.,
Cemitério *Porta Nocera*, Pompeia (A. Gailliot / *École française de Rome*)



Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/Infant-of-6-9-months-in-age-buried-in-an-amphora-mid-1st-c-AD-in-the-Porta-Nocera_fig3_284273472>

8. [*Quid sit silicernius*] *Silicernios dici uoluerunt senes iam incuruos quasi iam sepulchrorum suorum silices cernentes; unde et Cincius Alimentus in historia de Gorgia Leontino scribit dicens: 'Qui dum iam silicernius finem sui temporis expectaret, etsi morti non potuit, tamen infirmitatibus exultauit'.*
8. [Que seria *silicernius*] Afirmaram que eram chamados *silicernii*⁸⁹ os velhos já curvados quase já reconhecendo as pedras das suas sepulturas; e daí Cíncio Alimento⁹⁰ na sua história a respeito de Górgias de Leontinos⁹¹ escreve, dizendo: “Enquanto aquele já *silicernius* (‘cadáver ambulante’)⁹² aguardasse o fim de seu tempo de vida, ainda que não pôde da morte, das enfermidades se orgulhou”.

⁸⁹ Ao lado da forma masculina *silicernius*, existe também a neutra *silicernium*, mais difundida e documentada. Apesar de se muito discutir não se sabe com certeza se essas duas formas já coexistiam desde as origens, ou ainda se a masculina é derivada da neutra. Nas fontes, *silicernium* se documenta primeiramente em Terêncio (*Ad.* 587), com o sentido de “banquete fúnebre”. Aparece também em Nônio Marcelo (48, 3-9), com duas acepções para o vocábulo: *silicernium* = *senex incuruus* “velho curvado” e a outra já conhecida “banquete pós-funeral”, sendo esses dois sentidos também documentados nos escólios de Donato, Éugrafo de Alexandria e Festo (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 92). Esse fato comprova que a designação aqui trazida por Fulgêncio já era encontrada na tradição dos escólios, não sendo, portanto, um mero produto da sua criatividade.

⁹⁰ Com este nome se registram: um historiador, um dos primeiros autores da literatura latina, de quem se tem raras informações, e que, tendo vivido durante o período da Segunda Guerra Púnica, escreveu os *Annales* em grego e assumiu importantes cargos públicos; e também outro Cíncio Alimento, a quem são atribuídas uma série de obras documentadas em escritores posteriores (vide PIZZANI, p. 94).

⁹¹ A respeito da biografia de Górgias de Leontinos faltam testemunhos além deste citado por Fulgêncio, fato que até certo tempo levantou suspeitas da credibilidade das fontes fulgencianas. No entanto, uma passagem atestada em Filóstrato – *Vit. Soph.* 209 (Cf. LERSCH apud Pizzani, *op. cit.* p. 94-95) – trata sobre as circunstâncias da saudável velhice de Górgias, demonstrando assim que, ainda que seja fictício o nome Cíncio Alimento, não se tem como negar que essa citação está ligada à obra do grande sofista grego.

⁹² O termo também se registra como uma espécie de banquete servido ao final dos ritos fúnebres (FEST. p. 294. 18 Müll. *Silicernium dicitur cena funebris, quam Graeci περιδειπνον vocant.*)

9. [Quid sint aruales fratres] *Acca Laurentina Romuli nutrix consueuerat pro agris semel in anno sacrificare cum duodecim filiis suis sacrificium praecedentibus; unde dum unus mortuus esset, propter nutricis gratiam Romulus in uicem defuncti se succedere pollicetur; unde et ritus processit cum XII iam deinceps sacrificare et aruales dici fratres, sicut Rutilius Geminus in libris pontificalibus memorat.*

9. [Que seriam os aruales fratres] Aca Laurência, a ama de Rômulo, acostumara-se a, uma vez ao ano, oferecer um sacrifício em prol da fertilidade dos campos, com seus dozes filhos precedentes ao sacrifício⁹³; daí quando um morreu, por causa da benevolência da ama, Rômulo promete assumir a função do defunto⁹⁴; daí, não só o rito sucessivamente prosseguiu com os doze a fazer sacrifícios, como também eles são chamados *aruales fratres*⁹⁵, como relata Rutilio Gêmino⁹⁶ nos livros pontificais.

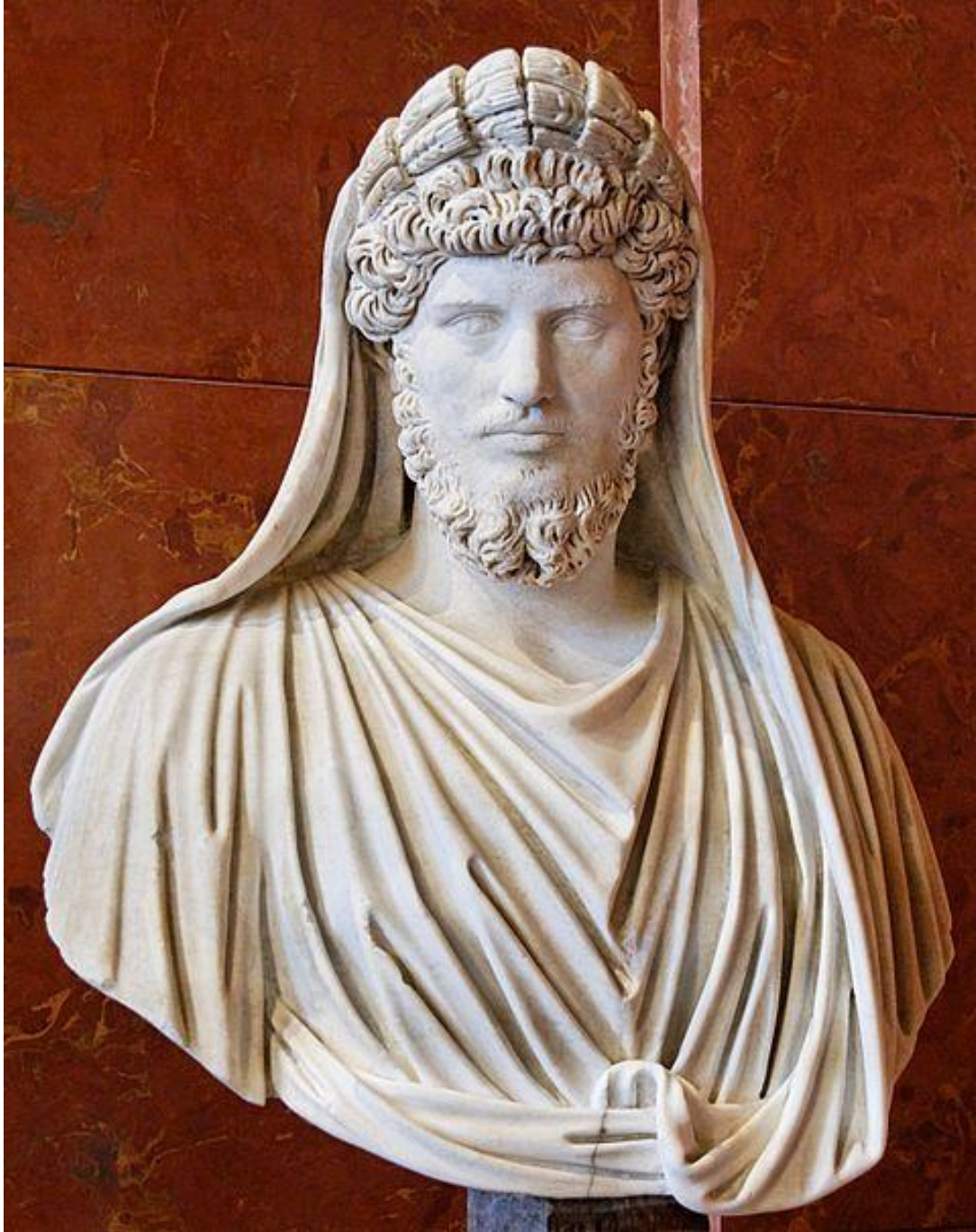
⁹³ O verbo *sacrificare* possui bitransitividade em latim, por isso optei por traduzir pelo seu sentido intransitivo, permitindo, desse modo, que a expressão *sacrificium praecedentibus* assumia diferentes possibilidades de interpretação: se a ela for dado um sentido temporal, se pode inferir “seus filhos precedem a instituição do sacrifício”, ou ainda “seus filhos seguem à frente, antes da celebração do sacrifício”. Mas, se *sacrificium* assumir o valor semântico extensivo de ‘objeto de sacrifício’, ou seja, ‘aquilo que se destina ao sacrifício’, é possível também se entender “seus filhos marcham à frente da vítima destinada ao sacrifício”, em um sentido espacial.

⁹⁴ A origem mítica da confraria aqui referendada confere exatamente com a narração de Masúrio Sabino, documentada nas *Noctes Atticae* de Aulo Gêlio (7, 7, 8) e resumida na *Naturalis Historia* de Plínio (18, 6), havendo, porém, uma única e reconhecida divergência: segundo a citação acima, a instituição do *collegium* seria anterior à admissão de Rômulo, enquanto que, de acordo com Gêlio e Plínio, o próprio Rômulo o teria instituído (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 95).

⁹⁵ Indica a estreita relação dos sacerdotes do famoso *Collegium fratrum arualium*, um grupo de doze irmãos que celebravam ritos em honra à deusa da fertilidade *Dea Dia*, para invocar a fecundidade dos campos. A cerimônia, bastante detalhada nos amplos fragmentos dos *Acta Fratrum Arualium*, remonta pelo menos ao século V a. C. Tendo sido restaurada por Augusto em 21 a. C, prossegue sendo praticada até o ano 218 d. C, uma evidência da perpetuação desse antiquíssimo culto até uma época relativamente tardia.

⁹⁶ Como já discutido anteriormente no *sermo* 7, tanto o autor quanto a obra seguem desconhecidos. No entanto, como salienta Pizzani (*op. cit.* p. 96), independentemente da autenticidade do nome do autor a quem se reporta a citação, o mais importante é a exatidão das informações aqui fornecidas e a sua conformidade com uma bem definida tradição histórica. Ao lado disso, segundo se documenta em Aulo Gêlio, Masúrio Sabino para compor o seu relato acerca da origem do *collegium* teria se baseado em *quosdam scriptores* (“alguns escritores”), entre os quais talvez pudesse estar incluído esse misterioso e desconhecido *Rutilius Geminus*.

Figura 4 – ARVALES FRATRES
(Busto de *Lucius Verus Frater Arualis*, Musée du Louvre)



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Mus%C3%A9_du_Louvre:Inventory/Ma>

10. [*Quid sint iniuges boues*] *Manilius Crestus in libro quem de deorum hymnis scribit ait Mineruae iniuges boues sacrificare, id est iugum numquam ferentes, illa uidelicet causa, quod et uirginitas iugum nesciat maritale et uirtus numquam sit iugo prementi subiecta.*
10. [Que seriam *iniuges boues*] Manílio Cresto⁹⁷, no livro que escreve sobre os hinos dos deuses, diz que à Minerva são oferecidos em sacrifício bois *iniuges*⁹⁸, isto é aqueles que nunca suportaram jugo, por essa razão é evidente que não só a virgindade⁹⁹ desconhece o jugo matrimonial, mas também a virtude nunca é submetida ao jugo opressor.

⁹⁷ Outro autor sobre o qual não existem informações concretas e, de acordo com Pizzani (op. cit. p. 97), ao que lhe parece, não há nada que possa associá-lo a *Marcus Manilius*, autor romano que escreveu o *Astronomica*, um poema instrucional sobre a astrologia, provavelmente sob o império de Augusto ou Tibério (século I d.C.). Em relação ao *cognomen Crestus* ou *Chrestus* (sua provável grafia original), não era estranho à onomástica romana como constatado em *CIC. epist. 2, 8, 1: ...et Chresti compilationem mitteres*, “...e a Cresto tu enviasses a compilação”. Já a respeito de *Manilius* não é possível afirmar o mesmo. De igual modo, o título da obra mencionada é desconhecido, e, segundo Lersch (apud Pizzani. op. cit. *ibid.*), haveria aí um erro de tradução de *Περὶ ὕμνων θεῶν*, hipótese refutada por Pizzani. Conforme aponta o autor, o termo *hymnus*, apesar de não muito presente no latim clássico, era muito utilizado no latim da era cristã, e o uso do caso genitivo para determinar a quem se destina o hino era raro, porém é atestado pela tradição (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 97).

⁹⁸ A forma *iniuges* se refere, segundo Pizzani (id. *ibid.*), a um termo técnico usado para designar uma categoria bastante específica de animais destinados aos sacrifícios (Cf. *MACR. sat. 3, 5, 5*). Como se pode constatar são óbvios o significado e a etimologia do vocábulo (*in + iugum*), não havendo nenhuma inexactidão nos dados aqui fornecidos.

⁹⁹ Neste trecho, encontramos a típica alegoria também presente nas *Mythologiae* (FVLG. *myth.* 2.1; Helm: 38, 10-13): *Minerua denique et Athene Grece dicitur quasi athanate parthene, id est immortalis uirgo, quia sapientia nec mori poterit nec corrumpi* (“E depois Minerva em grego é dito *Atenas*, como *athanate parthene*, isto é, uma virgem imortal, porque a sabedoria não poderá morrer nem ser corrompida”, tradução de José Amarante, no prelo).

Figura 5 – INIVGES BOVES
(Arado e sementeira. Mosaico – *Musée d'Archéologie Nationale*, França)



Fonte: <<https://www.lessingimages.com/viewimage.asp?i=11010343+&cr=4&cl=1#>>

11. [*Quid sint semones*] *Semones dici uoluerunt deos quos nec caelo dignos ascriberent ob meriti paupertatem, sicut sunt Priapus, Epona, Vertumnus, nec terrenos eos deputare uellent pro gratiae ueneratione, sicut Varro in mistagogorum libro ait: 'Semoneque inferius derelicto deum depinnato orationis attollam alloquio'.*
11. [Que seriam *semones*] Afirmaram que eram chamados *semones*¹⁰⁰ os deuses que eles não designassem dignos do céu por causa da pobreza de mérito, como o são Príapo, Epona, Vertumno¹⁰¹; nem quisessem considerá-los da terra em virtude do culto de agradecimento, assim como Varrão, no livro dos *Mistagogos*¹⁰², diz: “E abandonado o *semone* mais abaixo, com as aladas palavras do discurso exaltarei o deus”.

¹⁰⁰ Não existe um consenso a respeito das etimologias deste vocábulo, havendo assim aquela que associa *Semones* a *semen*, a que pressupõe ser o termo derivado de *se-homo* “acima da natureza humana” e aquela que não reconhece uma origem itálica (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 98). A atestação mais remota desse *sermo* se encontra no *Carmen fratrum arvalium* (vide *sermo* 9: *aruales fratres*), um antiquíssimo documento latino, em que E. Norden (1939) tece seu principal comentário ao fazer uma longa explanação a respeito dessa antiga categoria de divindades itálicas (Cf. NORDEN, apud Pizzani, op. cit. p. 98). Um tanto discordante dessa definição apresentada a cerca da natureza desses deuses, Norden afirma que os *Semones* eram a personificação das faculdades dos deuses “maiores”, e não dos menores como definido aqui. Essa variação de sentido, ao que parece, segundo Pizzani (op. cit. p. 99), é sem dúvida fruto de fontes anteriores ao autor, pois Marciano Capela (2,156) apresenta uma perfeita concordância com a citação de Fulgêncio ao tratar sobre a morada dos *Semones*, localizada entre os céus e a terra. Ademais, ainda seguindo Pizzani (ibid.), numerosos testemunhos atestam que, no panteão romano, nem todos os deuses possuíam o mesmo patamar de importância (Cf. PLAVT. *Cas.* 331-32; *Cist.* 522, e também CIC. *Tusc.* 1,29).

¹⁰¹ Como se observa, a exemplificação acima apresenta como *Semones*: Príapo (deus das videiras), Epona (deusa protetora dos cavalos e asnos) e Vertumno ou Vortumno (deus regente das estações do ano). Contudo, de acordo com Pizzani (ibid.) a presença de *Epona* entre eles põe em dúvida a veracidade dessa citação atribuída a Varrão, visto que a divindade, sendo de origem gálica, teria sido introduzida em Roma durante a época de Nero, um período posterior ao grande erudito de Rieti. Ainda assim, Pizzani (op. cit. p. 99) reitera que não há nada que nos impeça de pensar que o conceito fundamental do vocábulo, i. e., *Semones* designando ‘divindades menores’, já existia em Varrão.

¹⁰² Não se tem conhecimento de qualquer obra com este título atribuída a Varrão e, de acordo com a hipótese levantada por Lersch (apud Pizzani, op. cit. p. 100.), essa citação é totalmente falsa e Fulgêncio teria inventado o título *Mistagogorum liber* a partir das *Mysteria*, uma sátira menipeia da região de Reatino (Cf. NON. 14, 1; 46, 24; 76, 13). Para Pizzani (id. ibid.), existe realmente um *Μυσταγωγικῶν libri* – título bem próximo ao citado – cuja autoria é atribuída a Cíncio Alimento, autor já mencionado no *sermo* 8 (Cf. FEST. 498, 8 *Linds.*). Além disso, se vê em Cícero (*Verr.* 2, 4, 59, 132) que os *Mystagogi* se tratavam dos guias encarregados de mostrar aos visitantes os lugares sagrados dos templos, ao que tudo indica que esse livro dos *Mistagogos* referido conteria as principais descrições dos lugares sagrados, dos deuses ali cultuados, dos ritos relativos a eles, dos *ex votis* etc. Tal contexto, conforme discute Pizzani (ibid.), pode muito bem ser condizente não apenas com o relato acerca de um presente votivo oferecido a Júpiter por Tito Quinto (FEST. op. cit.), mas também com a explicação dada aqui sobre os *Semones*, ou seja, os títulos estariam se referindo ao sentido original de *mystagogus* “iniciadores aos mistérios e aos diversos atos sagrados”. A despeito da acusação de falsificação imputada a Fulgêncio, mesmo que seja complexo estabelecer se existiu realmente uma obra de Varrão com esse título, certamente não se pode negar que o tema acerca dos *Semones* já era conhecido por uma tradição literária anterior ao autor (Cf. PIZZANI, ibid.).

Figura 6 – SEMONES
(Deusa Epona. Arte celta - *Kunst der Kelten*, *Bernisches Historisches Museum*, Suíça)



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/rosemania/4121249698>>

12. [*Quid sit blatterare*] *Pacuius in Seudone comedia inducit Sceparnum seruum ancillae dicentem: 'Ni ego te blatterantem aspicerem, his \dot{f} mintium \dot{f} iudicassem'; blatterare enim quasi uerba trepidantia metu balbutire dixerunt.*
12. [Que seria *blatterare*] Pacúvio¹⁰³ na comédia *Seudone*¹⁰⁴ introduz o escravo Esceparno falando a uma escrava: “Se eu próprio não te visse *tagarelar*, por estes eu teria te julgado *mintium*”¹⁰⁵; De fato, por assim dizer *blatterare*¹⁰⁶ chamaram o balbuciar as palavras tremendo, com medo.

¹⁰³ Sobrinho de Ênio, o escritor morreu em 130 a. C. e, pelo que consta, não há notícias de nenhuma peça *Seudone* atribuída ao seu nome. A respeito do trecho citado acima e atribuído a Pacúvio, assim escreve D’Anna: “Duvida-se da autenticidade nem tanto pela dificuldade de admitir que Pacúvio possa ter escrito também comédias (haveria uma abordagem paralela a Ênio a ser considerada), mas pelo fato que isso seja relatado apenas por Fulgêncio, que em nada é testemunha autorizada e fidedigna.” (D’ANNA, 1967. p. 242 apud Pizzani, op. cit., p. 101, tradução minha). Notadamente aqui se vê que a fama do nosso autor invalidou muitos dos seus *testimonia* que se estivessem em outros autores seriam incondicionalmente aceitos. Ademais, o autor Marcos Pacúvio será citado mais duas vezes, adiante nos *sermos* 32 e 57.

¹⁰⁴ A inscrição *Seudone* vem da lição da família α seguida por Helm (Cf. aparato crítico, op. cit. p. 115), sendo que apenas um dos códices apresenta *Sedone* (Harleianus 2682). Em contrapartida, a família β fornece *Pseudone*, variante que leva ao grego $\psi\epsilon\upsilon\delta\omicron\nu\upsilon$ (*pseudon* “aquele que engana ou mente, enganador, mentiroso”). Coincidentemente, existe uma peça de Plauto denominada *Pseudolus* (“O mentiroso”) e, em outra de suas peças, a *Rudens*, aparece um escravo chamado *Sceparnio*.

¹⁰⁵ As lições *mintium iudicassem* são dadas a partir da maioria dos códices (Cf. aparato crítico de Helm, *ibid.*). Contudo, como orienta Pizzani, em relação ao ponto de vista métrico, há quem aceite – quanto ao fragmento atribuído a Pacúvio – a lição *minutim concidissent* ou *uindicassem*, uma reconstrução de Plasberg recuperada por D’Anna (op. cit.), formando assim um tetrâmetro trocáico acatalético. Essa alteração de Plasberg, segundo Pizzani (p. 101), em nada é considerada segura, além de não esclarecer apropriadamente o sentido da passagem, sendo então mais plausível considerar *mintium* como um objeto direto fragmentado de *iudicassem* (“se eu não te ouvisse *blatterare*, eu te teria julgado um *mintium*”). Há ainda, de Bücheler, a sugestão de alteração para *Sminthium* posto após *iudicassem*, formando assim um setenário trocáico (Rhein. Mns., 1904, p. 36).

¹⁰⁶ O verbo *blatero* (a dúplice *t* é de origem popular), orienta Pizzani, surgiu a partir de *blat*, uma raiz onomatopeica, e já aparece em autores da idade arcaica (Cf. AFRAN. apud NON. 78, 31; CAECIL. apud NON. 79, 3), reaparecendo em HOR. *sat.* 2, 7, 35, estando presente, em sua variante *blatire*, muito frequentemente em Plauto (Cf. *Curc.* 452 e *Epid.* 334). Conforme as definições dos gramáticos e testemunhos glossográficos, o significado do vocábulo é “tagarelar, falar ao vazio” (Cf. Pizzani, op. cit. p. 103). A despeito de Lersch (apud Pizzani, *ibid.*) haver tentado comprovar como falsa a definição aqui apresentada, ao tentar desvalorizar o vocábulo pressupondo que os elementos constituintes dessa explicação teriam sido integralmente extraídos de Apuleio (*met.* 10, 8-10), vistas as presenças de palavras semelhantes nos trechos apuleianos e nessa definição (*uerberonem* - *uerba*; *trepidatio* - *trepidantia*; *pallor* - *metus*; *balbutiens* - *balbutire*), Pizzani defende que, dada a exiguidade desses indícios, tal fato não implica necessariamente má fé, pois Fulgêncio pode ter propriamente elaborado a explicação desse *sermo* inspirado em Apuleio, sem perceber que teria cometido um colossal equívoco, sendo assim mais prudente suspender o juízo de falsificação (Cf. detalhada discussão em Pizzani, op. cit. p. 100).

13. [*Quid sit luscicius*] *Luscicios dici uoluerunt in die parum uidentes, quos Greci miopes uocant; unde et Plautus in mercatoris comedia ait: 'Mirum lolio uicitare te, tam uili tritico, quia lusciciosus es'; dicunt enim quod lolium comedentibus oculi obscurentur.*
13. [Que seria *luscicius*] Afirmaram ser denominados *luscicii*¹⁰⁷ os que enxergavam muito pouco durante o dia, os quais os gregos chamavam míopes; e daí Plauto¹⁰⁸, na comédia *O Mercador*, diz: “Surpreendente tu te alimentares com joio, tão barato em relação ao trigo, porque és *lusciciosus*”; na verdade, eles diziam que se ofuscariam os olhos dos que comem joio.

¹⁰⁷ O vocábulo aparenta ser uma alteração evidente de um adjetivo mais comum, o *luscus*: ‘monóculo’, ‘com um olho só’, daí a extensão ‘turvo’ (PIZZANI, *op. cit.* p. 104-105). Para esse adjetivo, os textos documentam quatro diferentes formas (*luscitiosus, nuscitiosus, lusciosus, nusciosus*), havendo muitas discussões que postulam que, a cerca da preferência ora por *l-*, ora por *n-*, respectivamente, seria resultado da influência de *nox* sobre o primitivo *luscus*, ou de *lux* sobre o *nuscus* (maior discussão, sugere Pizzani, conferir os dicionários etimológicos de WALDE-HOFFMAN e ERNOUT-MEILLET). Nas definições dos gramáticos e dos glossários, ainda segundo dados de Pizzani, o *sermo* possui duas acepções que, estranhamente, se contrapõem: uma de “privado de visão noturna” (Cf. NON. 135, 9-12; ISID. *orig.* 10, 163), e outra de “mais adaptado à visão noturna que a diurna” (Ver: PAVL. FEST. p. 107, 24-25), sendo esta última a também adotada aqui, ou seja, ocorre uma derivação direta da designação de Fulgêncio por Festo, ou ainda por Vérrio Flaco, um autor posterior. Ademais, não há dúvida de que as duas acepções já coexistiam à época da República (maior detalhamento em PIZZANI, *op. cit.* p. 105-106).

¹⁰⁸ Como já registrado outras vezes, no trecho acima citado há uma confusão entre obras: na verdade, trata-se não da comédia *Mercator*, mas sim da *Miles gloriosus* (321-322). A passagem transmitida de maneira fragmentada apresenta uma lição verossímil que se assimila à dada aqui: † *mirus olio* † (PIZZANI, *op. cit.* p. 106). Inclusive, editores mais recentes como Lindsay (1953) e Paratore (1959), ainda conforme Pizzani, têm aceitado esta lição da *Sermonum* (*mirum*) em vez da lição de Camerarius (*mirumst*). O fato de ser preferível a forma *lolio* a *olio* dos códices plautinos pode ser muito bem compreensível a partir dos testemunhos documentados pela tradição literária (Cf. OV. *fast.*1, 691 e PHILARG. *Verg. ecl.* 5, 37, apud PIZZANI, *op. cit.* p. 106). Nesses textos é relatada a origem da crença em que o joio tinha um efeito nefasto aos olhos. No mais, como bem nos recorda Pizzani, é relevante afirmar que Fulgêncio não apenas oferece aqui uma lição genuína, mas também controversa, que, no entanto, permite corrigir com bastante segurança uma falha da tradição direta do texto plautino.

14. [*Quid sit tutulus*] *Varro in pontificalibus ait tutulos sacerdotes dici breuium deorum. Numa uero Pompilius et ipse de pontificalibus scribens tutulum dici ait pallium quo sacerdotes caput tutabant, cum sacrificium accessissent, sicut et Virgilius: 'Et capita ante aras Frigio uelamur amictu'.*
14. [Que seria *tutulus*] Varrão¹⁰⁹, nos *Pontificais*, diz serem chamados *tutuli*¹¹⁰ os sacerdotes dos deuses menores. Numa Pompílio¹¹¹, ao contrário, também o próprio escrevendo sobre os pontífices, diz ser denominado *tutulum* o manto com o qual os sacerdotes protegiam a cabeça, visto que se ocupassem do sacrifício, assim como também diz Virgílio¹¹²: “E, diante do altar, nós cobrimos as cabeças com o manto frígio”.

¹⁰⁹ Ao autor, assim como a Numa Pompílio, são atribuídos *Libri Pontificales*. Para Pizzani (*op. cit.*), haveria aqui mais uma vez, como é muito comum em Fulgêncio, a imprecisão ocasionada mais por conta dos equívocos e mal-entendidos do que por capricho nas citações de títulos de obras, que, no entanto, não afetaria a veracidade das fontes utilizadas pelo autor. Assim, a obra citada não seria necessariamente uma referência ao livro primeiro das *Antiquitates rerum diuinarum* de Varrão, que trata a respeito dos Pontífices, mas talvez as informações trazidas também pudessem ser derivadas de uma grande discrepância de um longo trecho da *De lingua latina* de Varrão (Discussão detalhada em PIZZANI, *op. cit.* p. 107-108).

¹¹⁰ Apesar de serem atribuídos dois sentidos diferentes ao *sermo*, somente o de “manto com o qual os sacerdotes cobriam a cabeça” (*pallium quo sacerdotes caput tutabant*) está documentado em outras fontes externas ao texto (Cf. por sugestão de Pizzani, VARRO, *ling.* 7, 42-45; FEST. p. 484, 32 - 486, 2 Linds.; PAVL. FEST. p. 485, 12-14 Linds.) e, de acordo com Pizzani (*op. cit.* p. 107), embora se perceba uma corruptela de *pilleum* (em Festo) para *pallium* (em Fulgêncio), é possível identificar a correspondência entre os textos citados e os elementos contidos no verbete.

¹¹¹ O segundo dos primeiros reis de Roma, a ele tradicionalmente é atribuída à instituição do Colégio dos Pontífices (Cf. PLVT. *Num.* 9. 1-4). Ao seu nome, segundo Pizzani (*op. cit.*), são atribuídos vários escritos evidentemente fragmentados, conforme está atestado em mais de um testemunho (Cf. LYD. *de ost.* 16; TER. Scaur. p. 28K; CASS. HEM. apud PLIN. *nat.* 13, 13, 27; L. CALPURN. PIS. apud PLIN. *nat.* 28, 2, 4 e especialmente em LIV. 1, 31, 8). Pizzani (*op. cit.*) acrescenta que é possível que as notícias aqui referidas a Varrão e a Numa Pompílio sejam oriundas de uma fonte legítima, também deteriorada e compilada. Baldwin (1988, p. 49) acredita que a presença do nome *Pompilius* em Varrão (*ling.* 7, 44) comprovaria e desmentiria a existência da obra atribuída a Numa Pompílio, apesar da sugerida e forte reivindicação de um conhecimento genuíno da fonte apresentada – note-se o uso de *uero* ‘verdadeiramente’ e *ipse* ‘o próprio’ introduzindo a citação –, sendo, portanto, Tertuliano (*pall.* 4) provavelmente uma outra fonte. A isso, Pizzani (*op. cit.*) acrescenta ainda ser possível inferir a passagem “*de pontificalibus scribens*” como “escrevendo, tratando sobre coisas relativas aos pontífices”, ou seja, um tema tratado por Pompílio e não necessariamente uma obra (Cf. aprofundada discussão em PIZZANI, *op. cit.* p. 108-109).

¹¹² Essa passagem de Virgílio se encontra na *Aen.* 3, 545, sendo a citação considerada fidedigna a sua fonte. Como visto, o verso é aqui utilizado como um exemplo da prática de cobrir a cabeça durante as cerimônias sagradas.

Figura 7 – TVTVLVS
(Figura votiva feminina. Arte Etrusca. *Musée du Louvre*, França)



Fonte: < <https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/female-statuettes-tutulus> >

15. [*Quid sit oria*] *Oriam dicunt nauicellam modicam piscatoriam; unde et Plautus in Cacisto ait: 'Malo hunc alligari ad oriam, ut semper piscetur, etsi sit tempestas maxima'.*
15. [Que seria *oria*] Denominam *oria*¹¹³ uma pequenina barqueta de pesca; e daí Plauto na *Cacisto*¹¹⁴ diz: “Prefiro que ele seja atado a uma barquinha, para que pesque sempre, ainda que haja uma fortíssima tempestade”.
16. [*Quid sit problema*] *Problema dicta est propositio in capite libri quaestionaliter posita; unde et Demostenes pro Philippo ait – sed ne quid te Grecum turbet exemplum, ego pro hoc tibi Latinum feram – ait enim: 'Problematis autenticum gradum tradamus astanti, cui nostra subsequens occurset oratio'. Nam et Tertullianus in libro quem de fato scripsit ita ait: 'Redde huic fratri primum problematis mancipatum'.*
16. [Que seria *problema*] Foi chamado *problema*¹¹⁵ a proposição posta em forma de questão no início do livro; daí também Demóstenes¹¹⁶

¹¹³ O vocábulo possui etimologia incerta, talvez originário do ilírico, o idioma nativo da Ilíria, uma antiga região montanhosa da costa setentrional do Adriático, e, ao que parece, a grafia correta seria *horia* (HOREIA. In: WALDE-HOFFMANN, op. cit. apud Pizzani, op. cit. p. 110.), exatamente como a forma aparece nos textos mais antigos. A designação *nauicella modica piscatoria* dada ao termo espelha a apresentada por NON. 533, 21: *horia dicitur piscatoria*, assim como a dos glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. p. ibid).

¹¹⁴ Na verdade, *Cacistus* é o nome de um escravo, uma personagem da *Vidularia*, uma peça incompleta de Plauto, e, segundo Pizzani (op. cit.), tudo leva a crer que foi dessa comédia o fragmento citado aqui. Ademais, essa troca do nome de um personagem com um título da comédia em que ele atua também ocorre no *sermo* 29, onde um trecho das *Bacchides* é citado com a indicação *in Crisalo*. Excluindo o fato de *horia* ser comprovadamente um vocábulo tipicamente presente em Plauto, o enquadramento métrico da citação se adéqua ao clima da comédia *Vidularia* (Maior detalhamento em PIZZANI, op. cit. p. 110).

¹¹⁵ Conforme Pizzani (op. cit. p. 110), o *sermo* é uma palavra grega difundida entre os latinos após o período de Augusto, e, embora esteja documentada em Suetônio (*gramm.* 4), a fonte direta da passagem aqui trazida, se refere à tradição de obras do modelo de *προβλήματα* aristotélicos muito conhecidos em Roma, como se pode constatar em numerosos testemunhos (Cf. GELL. 9, 4, 1; 3, 6, 1 e 2, 30, 11; APVL. *apol.* 51 etc.). Exatamente como dito aqui, Pizzani orienta que os *problemata* de Aristóteles traziam ao início do parágrafo uma questão colocada sob a forma de interrogação que, a seguir, era desenvolvida e respondida no próprio corpo do parágrafo (*propositio quaestionaliter posita*). Acrescente-se ainda a definição do vocábulo pelos glossários que o designam como *propositio* e também como *quaestio* (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 111).

¹¹⁶ Político e orador ateniense (século IV a. C.), autor das *Filípicas*, discursos em que ele faz uso da retórica contra a figura política e militar de Filipe II, rei da Macedônia. Não nos parece estranho o título da obra ou do discurso aqui referido (*Pro Philippo*) se, como reitera Pizzani (op. cit. p. 111), nos lembrarmos de que, vez ou outra, ocorre alteração dos títulos das obras citadas por Fulgêncio, e talvez o nosso autor tivesse sido influenciado por títulos recorrentes do tipo *Pro Quinctio*, *Pro Milone* etc, e,

em *Pro Filipe* diz – mas para que não te perturbe algum exemplo grego¹¹⁷, em virtude disto eu próprio para ti apresentarei o latino – então diz: “Narremos a real situação do problema levantado, para o qual responderá o nosso discurso seguinte”. Na verdade também Tertuliano¹¹⁸, no livro que escreveu *Sobre o destino*, assim diz: “Restitua a este irmão a primeira concessão do problema”.

17. [*Quid sit pumilior, quid sit glabrior*]

Apuleius in asino aureo inducit sorores Psicae maritis detrahentis; dicit: 'quouis puero pumilioem et cucurbita glabriorem'; pumilios enim dicunt molles atque enerues, glabrum uero lenem et inberbem.

17. [Que seria *pumilior*, que seria *glabrior*]

Apuleio, na obra *Asno de Ouro*¹¹⁹, introduz as irmãs de Psique¹²⁰ depreciando os maridos. Ele diz: “Mais nanico

inconscientemente deve ter criado o “*monstrum*” *Pro Philippo*. Embora Cícero, autor desses discursos, não esteja entre os autores nominalmente citados na *Sermonum*, nas *Mythologiae* (11, 7-10), o arpinense é evocado como um *sapiens* (“*Sapiens enim dolorem suum aut benignitati commendat quae omnium munus est aut obliuioni sicut de Cesare dictum est: “Qui obliuisci nihil amplius soles quam iniurias”*”), citando, ainda que com algumas incorreções, um trecho da sua *Pro Ligario*, 35 (“... *Sed parum est me hoc meminisse, spero etiam te, qui obliuisci nihil soles nisi iniurias*”); assim como, na *Continentiae*, é citado como autor da frase “*de qua memoria Cicero dicere solitus erat thesaurum scientiae*” (102, 4).

¹¹⁷ Essa é única passagem da *Sermonum* em que o nosso autor se mostra consciente de citar um texto grego. Para Pizzani, a frase *ego pro hoc tibi latinum feram, ait enim...* (“por isso, eu próprio para ti apresentarei o latino, então diz...”) é vaga e segue incerta entre os mais conhecedores do assunto, pois ela deixa em aberto possibilidades de interpretação: talvez o eu discursivo esteja se referindo a um texto latino qualquer no lugar de um em grego de Demóstenes, ou então se subtende que este último foi traduzido ao latim (PIZZANI, op. cit. p. 111). Baldwin (op. cit. p. 44) considera que, pode parecer apenas uma piada, mas Fulgêncio pode ter sido influenciado por exercícios sofisticados comumente usados, em que pessoas reais são colocadas em cenários e cenas fictícios. Há ainda de se observar, afirma Pizzani, que a primeira palavra da citação atribuída aqui a Demóstenes, *problematis*, realmente ocorre uma única vez em sua forma grega (*De. In. Steph.* 1, 69), mas a citação dada nada tem a ver com a passagem dessa obra, na qual *πρόβλημα* assume um valor próximo a “proteção, abrigo, teia” exatamente como nas tragédias e em Platão (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 112; cf. também WOLFF, 2003, p. 200-201).

¹¹⁸ Não se encontra documentada nenhuma *De fato* atribuída a Tertuliano, e de acordo com Pizzani, Lersch (op. cit. p. 45-46) não descarta que este trecho apresentado aqui possa ter sido extraído de uma obra perdida de Tertuliano, como também reconhece que há numerosas reminiscências do apologista cristão na obra de Fulgêncio (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 112-113).

¹¹⁹ A obra apuleiana conhecida como *Metamorphoses* tem *Asinus aureus* como subtítulo atestado pela tradição: *sicut Apuleius in libris, quos asini aurei titulo inscripsit* (AVG. civ. 18, 18). Cf. FVLG. *myth.* 3, 6: *Apuleius in libris metamorphoseon*.

¹²⁰ Trata-se, na verdade, de uma passagem das *Metamorphoses* (5, 9), em que, após a visita ao encantado e suntuoso castelo, as suas irmãs lamentam-se dos seus próprios maridos, considerados inferiores ao esposo, ainda que invisível, da afortunada Psique (Cf. PIZZANI, op. cit.). Na sexta fábula do terceiro livro das *Mythologiae* fulgencianas, dedicada à história de Cupido e Psique, há três citações dessa obra de Apuleio (Cf. Mattiacci, 2003, *Apuleio in Fulgencio*, p. 229-256).

(*pumilio*¹²¹) que qualquer menino e mais rapado (*glabio*¹²²) que uma abóbora”; realmente, chamam *pumilii* os delicados e efeminados, e, de fato, *glaber* o manso e imberbe.

18. [*Quid sint sutelae*] *Sutelam dici uolunt astutiam, quasi subtilia tela; unde et Plautus in Cassina ait: 'Possis clam me sutelis tuis praeripere Cassinam uxorem, proinde ut postulas'.*
18. [Que seriam *sutelae*] Afirmam ser chamada *sutela*¹²³ a astúcia, quase como *subtilia tela* (‘tramas sutis’); daí também Plauto, na *Cásina*¹²⁴, diz: “Que tu possas, às escondidas, com as tuas artimanhas, roubar-me a esposa Cásina, como pretendes”.
19. [*Quid sit friguttire*] *Friguttire dicitur subtiliter adgarrire; unde et Plautus in Cassina ait: 'Quidnam friguttis?' et Ennius in Telestide comedia sic ait: 'Haec anus admodum friguttit; nimirum sauciauit se flore Liberi'.*
19. [Que seria *friguttire*] *Friguttire*¹²⁵ designa-se tagarelar com agudez; donde não apenas Plauto, na *Cásina*¹²⁶, diz: “Que coisa tu

¹²¹ A palavra, de acordo com Pizzani, está documentada pela tradição apenas em sua forma positiva substantivada *pumilus*, -i (Cf. SVET. Aug. 83 e STAT. *silv.* 1, 6, 6), havendo o sinônimo *pumilio*, -onis, de uso mais geral e corrente. No entanto, a definição trazida aqui para o vocábulo (*mollis atque eneruis*), se encontra apenas testemunhada por Fulgêncio nos glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 113-114), e diverge do valor semântico atestado pela tradição latina (*mollis*: cf. MART. 5, 41, 2; e *eneruis*: cf. PETRON. 119).

¹²² Testemunhado desde Plauto (*Trin.* 541), o adjetivo *glaber* é largamente utilizado pela tradição latina e, diferentemente de *pumilus*, a definição apresentada acima equivale exatamente ao sentido do vocábulo, sendo *imberbis* ‘sem barba’ o seu valor correspondente imediato e *lenis* ‘efeminado’ uma coincidente circunstância (PIZZANI, op. cit. *ibidem*).

¹²³ O significado do vocábulo é dado em FEST. p. 406 (Linds. 25-26); e a sua etimologia, vinda do verbo *suĕre* ‘costurar’ (Cf. SVO. In: WALDE-HOFFMANN, apud Pizzani.), ainda é válida e, de acordo com Pizzani (op. cit.), foi profundamente inspirada na metáfora do trabalho do alfaiate (*subtilia tela*, “ardilosa trama”) apresentada aqui na *Sermonum*. Ao lado disso, a forma possui apenas um único testemunho glossográfico seguro (Vide PIZZANI, op. cit. p. 115).

¹²⁴ O trecho citado refere-se, de fato, aos versos 95-96 da *Cásina* de Plauto, havendo, porém, uma única divergência na versão dada aqui, de *possis* para *possine necne* apresentada na obra plautina. Pizzani (op. cit.) salienta que Constanza (art. cit. p. 163) não descarta esse erro dos códices fulgencianos, que, segundo o autor: “acima de tudo, não pode ser aprioristicamente excluído.” (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 116-117).

¹²⁵ Para o verbo, conforme nos recorda Pizzani, existem muitas definições atestadas (Cf. VARR. *ling.* 7, 104; PAVL. FEST. p. 80; NON. 7, 8-12 e 308, 12-14). Desse modo, de acordo com as explicações de Varrão e Festo, *friguttire* seria o gorjeio característico de um pássaro, a *fringilla* ou *fringuilla*. Já Nônio, ao explicar o sentido do verbo, se atém a descrever cuidadosamente como seria esse som

tagarelas?”, como também Ênio, na comédia *Teléstide*¹²⁷, assim diz: “Esta velha tagarela excessivamente; certamente ela se feriu com a flor do deus Líber”¹²⁸.

20. [*Quid sit tittiulicium*] *Tittiulicium dici uoluerunt fila putrida quae de telis cadunt; ut Plautus in Cassina ait: 'Non ego hoc uerbum empsim tittiulicio', id est re admodum uilissima. Nam et Marcus Cornutus in satyra sic ait: 'Tittiules Flacce do tibi'.*
20. [Que seria *tittiulicium*] Afirmaram serem chamados *tittiulicium*¹²⁹ os fios apodrecidos que se desprendem das telas; como Plauto diz, na *Cásina*¹³⁰: “Eu próprio não teria comprado

característico, tido como um proceder descontínuo e cheio de solavancos e sobressaltos. Nos glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 116), a explicação encontrada para o verbo leva diretamente para a exegese dada aqui (*friguttire: subtiliter adgarrire*).

¹²⁶ Nos códices plautinos (*Cas.* 267), registra-se a expressão *nam quid friguttis* também documentada em Varrão (*quid friguttis*) e Nônio (*nam quid friguttis*), em obras acima citadas, ao invés da expressão *quidnam friguttis* de Fulgêncio. Como observado por Costanza (art. cit, p. 163), a forma *quidnam* equivaleria metricamente a *nam quid*, o que leva a crer que seja essa uma variante antiga (PIZZANI, op. cit. p. 117).

¹²⁷ Não se sabe se autêntica, a comédia citada aqui é a única atribuição a Ênio, um autor conhecido muitas vezes por vias intermediárias pelos escritores tardios. O título *Telestis*, no entanto, remete a uma personagem feminina da *Epidicus* de Plauto (Cf. BALDWIN, op. cit. p. 44).

¹²⁸ Para Lersch (apud PIZZANI, op. cit. p. 117), a partir do confronto do trecho apresentado como sendo de Ênio e duas comédias de Plauto, este seria, portanto, um centão construído a partir das passagens da *Casina* (639-40: *Nisi haec meraco se uspiam percussit flore Liberi*) e da *Cistellaria* (127: *me compleui flore Liberi*), de onde teriam sido extraídos os vocábulos *haec, se, flore* e *Liberi*. Pizzani (op. cit.) acrescenta que esse confronto parece ser adequado, visto que os dois autores teriam escrito seus trabalhos mais ou menos na mesma época, assim como no contexto do mesmo gênero literário, a comédia. Assim, a princípio, a possibilidade de um eco entre os dois comediógrafos não deve ser afastada. Para verificar o confronto lexical entre as comédias de Ênio e Plauto, conferir Pizzani (op. cit. p. 117-118).

¹²⁹ Para o vocábulo, de acordo com Pizzani (op. cit. p. 118), encontra-se a seguinte definição em Festo (PAVL. FEST. p. 336, 13 Müll.): *vox nullius significationis est, ut apud Graecos βλίτυρι et σκινδαψός* (“palavra de nenhuma significação, assim como junto aos gregos βλίτυρι e σκινδαψός”). De fato, βλίτυρι, um termo onomatopeico, designa o próprio som da harpa e também um termo filosófico indicador da privação de sentido de uma palavra (ΒΛΙΤΥΡΙ. In: THESAURUS Lingua Graeca LSJ The Online Lexicon); Já σκινδαψός refere-se a um instrumento de quatro cordas, como também palavra privada de significado (ΣΚΙΝΔΑΨÓΣ. In: *idem*). Do mesmo modo, *tittibilicium*, um hápax fulgenciano, originou-se de uma onomatopeia e tem sua definição nessa passagem de Festo e também na de Plauto (*Cas.* 347), ou seja, o trecho apresentado aqui. Observando a morfologia do lexema, Pizzani (op. cit.) mostra que é possível identificar os elementos formadores de sua variante ortográfica *texiulicium*, forma presente nos códices fulgencianos do grupo β e no glossário de Eginardo: *textum* ‘tecido’, *uilis* ‘pouco valor’ daí *putridus* e *licium* ‘fio’. O autor acrescenta ainda que, para essa forma, a fonte direta, desconhecida para nós, deve ter limitado essa construção, mas depois, talvez sob inspiração do texto de Festo e de Plauto, passa-se a escrever *tittibilicium* sem se notar que isto mudaria o sentido implícito na definição do termo (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 119).

¹³⁰ O trecho tem como ser atestado nos códices plautinos, apesar de ocorrerem algumas variações

(compraria) esta palavra por um *tittiulicium*”, isto é, por uma coisa completamente insignificante. De fato, também Marco Cornuto¹³¹, numa sátira, assim diz: “Uns fios podres, Flaco, ofereço a ti”.

21. [*Quid sint isculponeas*] *Sculponeas dici uoluerunt cestus plumbo ligatos; unde et Neuius in Philemporo comedia ait: 'Sculponeis battenda huic sunt latera probe' et Plautus in Cassina simili modo ait: 'Melius sculponeas, quibus battuatur tibi os, senex nequissime'*
21. [Que seria *isculponeas*] Com *sculponeas*¹³² quiseram dizer as manoplas¹³³ amarradas com chumbo; daí também Névio, na comédia *Philemporus*¹³⁴, diz: “A este, com os tamancos¹³⁵

ortográficas (*istuc* ao invés de *hoc*), que, segundo Costanza (apud PIZZANI, op. cit. p. 119), não invalidam a sua autenticidade, por não serem consideradas necessariamente erradas.

¹³¹ A respeito da veracidade da identidade desse autor, bem como da existência de tal sátira ignorada, Pennisi (1963) conjecturando as possibilidades, reivindica que esse fragmento pode ser atribuído a Lúcio Aneu Cornuto, um escravo liberto e discípulo do filósofo Sêneca, além de mestre de Pérsio: “o fragmento (a ser medido em senários jâmbicos) poderia ser oriundo de uma sátira a Pérsio Flaco, ‘o Sátiro’, em uma troca de gracejos entre mestre e aluno: *Tittiules, Flacce, do tibi*” (PENNISI, op. cit. p. 119, n. 251, tradução nossa). Assim, essa passagem teria sido baseada na *Vida de Pérsio* de Suetônio.

¹³² A grafia com a vogal *i* anteposta, segundo Pizzani (op. cit.), é própria do latim vulgar, mas não é sabido se é típica do estilo fulgenciano, ou se a sua inserção se deve à tradição manuscrita. Ademais, o termo, considerado raro, tem sua definição mais antiga atestada em ISID. *orig.* 19, 34, 13 (*Perones et sculponeae rustica calceamenta sunt*, “*Perones e sculponeae* são calçados rústicos.”); e está documentada em alguns poucos textos antigos (PLAVT. *Cas.* 495-6; CATO *agr.* 59 e VARRO *frg. Non.* 164, 19-21). Pizzani (op. cit.), a partir da sua pesquisa em dicionários especializados, considera a etimologia do termo controversa, pois poderia haver uma relação deste com o lema *scalpo* ‘cinzel’, daí *sculponeae* = sapatos de madeira fabricados com o cinzel, ou ainda com o vocábulo grego *κρουπάλα* “sapatos de madeira” (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 121).

¹³³ Para a explicação dada aqui, Pizzani (op. cit.) sugere que teria havido uma inferência do autor, que, talvez se baseando na citação do trecho de Plauto, apresenta então *sculponeae* como um instrumento utilizado para esmurrar, surrar alguém. Para o sentido de *cestus*, ou *caestus*, *-i* tem-se “manoplas, faixas de couro guarnecidas com chumbo” (CAESTUS. In: DICTIONNAIRE GAFFIOT Latin-Français, 1934). Em português, para a palavra *manopla*, entre os diferentes significados, há, logo de início, a seguinte definição: “luva de ferro, que protegia os gladiadores e que, posteriormente, passou a integrar as armaduras de guerra” (MANOPLA. In: HOUAISS Dicionário da Língua Portuguesa, 2001).

¹³⁴ O autor será citado mais uma vez, no *sermo* 43, e o título da comédia, de fácil dedução (comparar φίλος ‘amante’ e ἐμπορος ‘comércio’, daí “O amante do comércio”), é visto como duvidoso, ao que Pizzani (op. cit.) acredita ser uma produção inspirada em PLAVT. *Merc.* 9. Ainda acerca desse termo, Baldwin (op. cit.) aponta que tem havido dois posicionamentos bem diferentes: alguns editores modernos duvidam da autenticidade do fragmento aqui referendado e o excluem da coletânea de fragmentos de Névio (WARMINGTON, *Remains of Early Latin*, 1938, apud Baldwin, op. cit. p. 49); e outros, o defendem como fidedigno (COSTANZA, S. Tre fammenti di Nevio in Fulgenzio. *Emerita* 24, 1956, p. 302-310. Para maior detalhamento da proposta de Costanza, conferir PIZZANI, op. cit. p. 121-122).

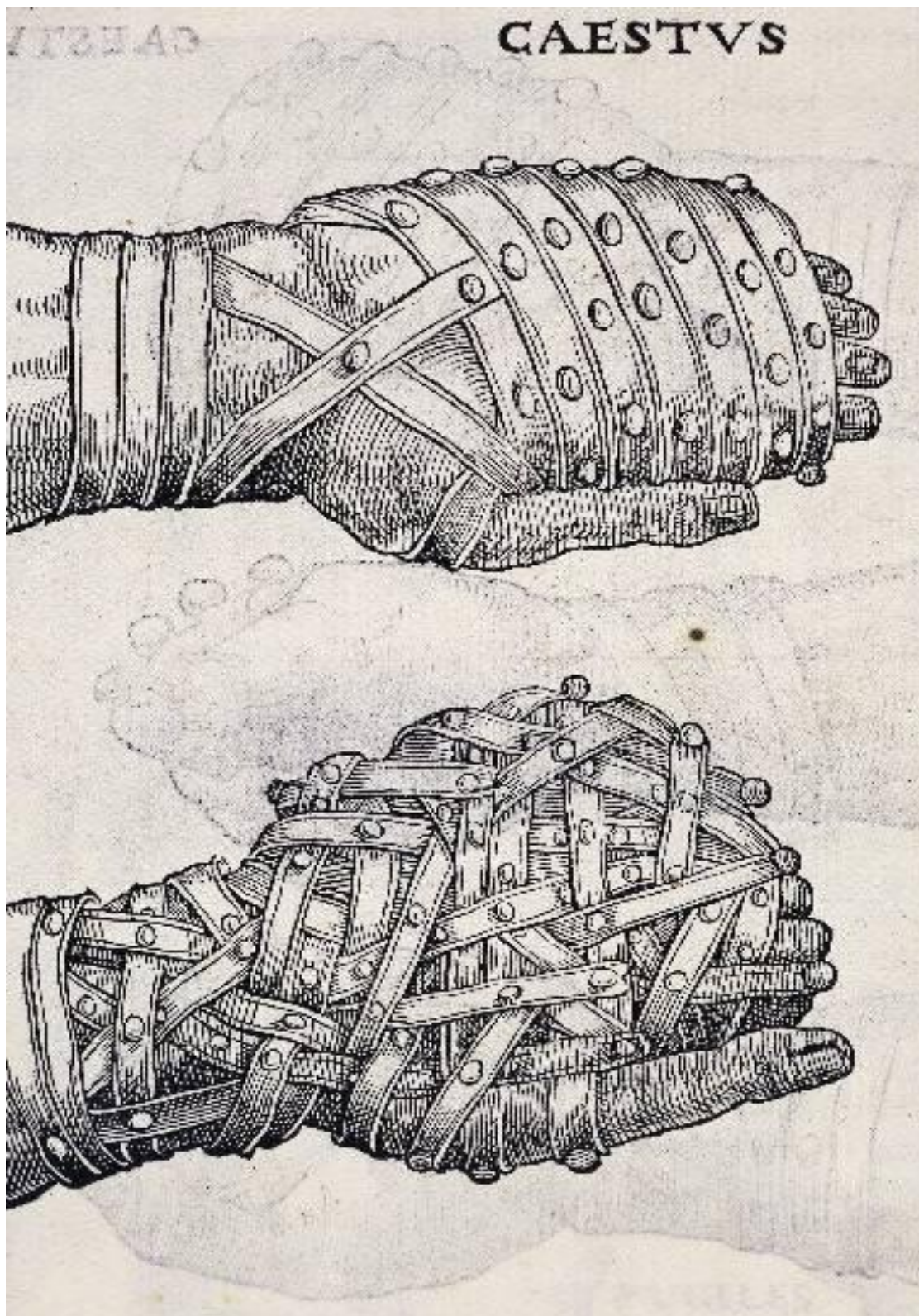
¹³⁵ Considerando o equívoco trazido pela acepção dada aqui ao *sermo*, ou seja, “luvas de gladiadores

(*sculponeis*), devem ser bem surrados os flancos”, e Plauto, na *Cásina*¹³⁶, de modo semelhante, diz: “Melhor os tamancos (*sculponeas*), com os quais seja espancada a tua cara, velho devasso”.

guarnecidas com chumbo”, alinho-me à proposta de Costanza (art. cit.) e Pizzani (op. cit.) e traduzo *sculponeae* por ‘tamancos’, recuperando, assim, o efeito cômico produzido pela imagem de “esmurrar alguém com tamancos de madeira”.

¹³⁶ Mais uma passagem da *Cásina* que pode ser exatamente constatada, salvo as alterações apresentadas no texto plautino em confronto com o da *Sermonum* (*potius quam* ao invés de *melius*). Pizzani considera que essa alteração para *melius* seja um uso típico fulgenciano, que muda o texto de modo voluntário ou não, com uma intenção mais ou menos consciente, para lhe dar um sentido mais completo (PIZZANI, op. cit. p. 123).

Figura 8 – SCVLPONEAE
(*Caestus* ‘manoplas, luvas de combate’. *De arte gymnastica* de
Jeronimus Mercurialis, 1530-1606, Universidade de Sevilla)



Fonte: <<http://fondosdigitales.us.es/media/books/760/hieronymi-mercurialis-de-arte-gymnastica-libri-sex.pdf>>

22. [Quid sit *catillatum*] *Catillare dicitur per alienas domus infrontate girare, a catulis tractum, quod per omnes domus circumant; unde et Propertius: 'Catillata geris uadimonia, publicum prostibulum' et Plautus similiter ait: 'Quin meam uxorem mittam catillatum?'*
22. [Que seria *catillatum*] É dito *catillare*¹³⁷ a ação de rodear descaradamente pelas casas alheias, obtido de *catuli*¹³⁸ (‘cachorrinhos’), porque eles circulam por todas as casas; daí também Propércio¹³⁹: “Tu, ó prostíbulo público, reivindicas garantias lambidas em prato (*catillata*)” e Plauto¹⁴⁰ semelhantemente diz: “Porque não mandar minha esposa lambe os pratos?”

¹³⁷ Para esta formação verbal, Pizzani (op. cit) traz como fonte, embora indireta, o texto de Festo que é o que apresenta o seu sentido mais exato (Cf. PAVL. FEST, 39, 2-3 *Linds.*), havendo ainda a derivação *catillus*, diminutivo de *catinus* (‘prato’), que lhe dá o sentido primitivo ‘lambe os pratos’. Esse significado é confirmado também pela existência do substantivo *catillo*, *-onis*, (‘lambe-pratos’ em sua acepção mais direta, e, no seu sentido estendido ‘pessoa gulosa, insaciável, gananciosa’), que, sem dúvida, está ligado ao verbo citado (Cf. LVCIL. apud MACR. *sat.* 3, 16-17; PAVL. FEST. p. 80, 2-3 e p. 39, 1). Para referências glossográficas, ver também PIZZANI, op. cit. p. 123.

¹³⁸ Essa derivação de *catillatum* para *catulus*, nas palavras de Pizzani (op. cit. p. 124), “tem todo um ar de uma mera invenção fulgenciana” (tradução minha). Talvez aqui o autor da *Sermonum* esteja relacionando o fato de que o ‘lambe-pratos’, ou seja, o guloso, ande a rondar as casas alheias em busca de comida e bebida gratuitas para sua fome insaciável tal como o comportamento dos filhotes de cães de rua que perambulam a esmo, em busca de uma casa para se abrigarem. Pizzani acredita ainda que a definição dada aqui para *catillare* talvez seja a descrição do comportamento do parasita, que, de alguma forma, vive a cercar as casa alheias com o objetivo de saciar a sua gula ou simplesmente a sua curiosidade (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 123-124).

¹³⁹ Este autor será também citado no *sermo* 34, e a respeito da atestação aqui dada a Propércio, Pizzani (op. cit.) contesta que seja essa citação fruto de uma *contaminatio* das comédias de Plauto (*Epid.* 685-86; *Aul.* 285 e *Cas.* 552) como assim o quer Lersch (op. cit. p. 49-50). Contudo, para Pizzani (op. cit), falta o contexto para a frase *catillata geris uadimonia publicum prostibulum*, ao que lhe parece, seria uma frase de um personagem lamentoso das garantias que lhe são oferecidas, pois essas não são autênticas, mas *catillata*. Ao lado disso, o autor ressalta que a junção de termos jurídicos (*uadimonia*) a um verbo ligado à cozinha e à gulodice, demonstra o caráter cômico da citação, que induz a pensar que esse fragmento fosse realmente uma frase usada como exemplificação por um gramático, pois o termo *uadimonia* se documenta efetivamente em Propércio (4, 2, 57-58), mas não nesse contexto. Assim, teria havido aqui um equívoco considerado muito comum na tradição gramatical latina (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 125).

¹⁴⁰ Realmente atestado em Plauto, o trecho apresenta uma considerável divergência dos códices plautinos (Confrontar *Sermonum* e *Casina* 551-552). Costanza (apud PIZZANI, op. cit. 125), ao analisar a obra de Plauto em Fulgêncio, observou que, entre os *sermones* 18-21, ocorre uma unidade a partir da comédia *Cásina*, necessariamente nessa ordem: *Cas.* 95 (18); 267 (19); 347 (20) e 495 (21). Assim, seguindo essa lógica, é aceitável que a citação subsequente se refira aos versos 551-552. Costanza ainda salienta que resta sempre em aberto a hipótese de que as variações nesse trecho podem ser justificadas pelo fato de que Fulgêncio teria tido acesso a uma cópia dos manuscritos plautinos totalmente diversa daquela da tradição. Pizzani (op. cit.), porém, não exclui que talvez o autor da *Sermonum* tivesse acessado a uma cópia corrompida e tal circunstância o levou a uma equivocada interpretação.

23. [*Quid sit capularis*] *Capularem dici uoluerunt senem iam morti contiguum, sed et reos capulares dicebant, qui capulo digni fuerunt; unde et Lucilius ait: 'Pergit capulare cadauer' et Flaccus Tibullus in Melene comedia ait: 'Tune amare audes, edentule et capularis senex?'; edentulum enim quasi iam sine dentibus dici uoluit.*
23. [Que seria *capularis*] Afirmaram que *capularis*¹⁴¹ quer dizer um homem velho já perto da morte, mas diziam *capulares* também para os réus que eram dignos de *capulum* (caixão); de onde também Lucílio¹⁴² diz: “Prossegue um cadáver ‘que tem onde cair morto’ (*capulare*)”; e Flaco Tibulo, na comédia intitulada *Melene*¹⁴³, diz: “E tu te atreves a amar, velho desdentado e com os pés na cova (*capularis*)?”; por *edentulus*¹⁴⁴ de fato quis dizer alguém já quase sem dentes.
24. [*Quid sit promus et condus*] *Promos et condos dici uoluerunt cellaritas, eo quod deintus promant et intus condant; unde et Plautus in*

¹⁴¹ A respeito da etimologia e do significado desse vocábulo, conforme visto em Pizzani (op. cit.), há um número significativo de testemunhos, sendo que todos esses confirmam a definição apresentada aqui: Cf. PLAVT. *Mil.* 627-628; PAVL. FEST. 53, 26-28 *Linds.*; NON. 4, 18; ISID. *orig.* 20. 11; SCHOL. Stat. *Theb.* 6, 55 e SERV. *Aen.* 6, 222. Ademais, Pizzani (op. cit. p. 126) acrescenta que a inclusão dos réus, ou seja, dos condenados entre os denominados *capulares*, poderia ser uma inferência lógica fulgenciana que nada traz de novidade.

¹⁴² Os editores modernos de Lucílio costumam excluir tal fragmento de sua coletânea, alegando que provavelmente ele teria sido inventado, apesar de seguir seguramente o ritmo hexâmetro (PIZZANI, op. cit. p. 127). Baldwin (op. cit. p. 47), refletindo a respeito dessa atribuição a Lucílio, questiona-se se tal fragmento poderia ser de autoria do poeta romano tardio *Lucillus* que, da mesma maneira que Turno – irmão do também poeta Mémor e compositor de sátiras (Cf. MART. 10, 10) – e Juvenal, é louvado por Rutilio Namaciano (Cf. 1, 603-606).

¹⁴³ Aqui, de acordo com a visão lerscheriana, desde o título da comédia até a frase citada seria uma grande falsificação produzida pelo autor da *Sermonum*. Lerscher (op. cit. apud Pizzani, p. 127) acredita que o título dado à suposta comédia *Melene* seria uma inspiração criada a partir do nome da cortesã (*Iena*, em latim) *Melaenis* da comédia plautina *Cistellaria*, assim como essa citação seria um decalque do verso 305 da peça *Mercator* (*Tun capite cano amas, senex nequissime?* “Então tu amas, velho libertino, com essa cabeça alva?”). Ou ainda o fragmento teria sido construído tendo por base os versos 624-631 da comédia *Miles gloriosus* (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 127). Ao lado disso, acerca da identidade do tal Flaco Tibulo, Pennisi (op. cit. p. 120, nota 254) pressupõe que esse seria o misterioso *Flaccus* citado em Festo (Cf. PAVL. FEST. p. 317, 13-15 *Linds.*). Por fim, não se tem como provar se, de fato, houve a falsificação no trecho citado.

¹⁴⁴ A forma adjetiva, conforme pôde ser identificado por Lersch (op. cit.), é muito recorrente em Plauto, principalmente em *Cas.* 55; *Men.* 864 e *Most.* 275. Neste trecho, fica bem evidenciado o recurso mnemônico utilizado por Fugêncio, visto que assim cita o termo *edentule* (desdentado), o autor, ao lembra-se da sua definição, acaba por reiterar o seu sentido.

*Asinaria ait: 'Ego sum promus condus procurator peni';
penum enim cellarium dicimus.*

24. [Que seria *promus* e
condus]

Quiseram denominar *promi* e *condi*¹⁴⁵ os responsáveis pela dispensa, isso porque dali se retiravam (*promere*) e ali mesmo se repunham (*condere*) os víveres; daí também Plauto na *Asinaria*¹⁴⁶ diz: “Eu é que sou o *promus* e o *condus*, o administrador da despensa”; de fato dizemos *penum*¹⁴⁷ para despensa.

25. [*Quid sint suppetiae*]

*Suppetias dicimus auxilium; unde et Memos in tragoedia
Herculis ait: 'Ferte suppetias, optimi comites'.*

25. [Que seriam *suppetiae*]

Denominamos *suppetiae*¹⁴⁸ auxílio (Com *suppetiae* queremos dizer ‘auxílio’); daí também *Memor*¹⁴⁹ na tragédia *Hércules* diz: “Trazei ajuda, meus grandes companheiros”.

¹⁴⁵ Como se faz bem explicitado aqui, os termos, como orienta Pizzani (op. cit.), referem-se aos escravos responsáveis por retirar (*promere*) os alimentos e bebidas para a provisão da casa, assim como por guardar (*condere*) o que sobrava, além de estarem em Plauto, estão atestados também em Columela (12, 3,4). Há ainda uma segunda definição a respeito da personalidade desses tipos de escravos, provavelmente derivada da visão que certa tradição atribuía aos que desempenhavam tal função (PIZZANI, op. cit. p. 128).

¹⁴⁶ O fragmento apresentado a seguir encontra-se, na realidade, na comédia *Pseud.* 608, havendo novamente um equívoco na citação da fonte plautina. Ao lado disso, Salvatore Costanza (apud PIZZANI, op. cit. 129) observa que o trecho diverge dos códices plautinos somente por causa da inclusão de *ego* e a inversão *sum promus condus* ao invés de *condus, promus sum* dos códices.

¹⁴⁷ Para o significado de *penus, -i* (ou ainda *penum, -i* e *penus, -oris*) conferir Cícero (*nat. deor.* 2, 2, 68); Já *cellarium*, a princípio, significava o mesmo que *cella penaria* (‘dispensa’), assumindo depois o significado também de alimentos e víveres em geral. (Para detalhada pesquisa nos glossários, vd. Pizzani, op. cit. p. 129-130).

¹⁴⁸ O termo, somente empregado no nominativo e acusativo plural, é derivado de *suppetere* ‘estar à disposição’, e também ‘ajudar, socorrer’, sendo este último sentido (‘*auxilium*’), segundo Pizzani (op. cit. p. 130), o significado conservado durante toda a latinidade, desde Plauto (*Epid.* 677) até os glossários. O autor ainda ressalta que o vocábulo não é muito utilizado pelos escritores do período de César e Augusto, mas aparece na *De bello Africo* do *Corpus Caesarianum* (5; 25; 39; 66 e 68), e reaparece em Suetônio (*Vesp.* 4), e principalmente em Apuleio (PIZZANI, op. cit. p. 130).

¹⁴⁹ Aqui corrijo *Memos* para *Memor* na tradução ao português, como assim o faz Pennisi (1963, p. 121, nota 256), considerando que possa se tratar de *Scaevus Memor*, poeta trágico e irmão do satirista *Turnus*, exaltado por Marcial (Cf. 11, 9 e 10). A respeito dessa personalidade, Baldwin (op. cit.) acrescenta que o poeta foi conhecido pelo escoliasta Valla através de IVV. 1, 20; de SIDON. *carm.* 9, 266-267 e de SERG. *gramm.* 4, 537, 17-22. Ainda sobre o trecho citado, presume-se que ele possa ter sido extraído de Plauto, pela frequência em que ocorre, ou ainda de Apuleio (*met.* 6, 27), obra em que a frase “*ferte suppetias*” aparece depois de *memor*, logo após algumas linhas! (BALDWIN, op. cit. p. 48). Também Pizzani (op. cit) põe-se a favor da identificação dessa frase de Hércules como típica do drama trágico do período imperial, caso se considere, por exemplo, os dois Hércules de Sêneca, assim como o metro coriâmbico do fragmento (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 131).

26. [*Quid sit auctio*] *Auctionem dici uoluerunt uenditionem, quasi quod et ementem augeat et uendentem; unde et Plautus in Curculione comedia ait: 'Auctionem facio parasiticiam'.*
26. [Que seria *auctio*] Por *auctio*¹⁵⁰ quiseram dizer um tipo de venda (leilão), praticamente porque não só seria vantajoso a quem compra como também a quem vende; daí também Plauto na comédia *O Gorgulho*¹⁵¹ diz: “Faço um leilão (*auctio*) de parasita”.
27. [*Quid sit mnasiterna*] *Mnasiternam dicunt aquae urnam, id est orceum; unde et Calpurnius in Fronesi comedia ait: 'Ubi tu mnasiternatus aquam petas?' et Plautus in Baccide ait: 'Effer mnasiternam cum aqua foras'.*
27. [Que seria *mnasiterna*] *Mnasiterna*¹⁵² denominam um cântaro de água, isto é uma talha¹⁵³; daí também Calpúrnio¹⁵⁴ na comédia

¹⁵⁰ Em latim, o sentido próprio do vocábulo é ‘aumento, acréscimo’, advindo do verbo *augeo* ‘fazer crescer, aumentar’, sendo esse significado o mais genérico e somente documentado em PRISC. *gramm.* III, 35, 11, conforme visto em Pizzani (*op. cit.* p. 131). Ao lado dessa acepção, para *auctio* há também uma mais específica ‘venda por leilão’, isto é, um tipo de venda que impõe um progressivo ‘aumento’ do preço inicial da mercadoria. Porém, a definição exatamente como está apresentada aqui, segundo Pizzani (*op. cit.*) não aparece documentada em obras, porém os dois sentidos dados acima aparecem nos glossários (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 131).

¹⁵¹ A seguinte passagem, exatamente como está apresentada aqui, não aparece n’*O Gorgulho* e nem em outras peças de Plauto. Helm (apud Pizzani, *op. cit.* p. 132) dá esse trecho como sendo possivelmente da *Stich.* 218 (*nunc auctionem facere decretumst mihi*), uma fala do parasita Gelásimo, personagem que mais adiante (v. 229) usará o adjetivo *parasiticus* (*ac peiieratiunculas parasiticas*); da mesma forma, Lersch (apud Pizzani, *op. cit.* ibidem) chega à mesma conclusão, porém partindo de dois outros trechos da *Stichus* (vv.193-196 e 383-388). Para Pizzani (*op. cit.*), essa é uma constatação evidente de que Fulgêncio teria citado de memória ou, pior, a partir da *contaminatio* de dois versos próximos, teria sido construída a breve citação. A respeito dessa questão, ele considera mais do que justificada a hipótese apresentada por Lersch, visto seu exemplo retirado de FVLG. *myth.* 1, 2 em que os versos 21-23 da *Mostellaria* de Plauto são condensados em apenas um só verso (*Bibite pergraecamini pollucibiliter*). Ademais, Costanza (apud Pizzani, *op. cit.* p. 133) propõe a audaciosa hipótese de que a passagem dada pela lição fulgenciana teria “uma métrica evidentemente lírica, e pertenceria a um encerramento musical daquela cena plautina”, ao que Pizzani avalia ser necessário “um reexame do problema da *retractatio* em Plauto para dar à tese de Costanza um embasamento mais sólido” (PIZZANI, *op. cit.* p. 133).

¹⁵² Pizzani (*op. cit.*) aponta que em Festo (168, 15 *Linds.*) se encontra uma definição pormenorizada para *mnasiterna* (ou *nassiterna* e ainda *nasiterna*): *Nassiterna est genus vasi aquuari ansati et patentis, quale est quo equi perfundi. Plautus in Bacchidibus* (11): “*ecquis euocat cum nassiterna, et cum aqua istum impurissimum?*” *et in Neruolaria* (*Stich.* 352): “*Ecquis huc effert nassiternam cum aqua sine suffragio?*” *et Cato in ea oratione quam composuit Q. Sulpicium* (51): “*Quotiens uidi trulleos nassiternas pertusos; aqualis matellas sine ansis*” (PAVL. FEST. 169, 3 *Linds.*: *Nassiterna genus vasis aquarii ansati et patentis*) – *Nassiterna* é um tipo de vaso d’água com longa asa, pela qual aquele é de algum modo preenchido. Plauto na *Báquides* (11): “Há alguém que chama esse impuríssimo com a *nassiterna* e com a água?”, e também na *Nervolaria* (*Stich.*352): “Há alguém que traz para cá a *nassiterna* com água, sem sufrágio?”, e Catão no discurso que Q. Sulpício compôs (51): “Quantas vezes eu vi vasos perfurados, *nassiternas*; bacias sem asas, cheias com água” (tradução minha).

*Fronesi*¹⁵⁵ diz: “Onde tu, *mnasiternado*¹⁵⁶ (com a *minasiterna*), procuras água?” Também Plauto na *Báquides*¹⁵⁷ diz: “Traz para fora a *mnasiterna* com água”.

Diferentemente, Catão põe este tipo de recipiente entre aqueles utilizados no fabrico de óleo, e a partir de Catão, há atestação da definição para o termo em Varrão (*rust.* 1, 22), e através deste, em Nônio (546, 5-7), onde parece ter havido uma contaminação de Varrão com aquela explicação de Festo (Cf. Pizzani, *op. cit.* p. 133). Na origem, a definição fundamental para *nassiterna* é *vas aquale*, sendo essa a encontrada na maioria dos glossários (Cf. PIZZANI, *op. cit.* p. 134); e em relação à sua etimologia, o sufixo *-erna* seria possivelmente de origem etrusca e haveria uma ligação de *nasus* (‘bico da ânfora’), daí *nasutus*, e depois *nassitus* (NASSITERNA. In: WALDE-HOFFMAN, *op. cit.* apud PIZZANI, *op. cit.* p. 134).

¹⁵³ Jarro bojudo de cerâmica, metal etc. usado para armazenar líquidos ou cereais (²TALHA. In: DICIONÁRIO HOUAISS eletrônico da língua portuguesa, 2001).

¹⁵⁴ Não se tem notícias de nenhum autor de comédia com tal nome, e Lersch (*op. cit.*) vê tal atribuição como uma enorme falsificação de Fulgêncio (Para a discussão cf. LERSCH *op. cit.* p. 54 apud Pizzani, *op. cit.* p.134). Para além dessa hipótese de falsificação, Pizzani (*op. cit.*) e também Whitbread (*op. cit.* p.169) suscitam que talvez o autor citado se trate de Calpúrnio Sículo, um famoso poeta latino do século I d. C, mencionado em PLIN. *epist.* 5, 17; ou ainda Calpúrnio Pisão, um senador romano do mesmo período, que, de acordo com os dados fornecidos pelos escólios do Pseudo-Acrão, teria sido um escritor de tragédia (Cf. *ad. Horat. Art. poet.* 386), embora não se possa assegurar tal hipótese.

¹⁵⁵ A despeito de que este título seria o nome da cortesã *Phronesium*, uma personagem da comédia plautina *Truculentus*, como assim coloca Lersch (*op. cit.*), Pizzani (*op. cit.*) refuta tal hipótese, pois a considera infundada visto que a lição *Fronesi comedia* está documentada na maioria dos códices, implicando um nominativo *Fronesis* (*Phronesis* na grafia clássica) e não *Fronesium*, e, além disso, o autor ainda observa ser exatamente *Phronesis* o nome da mãe alegórica de *Philologia* na *De nuptiis* de Marciano Capela (2, 114), um autor muito conhecido e imitado por Fulgêncio, e que inclusive será citado mais adiante no *sermo* 45.

¹⁵⁶ O adjetivo é um hápax fulgenciano e só pode significar, de maneira compreensível, ‘munido com a *nassiterna*’. Conforme comenta Pizzani (*op. cit.* p. 135-136), apesar de hipotética, é possível imaginar a cena em que o personagem, voltando-se para o escravo, lhe dá a ordem: “Vai onde, munido com a *nassiterna*, encontres água”.

¹⁵⁷ O confronto realizado por Helm (*op. cit.*) demonstrou que essa passagem se encontra na *Stich.* 352, havendo mais uma vez a citação de um trecho de uma comédia plautina atribuída a outra, ao que, segundo Pizzani (*op. cit.*), seria mais uma prova do esforço de Fulgêncio, como é comum a muitos gramáticos, em modificar inconscientemente um trecho para lhe dar um sentido completo em si. O autor ainda acrescenta a proposta de Costanza (*art. cit.* p. 167-168 apud Pizzani, *op. cit.*) de que esse trecho faria parte de uma perdida cena inicial das *Báquides* (Cf. Pizzani, *op. cit.* p. 136).

Figura 9 – MNASITERNA (Vaso Cipriota em terracota)



Fonte: <http://www.cyprusexplorer.globalfolio.net/eng/famagusta/object/salamin/cesnola_salamin/index114.php>

28. [Quid est antistare] *Antistare dicimus praecellere; unde et Crispinus in Eraclea ait: 'Diuinis uirtutibus antistans Alcides'.*
28. [Que seria antistare] Denominamos *antistare*¹⁵⁸ como ‘exceder’; daí também Crispino¹⁵⁹ na *Heracleia*¹⁶⁰ diz: “Alcides, aquele se excede em virtudes divinas”.
29. [Quid sit istega] *Stega est nauis proscenium uel tabulatum, super quod nauetae ambulant, sicut Plautus ait in Crisalo: 'Forte ego ut in stega consederam'.*
29. [Que seria istega] *Stega*¹⁶¹ é o proscênio¹⁶² (‘estrado’) ou o assoalho do barco, sobre o qual os marinheiros caminham, assim como Plauto diz em *Crisalo*¹⁶³: “Logo que eu, por acaso, me assentara sobre a *stega*”.

¹⁵⁸ Palavra originada a partir das formas *ante* + *sto*, conforme Pizzani (op. cit.), não é tão rara e aparece documentada em Catão (*agr.* 156), sendo bastante escassos os testemunhos em glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 136).

¹⁵⁹ O autor e obra citados são desconhecidos e, conforme Pizzani (op. cit. *ibidem*), esse testemunho é efetivamente um dos mais suspeitos da *Sermonum*. O autor cita a hipótese de Lersch (op. cit. p. 4), segundo a qual Fulgêncio teria imaginado um Crispino que louva as virtudes de Hércules inspirando-se no *Crispinus* das sátiras de Horácio (Cf. *sat.* 1, 1, 120; 1, 3, 139; 1, 4, 14 e 2, 7, 45), que, para Porfirião, seria um estudioso da filosofia e um mau poeta (*Hor. sat.* 1, 120-121). Como confronto à passagem aqui apresentada, Lersch cita APVL. met. 8, 2 (*Et quamquam ceteris omnibus id genus uiris antistaret*) e QVADRIG. ap. Gell. 9, 13, 7 (*Gallus.....qui et uiribus et magnitudine et adulescentia simulque uirtute ceteris antistabat.*). A despeito dessa hipótese, Pizzani (op. cit. p. 137) observa que não há poucos elementos na explicação dada aqui que, quando confrontados com dados outros, tornam aceitável o testemunho: 1) *Crispinus* da sátira horaciana, segundo a tradição escolástica, de fato teria escrito versos possivelmente inspirados na doutrina estoica; 2) Os estoicos teriam tornado Hércules um símbolo de sabedoria, e nada impede que Crispino tivesse cantado em poemas os seus altos feitos e o ritmo em hexâmetro citado por Fulgêncio, mais do que as passagens citadas de Apuleio e Quadrigário, remete ao verso de Lucrécio (5, 22). Por fim, Pizzani aponta que essas circunstâncias “se não são por si suficientes para absolver certamente Fulgêncio da pecha de falsário, entretanto, torna problemático o total repúdio ao *sermo* em discussão como proposto por Lersch” (PIZZANI, op. cit. p. 138).

¹⁶⁰ Pizzani (op.cit. *ibidem*) identifica aqui um traço da tendência do latim em confundir o neutro plural com o singular da primeira declinação. Ele cita outros exemplos do uso do neutro plural como o do título do poema *Heraclea: Empedoclea* (Salústio) e *Aratea* (Cícero).

¹⁶¹ O termo, tomado de empréstimo do vocábulo grego στῆγη, cujo significado primeiro é ‘telhado, teto’ e secundariamente ‘espaço, habitação, andar de uma casa’(ΣΤΕΓΗ. In. THESAURUS Lingua Graeca. Disponível em: <<http://stephanus.tlg.uci.edu>>), sendo esse segundo, conforme Pizzani (op. cit. p. 139), o mais próximo do sentido trazido em latim ‘tombadilho superior ou convés de uma embarcação’, como se encontra documentado em PLAVT. *Bacch.* 277-280 e *Stich.* 411-414. Os glossários dão uma única atestação que remete diretamente à definição apresentada aqui: *Istega: nauis proscenium uel tabulatum sr quem naute ambulant* (EXC. ex. cod. Cas. 90, V, 51, 26). Nessa glosa, Pizzani (op. cit. *idem*) chama atenção para a grafia com a característica vogal *i* anteposta, corrigida para *stega* em Helm (op. cit.), já referendada antes no *sermo* 21.

¹⁶² Termo emprestado da linguagem do teatro (Cf. APVL. *flor.* 4, 359, 1), que, para Pizzani (op. cit.), deve ter sugerido a Fulgêncio uma comparação entre o tablado do teatro e o da embarcação.

¹⁶³ Como ocorre recorrentemente, a passagem citada se encontra em *Bacch.* 28 de Plauto, e analogamente ao *sermo* 15 (*Plautus in Cacisto*), em que *Cacistus* é um personagem da comédia *Vidularia*, assim

30. [Quid sit lembum] *Lembum est genus nauicellae uelocissimae, quos dromones dicimus, sicut Virgilius ait: 'Quam qui auerso uix flumine lembum remigiis subigit'.*
30. [Que seria lembus] *Lembus*¹⁶⁴ é uma espécie de barquinho bastante veloz, que chamamos *dromones*¹⁶⁵, tal como diz Virgílio¹⁶⁶: “Quanto aquele, com manobras feitas a remo, mal faz avançar o *lembus* pela corrente contrária”.

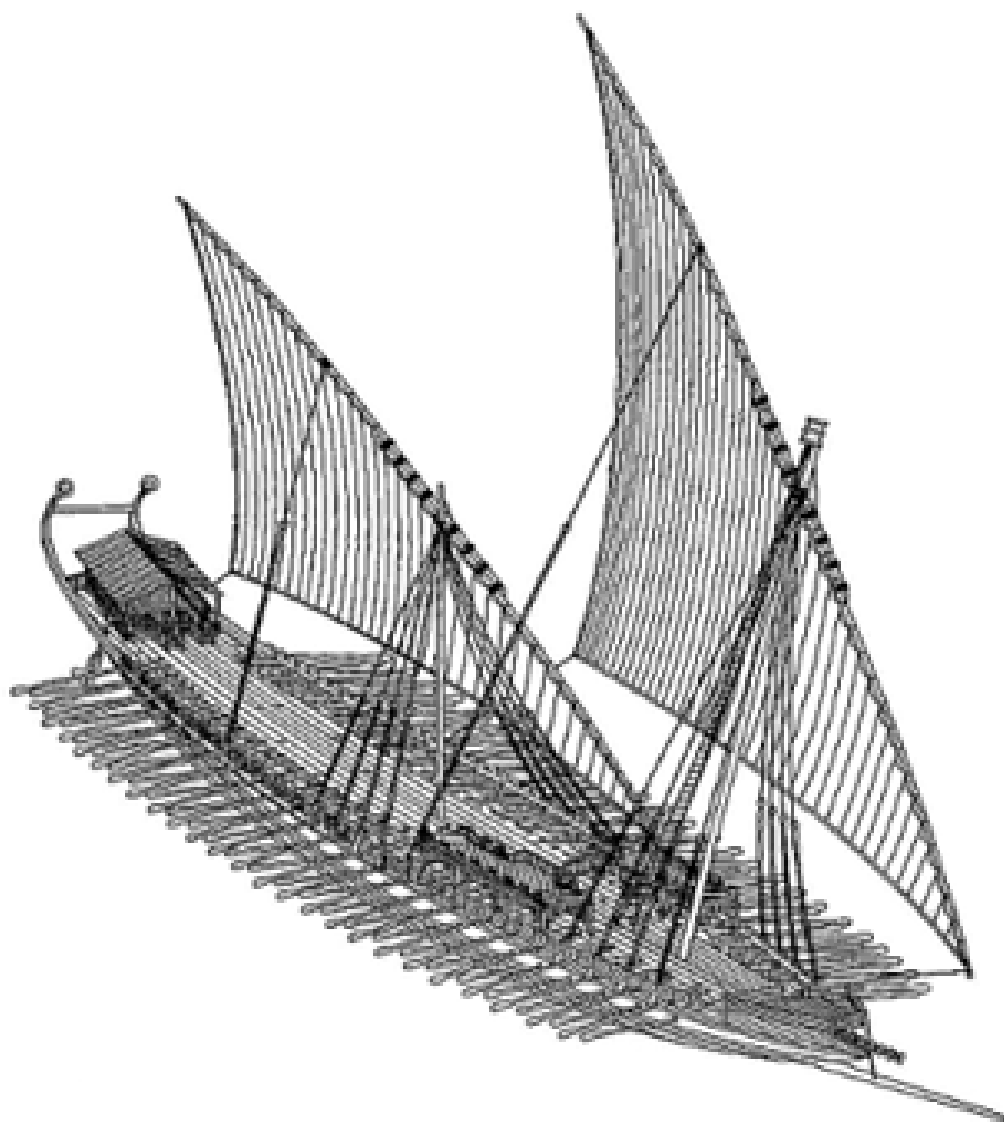
também Crisalo não se trata do título da peça, mas o personagem que recita tal fala (PIZZANI, op. cit. p.139).

¹⁶⁴ O vocábulo, como *stega*, é também um empréstimo do grego λέμβος ‘pequeno bote, barco pesqueiro, barco à vela veloz’ (ΛΕΜΒΟΣ. In. THESAURUS Lingua Graeca. Disponível em: <<http://stephanus.tlg.uci.edu>>). O significado do termo, conforme Pizzani (op. cit. p. 140) apresenta, é mantido em latim (NON. 534, 1: *navicula brevis piscatoria*), e a característica de embarcação veloz é reiterada em ISID. *orig.* 19, 1, 25 (*Lembus: navicula brevis quae alia appellatione dicitur et cumba et caupulus*). Nos glossários há uma vasta e variada documentação acerca do termo (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 140-141).

¹⁶⁵ Confrontando a definição de *lembus (navicula brevis)* de Isidoro de Sevilha com a sua definição de *dromones (longae naves sunt quas dromones vocamus)*, ISID. *orig.* 19, 1, 14), Lersch (op. cit. p. 55 apud Pizzani) contesta a legitimidade dessa citação, pois como visto é incontestável o equívoco, assim como fica evidente a tentativa de aproximação de certas definições apresentadas por Fulgêncio.

¹⁶⁶ A citação trata-se de um trecho da VERG. *georg.* 1, 201-202, que reaparece precisamente em NON. 534, 10-11, como exemplificação para *lembus* (Cf. Pizzani, op. cit. p. 141 e Whitbread, op. cit. p. 169.)

Figura 10 – LEMBVM
(Dromone Bizantino)



Fonte :<<http://www.polocerillae.it/polo-cerillae-lofferta-archeologica/archeologia-subacquea/lanavigazione-eta-medievale/>>

31. [*Quid sint ramenta*] *Ramenta dici uoluerunt quae quoddam proiecticium purgamentum; unde et Quintus Fabius Lucullus in epico carmine ait: ‘Vilissimum ramentum, proluuiosa pestis’.*
31. [Que seriam *ramenta*] Quiseram denominar *ramenta*¹⁶⁷ por assim dizer qualquer imundície exposta; daí também Quinto Fábio Lúculo¹⁶⁸ em um poema épico¹⁶⁹ diz: “Desprezabilíssimo *ramentum*, peste imunda¹⁷⁰”.
32. [*Quid sint diuolares*] *Diobolares dicuntur uilissimae meretrices quae sub paruo stipendio prostant, sicut Pammacius ait: ‘Diobolare prostibolum, quem ego actutum ut Dircem partitam reddam’; nam et Pacuius similiter ait: ‘Non ego ita fui ut nunc sunt meretrices diobolae, quae suam nummi causa parui pendunt gratiam’.*
32. [Que seriam *diuolares*] *Diobolares*¹⁷¹ são chamadas as mais vulgares meretrizes que, sob pouco pagamento, prostituem-se, assim com

¹⁶⁷ Pizzani (op. cit. p. 141-142) assegura que o *sermo* designa, de maneira geral, resíduos de qualquer tipo de material (madeira, metal, pedra) que foi serrado, limado, aplainado (Cf. PLIN. *nat.* 15, 17, 18, 67; *ibid.* 33, 3, 19, 62; *ibid.* 24, 2, 2,6; *ibid.* 36, 2, 45, 162 e *ibid.* 21, 2, 3, 5), e tal aceção, através de definições diversas, reaparece nos glossários (Para detalhamento das definições, conferir Pizzani, op. cit. p.142). Ainda, para a forma feminina *ramenta*, que coexiste com a neutra, o autor cita como fontes documentais: NON. 222, 3; PLAVT. *Bacch.* 513 e 519^b, também *Rud.* 1016. Para a forma neutra, conferir *Bacch.* 680 (PIZZANI, op. cit. p. 142-143).

¹⁶⁸ Personagem desconhecido e sobre quem não se tem nenhum conhecimento. Pizzani (op. cit. p. 143), no entanto, aponta a única existência de um Lúculo, o famoso Lúcio Licínio Lúculo (118 - 56 a.C), cuja atividade literária é conhecida. Plutarco (*Lucull.* 1) relata que ele venceu o rei Mitrídates, e que na juventude teria participado de uma competição literária que consistia em relatar a guerra Mársica, respectivamente, em versos, prosa latina e prosa grega, trabalho realizado pelo autor junto ao orador Hortêncio e o historiador Sisena. Pizzani (op. cit. *ibid.*) considera problemática a gritante divergência no *praenomen* e gentílico apresentada entre os dois Lúculos.

¹⁶⁹ Esse testemunho é tido como um dos fragmentos mais suspeitos de falsificação e, conforme argumenta Pizzani (op. cit. p. 143), um poema épico teria que estar em hexâmetros, embora o trecho citado pareça seguir o ritmo jâmbico. Porém, Baldwin (op. cit. p. 47) observa que Alfio Ávito, poeta latino do século II d. C, compôs sua histórica e biográfica *Excellentes* em dímeters jâmbicos (Cf. CAMERON, 1980, p. 144-146). Ainda Lersch (op. cit. p. 56 apud Pizzani, op. cit. p 144) acrescenta que a citação parece ser de uma comédia qualquer, ao que Pizzani (op. cit.) concorda que a fala realmente tenha um tom cômico e a sua relação com a misteriosa expressão *epicum carmen* torna ainda mais difícil se chegar a uma conclusão definitiva se houve ou não tal falsificação, preferindo pensar que tal testemunho não seja tão somente fruto de uma falsificação consciente, mas talvez um grande mal-entendido causado pelo acesso à materiais de segunda ou de terceira mão (PIZZANI, op. cit. p. 144).

¹⁷⁰ O hápax *proluuiosa* (‘imunda’) é um termo derivado de *proluuies* ‘fluxo, correnteza’, embora eu tenha preferido traduzir aqui por um sinônimo de outro significado seu (‘sórdido, asqueroso’).

¹⁷¹ A definição do vocábulo apresentada aqui é mais genérica, apesar de trazer o sentido presente em PAVL. FEST. p. 65, 8 *Linds* (*Diobolares meretrices dicuntur, quae duobus obolis ducuntur*), que, conforme Pizzani (op. cit.), é considerado bastante exato e geralmente é aceito por todos os estudiosos

diz Pamáquio¹⁷²: “Prostituta *de dois óbolos*, que eu rapidamente, como a destroçada Dirce¹⁷³, devolverei”; de fato, também Pacúvio¹⁷⁴ semelhantemente diz: “Eu não fui assim como atualmente são essas meretrizes *diobolae*¹⁷⁵, que por causa de pequena quantia pesam (apreçam) os seus favores”.

33. [*Quid sit ueruina*]

Veruina est genus iaculi longum quod aliquanti uerrutum uocant, sicut Gavius Bassus in satiris ait: ‘Veruina confodiende, non te nauci facio’; nauci enim quase pro nihilo dici uoluerunt. Nam et Plautus in Baccide sic ait: ‘Si tibi macera est foris, at mihi ueruina est domi, qua te ego et illos conficiamus soricina nenia’.

33. [Que seria *ueruina*]

*Veruina*¹⁷⁶ é uma espécie comprida de dardo que alguns chamam *uerrutum*, assim como Gávio Basso¹⁷⁷ nas

modernos, havendo ainda atestação em VARRO, *ling.* 7, 64 e PLAVT. *Poen.* 270. Por outro lado, os glossários oferecem pouquíssimos testemunhos a respeito do termo (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 144).

¹⁷² Mais um autor desconhecido. Baldwin (op. cit.) acredita que teria havido aqui uma incorreção fulgenciana na grafia de *Accius*, nome citado junto à *diobolaris* em Varro (*ling.* 7, 64); Ele ainda acrescenta que, sendo *pammachium* uma palavra latina rara (do grego παν + μάχη ‘aquele que luta contra tudo’), serviria como um trocadilho no contexto da prostituição, dado o uso padrão de termos de luta livre para se referir a relações sexuais (BALDWIN, op. cit. p. 50); Faz-se interessante também acrescentar que, nas *Mythologiae* (2, 4), para explicar o nome de Anteu, Fulgêncio se baseia no adjetivo grego ἀντίος (‘que está em frente, que está do lado do oposto’), e visto a associação do nome com a expressão *modum libidinis* do início da narrativa e da fábula como um todo, deve haver certamente uma conotação sexual, como sugerido por Wolff e Dain (2013, p. 94, n. 44). Já Pizzani (op. cit. p. 145) propõe a hipótese de que, como ocorre no *sermo* 29, *Pammacius* não seria um autor, mas um personagem de uma peça cômica de algum autor desconhecido.

¹⁷³ Alusão ao mito de Dirce, uma ninfa filha do rei tebano Lico, que, devido aos maus-tratos à sua sobrinha Antíope, é amarrada pelos filhos dessa aos chifres de um touro e arrastada até ser completamente estilhaçada. Depois de morta, Dirce teve seu corpo atirado a uma fonte que recebeu o seu nome (Cf. Pizzani, op. cit. p. 145); A ligação de *prostibulum* e Dirce é uma reminiscência de que o relato de Amiano (28, 4, 9) a respeito das *prostibula* seja recebido com comparações lisonjeiras aos grandes nomes da história e mitologia gregas (BALDWIN, op. cit. p. 50).

¹⁷⁴ Autoria já discutida no *sermo* 12, em que se evidenciou quanto é problemática a inclusão desse autor trágico entre os comediógrafos.

¹⁷⁵ Mais um hápax fulgenciano criado a partir de *diobolares*, que impõe, segundo Pizzani (op. cit. p.146), uma séria implicação à tese de falsificação, pois para exemplificar o termo *diobolares* é explicável que se inserisse no fictício fragmento esse vocábulo e não um termo próximo.

¹⁷⁶ De acordo com Pizzani (op. cit.p. 146), esse termo é tão raro que, exceto em Fulgêncio, aparece somente em Plauto (*Bacch.* 887) e etimologicamente ele se liga a *veru* ‘espada’ (Cf. VARRO. *ling.* 5, 127 e VERG. *Aen.* 1, 211-212), mas também ‘dardo’ (Cf. VERG. *Aen.* 7, 664-665). Pizzani ainda salienta que a carência de documentação, até mesmo na pesquisa em glossários, torna difícil determinar a exatidão da identificação adotada na definição apresentada entre *ueruina* e *uerrutum*, termo definido em NON. 554, 29 como *telum breue et augustum* (“espada curta e majestosa”) em contraste com a definição fulgenciana de *ueruina: genus iaculi longum* (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 146-147).

¹⁷⁷ Outro autor totalmente desconhecido, “a não ser que não se emende *Gavius* em *Caesius*, que

Sátiras diz: “Não te considero um *naucus* (‘sem importância’), tu a ser traspassado com a *ueruina*¹⁷⁸”; certamente, por assim dizer *naucus*¹⁷⁹ quiseram denominar “um nada (‘um zé-ninguém’)”. De fato, também Plauto na *Báquides*¹⁸⁰ assim diz: “Se lá fora tu tens uma espada, eu, porém tenho uma *ueruina* em casa, com a qual, tu e estes eu exterminarei, ó cantilena de rato”.

identificaria o autor como Césio Basso, famoso poeta do período de Nero, amigo de Pérsio e editor de suas sátiras” (PIZZANI, op. cit. p. 147). Ainda assim, ele não teria sido autor de sátiras, pois suas produções teriam um caráter exclusivamente lírico (Cf. QVINT. *inst.* 10,1, 96; PRISC. *gramm.* III 16-17, 527 e DIOM. *gramm.* I 513), conforme discussão de Lersch (op. cit. p. 58 apud Pizzani, op. cit. 146-148). Por outro lado, se aceita a lição *Gavius*, nada comprova ou nega se realmente existiu esse *Gavius Bassus* autor de sátiras, pois *Gavius* era um nome romano bem comum, se lembrado o personagem de mesmo nome, Gávio Cosano, que foi açoitado e crucificado por Verres, depois imortalizado por Cícero na *Actio in Verrem* (PIZZANI, op. cit. p. 148).

¹⁷⁸ O trecho não se enquadra no esquema hexamétrico da sátira, pois o ritmo parece jâmbico ou trocaico e o tom da fala é cômico, embora também possa se enquadrar na composição satírica (PIZZANI, op. cit. *ibidem*). Lersch (op. cit. apud Pizzani, op. cit.) sustenta que esse fragmento foi construído a partir de PLAVT. *Bacch.* 887-889, e Pizzani reconhece que são inegáveis as correspondências entre os textos, não se podendo excluir a hipótese de Lersch de que teria havido uma alteração no texto plautino para ocultar a falsificação realizada, embora as divergências na citação do trecho de Plauto possam ser explicadas de outra forma (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 149).

¹⁷⁹ A definição do substantivo está fundamentalmente exata aqui, porém com uma etimologia intrincada e controversa até mesmo para os antigos, visto seu uso apenas nos casos genitivo e ablativo quando relacionado a verbos que denotam estima como *facere*, *ducere* (Cf. FEST. p. 166, 11 *Linds.* e PAVL. FEST. p. 167, 5-9 *Linds.*). Para os glossários, ver detalhamento em Pizzani (op. cit. p. 150).

¹⁸⁰ Trata-se exatamente de um trecho das *Báquides* (versos 887-889), como reportado aqui.

Figura 11 – VERVINA
(Soldados a pé e à cavalaria, pintura de túmulos de *Paestum*. Afresco. Escola Grega, século IV a. C. *Museo Archeologico Nazionale*, Nápoles, Itália)



Fonte: <<http://www.bridgemanimages.com/en-US/>>

34. [*Quid sint diuidiae*] *Diuidias dixerunt tristitias, sicut Propertius [ait]: 'Diuidias mentis conficit omnis amor'.*
34. [Que seriam *diuidiae*] Denominaram *diuidiae*¹⁸¹ as tristezas, como Propércio¹⁸² [diz]: “Cada amor destrói as *diuidiae* da alma”.
35. [*Quid sit iustitium*] *Iustitium dicitur luctus publicus, unde et Fronto in oratione pro Nucerinis ait: 'Denique iustitium plebi indicitur'.*
35. [Que seria *iustitium*] *Iustitium*¹⁸³ é chamado o luto público, daí também Frontão¹⁸⁴ em seu discurso *Pro Nocerinos* diz: “Finalmente um *iustitium* é anunciado ao povo”.
36. [*Quid sit coragium*] *Coragium dicitur uirginale funus, sicut Apuleius in metamorfoseon ait: 'Coragio itaque perfecto omnes domuitionem parant'.*
36. [Que seria *coragium*] É chamado *coragium*¹⁸⁵ o funeral de uma virgem, assim como Apuleio nas *Metamorfoses* diz: “Com o *coragium* assim terminado, todos preparam a volta para casa”¹⁸⁶.

¹⁸¹ O significado do termo, segundo Pizzani, está atestado em VARRO *ling.* 7, 60; PAVL. FEST. p. 62, 5 *Linds.* e NON. 96, 22. Pizzani (op. cit. p. 150) assinala que o significado primitivo seria o de ‘discórdia’, como definido em Festo, com uma estreita relação como o valor semântico de *diuidere* ‘separar’, diferentemente do trazido em Plauto, em que *diuidia* tinha como sinônimo *cura*, *tristitia* (Cf. PLAVT. *Cas.* 180-181; *Bacch.* 770 e *Stich.* 25). Para as definições glossográficas, conferir Pizzani (op. cit. p. 150-151).

¹⁸² O autor mencionado, segundo Baldwin (op. cit. p. 53-54), obviamente não se trata de Propércio, o poeta elegíaco, a possível fonte de inspiração para o verso não consta em nenhum lugar do *corpus* properciano, pois nem *diuidiae* nem *conficio* ocorrem em Propércio (Cf. SCHMEISSER, 1982). Embora o seu metro resulte num irrepreensível pentâmetro elegíaco, é provável que o verso citado aparecesse em qualquer fonte gramatical junto a outros versos de Propércio, e assim teria ocorrido o equívoco (PIZZANI, op. cit. p. 151).

¹⁸³ O vocábulo, de acordo com Pizzani (op. cit. p. 152), designava propriamente o término de cada procedimento jurídico, ou num sentido estendido cada atividade realizada num momento de uma seriedade específica (GELL. 20, 1, 43). Pizzani (op. cit. *ibidem*) acrescenta que para a identificação de *iustitium* com *luctus publicus* como aqui colocado é justificável, visto que o *iustitium* também era pronunciado, sobretudo em momento de grave calamidade, resultando então em inúmeros testemunhos (LVCAN. 2, 16-19; TAC. *Ann.* 2, 82 e *Ann.* 1, 16, 2). Assim, esses dois significados reaparecem nos glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. *ibidem*).

¹⁸⁴ Além dessa fonte, não há nenhuma outra que mencione esse hipotético discurso, apesar do fato de que uma boa parte da produção de Frontão, um erudito orador, se encontra perdida e, segundo Pizzani (op. cit. p. 153), nada de definitivo pode ser afirmado a respeito desse assunto. Ao lado disso, Baldwin (op. cit. p. 45) aponta que essa citação está incluída numa breve lista de fragmentos duvidosos e espúrios (Van den Hout 243).

¹⁸⁵ O valor semântico original do termo *choragium* é, segundo Pizzani (op. cit. p. 153), aquele definido em PAVL. FEST. p. 45, 19 *Linds.*: *Choragium instrumentum scaenarum*, que pode ser encontrado em vários documentos (PLAVT. *Capt.* 61-62; VAL. MAX. 2, 4, 6; VITR. 5, 9, 1; PLIN. *nat.* 36, 15, 24, 115; APVL. *apol.* 13), nos quais, os exemplos citados não trazem um sentido idêntico, mas todos concordam

37. [Quid sit *desiduo*] *Desiduo dicitur diuturno; unde et Varro in Corallaria ait: 'Diuidiae mihi fuerunt tum desiduo afuisse te'.*
37. [Que seria *desiduo*] Denomina-se *desiduo*¹⁸⁷ algo que dura um longo tempo; daí também Varrão¹⁸⁸ na *Corallaria* diz: “Tristezas eu tive por tu então estares ausente *um longo tempo*¹⁸⁹”.

que a palavra advenha da linguagem do teatro. Pizzani (op. cit. ibidem) acrescenta que, em um sentido mais geral ela significa ‘pompa, cerimônia’, podendo ser conferido em RHET. Her. 4, 50, 63, e também em APVL. *met.* 2, 20 e *id.* 4, 33. Este último trecho de Apuleio (*Iam feralium nuptiarum miserimae uirgini choragium struitur*), relativo a uma singular cerimônia nupcial e fúnebre ao mesmo tempo, imposta pelo oráculo de Apolo à jovem Psique, demonstra claramente, ainda de acordo com Pizzani (op. cit. ibid.), que foi essa a fonte de inspiração da definição de *choragium* por *uirginale funus* apresentada aqui. No entanto, essa definição está errada, pois seja nesse trecho, seja em outras passagens de Apuleio (*met.* 2, 20), o termo *choragium* foi de certo utilizado em referência a uma cerimônia fúnebre, mas em ambos os casos é mantido o seu sentido genérico de ‘pompa, cerimônia’, visto inclusive a necessidade de se especificar o tipo da cerimônia *funebri* (*met.* 2, 20) e *feralium nuptiarum* (*met.* 4, 33). Em glossários, os testemunhos reiteram a derivação do termo da linguagem teatral, apresentando duas variantes da definição primeira (Cf. PIZZANI, op. cit. p.154).

¹⁸⁶ A passagem não consta de maneira integral nas *Metamorfoses* de Apuleio, mas, de acordo com Pizzani (op. cit. p. 154), a partir de três expressões isoladas da obra (APVL. *met.* 4, 34-35), é possível identificar o relato do episódio do *uiuum funus* de Psique. Assim, Pizzani acredita que Fulgêncio não teria acessado a obra original apuleiana, mas a um compêndio do qual ele, utilizando a expressão *perfecto itaque choragio*, retoma a descrição detalhada de Apuleio das *ferales nuptiae*, inclusive essa mesma expressão reaparece em FVLG. *myth.* 2, 6, passagem onde é recontada a fábula de Amor e Psique atribuída a Apuleio. A hipótese de Pizzani (op. cit. ibid.) é que a inexatidão na citação de Apuleio talvez se deva ao fato de que a base da obra mitológica de Fulgêncio tenha sido formada sem nenhum controle anterior do texto apuleiano, ou ainda seja devido ao hábito, comum em Fulgêncio e em demais gramáticos, de alterar os testemunhos buscando lhes dar um sentido mais completo. Ao lado dessa visão, apesar de mais difícil de ser comprovada, Mazzarino (1950, p. 27 apud Pizzani, op. cit. p. 155), acredita que Fulgêncio teve acesso a uma cópia particular das *Metamorfoses* que seria uma versão diferente da obra remanescente a que tivemos acesso.

¹⁸⁷ O termo, de acordo com Pizzani (op. cit.), tem a mesma ligação que está subtendida entre o advérbio *assiduo* e o adjetivo *assiduus*. Assim, o autor observa que, se considerado o sentido de *assiduus* como ‘aquele que *adsidet*’, ou seja, ‘mantém a sua presença constante em uma atividade, se estabelece’; o valor semântico do adjetivo *desiduus* então é ‘aquele que *desidet*’, isto é, ‘mantém-se inativo, permanece preguiçoso’. O advérbio *desiduo* e o adjetivo *desiduus* estão ambos documentados em alguns glossários (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 155). O autor ainda acrescenta que a mudança de *desiduus* (‘ocioso’) para *desiduo* (*diuturne* ‘de longa duração’) advém do conceito de preguiça, que carrega em si também o de lentidão, e daí o de duração, sendo assim, a explicação apresentada aqui não seria tão *impossível* como a definiu Wessner (1899 apud Pizzani, op. cit. p. 155-156).

¹⁸⁸ Antes de tratar a respeito da citação atribuída a Varrão (*ling.* 7, 60), Pizzani (op. cit. p. 156) considera apropriado expor as discussões sobre essa passagem já realizadas por Lersch (op. cit. p. 60 apud Pizzani op. cit. ibidem), e também por Salvatore Costanza (1956): há no excerto uma parte entre cruces (“*non tibi istuc magis diuidiaest quam mihi hodie fuit † eadem hoc est in corollaria Næuivius †. Diuidia ab diuidendo dicta, quod diuisio distractio est doloris.*”) que foi emendado de maneira variada, mas há em todas as reconstruções uma precisa referência a um trecho da *Corollaria* de Névio, onde aparece o termo *diuidia* a cuja exemplificação dedica-se o verbete varroniano (Cf. PIZZANI, op. cit. ibid.). Ademais, para Costanza (op. cit. apud Pizzani, op. cit.), aqui, Fulgêncio, ao tentar recordar o trecho “*diuidiae mihi ...*”, teria confundido o nome do autor Névio com o nome do gramático Varrão, que na verdade relata o testemunho daquele. Porém, reitera Pizzani, há certamente no texto de Varrão uma menção exata a uma passagem da *Corollaria* de Névio em que aparece o vocábulo *diuidia*, apesar de tal trecho não ter sido relatado.

¹⁸⁹ Em relação à passagem citada, Pizzani (op. cit. p. 157) sugere que tudo levar a suspeitar que ela não chegou até nós em sua exata lição, pois, buscando conservar o texto tradicional, dever-se-ia entender *tum afuisse te* como uma oração objetiva, complemento de *diuidiae mihi fuerunt*, compreendendo a

38. [Quid sit floccio] *Flocci dixerunt quase nihili, unde et Plautus ait: 'Flocci pendo quid rerum geras'.*
38. [Que seria floccio] Chamaram *flocci*¹⁹⁰ por assim dizer ‘coisa nenhuma’, daí Plauto diz: “Nada (*flocci*) das coisas que tu faças aprecio¹⁹¹”.
39. [Quid sit lentaculum] *Lentaculum dicitur gustatio, sicut Calimacus in Thesia: 'Lentaculum proferre Ioui'.*
39. [Que seria lentaculum] Chama-se *lentaculum*¹⁹² o prato de entrada, assim como Calímaco na *Tésia*¹⁹³ diz: “Apresentar o *lentaculum* a Júpiter¹⁹⁴”.

citação da seguinte maneira: “Entristece-me tu estares tão distante”, uma interpretação um tanto forçada. O autor ainda acrescenta que seria mais plausível que fossem corrigidas as palavras *fuertunt* para *fuit* e *tum* para *tam* (*tam* é uma lição do códice β), considerando-se a construção com duplo dativo presente e confirmada em Plauto (*Cas.* 181; *Bacch.* 770 e *Stich.* 25), no entanto, segundo Pizzani (op. cit. p. 157-158), Helm conserva, ainda que errada, a lição *fuertunt* visto que é a trazida por todos os códices.

¹⁹⁰ A palavra está no genitivo de *floccus* (‘floco de lã, de tecido e de similares’), e conforme indica Pizzani (op. cit. p. 158), está atestada em VARRO, *rust.* 1, 59, 3; em CELS. 2, 6 e em PLIN. *nat.* 7, 10, 28. No entanto, no período de Plauto, o genitivo quando assume o sinônimo de *nihili* e é associado a verbos com sentido de apreço, estima, é amplamente encontrado, como em: *Cas.* 332; *Most.* 808; *Men.* 423; e também em outras construções, ainda com o termo *floccus* designando *nihil* (PLAUT. *Trin.* 994). Bastante documentada em glossários, a palavra possui diversas propostas etimológicas: **blōkos* (‘tecido grosseiro de linho’); **bhlo-kos* (cf. φλάζω ‘rasgar com estrondo, estrépido’) e *mlō-kos* (do grego μάλλός ‘floco de lã, de velo). Para as fontes conferir Pizzani, op. cit. p. 158.

¹⁹¹ A passagem não está documentada em Plauto, e inclusive Lersch observa que o termo *flocci* não é usado com o verbo *pendo* por Plauto (LERSCH, op. cit. p. 61 apud PIZZANI, op. cit. p. 158). Pizzani considera o trecho muito genérico, fato que torna difícil determinar sua exatidão, embora seja possível identificar na passagem citada, segundo o autor, um ritmo de um verso jâmbico ou trocaico, sem a sua parte inicial. Assim, a sua hipótese é que essa eventualidade leva a uma comédia perdida ou a uma parte perdida de uma comédia não conhecida de Plauto (PIZZANI, op. cit. p. 159).

¹⁹² O termo é uma evidente corruptela de *ientaculum*, que, segundo Pizzani (op. cit. p. 158), se trata de um vocábulo ligado ao adjetivo *ieiunus* e que, nos códices, apresenta mais três variantes: *iantaculum*, e, com redobro, *iaiantaculum* e *ieientaculum* (Para a mudança do *i* para *l*, Pizzani indica cf. FEST., p. 296, 21 e PAVL. FEST., p. 297, 4 *Linds.*, onde é incerta a leitura entre *lentacula* e *ientacula* dos códices, e também conferir NON. 16, 24-25, onde há um óbvio equívoco entre *lactatio* e *iactatio*). Ademais, o autor salienta que a atestação de cada uma dessas supostas quatro formas variantes do termo pode ser comprovada nos documentos: *iaiantaculum*, aparentemente a mais antiga, aparece em PLAUT. *Curc.* 72-73; *ieientaculum*, por sua vez é a ortografia adotada por Nônio (126, 8-13), que a utiliza para exemplificar o verbo *ieientare*, citando a mesma comédia de Plauto (*Curc.* 73), mas grafada com a vogal *e* e o redobro. Já as formas reduzidas *ientaculum* e *iantaculum* – de acordo com Pizzani (op. cit. *ibid.*), ambas são igualmente produtivas nas línguas romances – respectivamente aparecem em FEST., 207, 4 *Linds* e em FEST., p. 42, 6-9, e desses registros de Festo advém o significado primitivo do termo que seria o de primeira e simples refeição do desjejum matinal, e em qual, pelo menos em sua origem, era servido um tipo de vinho genuíno. Em Isidoro de Sevilha (*orig.* 20, 2, 10), há uma definição análoga, onde, no entanto, o significado é mais genérico e adaptado ao costume do desjejum ritualístico; já no trecho de Plauto, ainda segundo Pizzani (op. cit. p. 160), o caráter jocoso da peça nos impede de averiguar com certeza se, no período plautino, o termo *iaiantaculum* poderia assumir o sentido específico de ‘oferecimento ritual de uma refeição a uma

40. [*Quid sit edulium*] *Edulium dicitur ab edendo dictum, id est quasi praegustatiua comestio; unde et Apuleius in asino aureo ait: 'Edulibus opipare excepta'.*
40. [Que seria *edulium*] A partir de *edendo* ('comendo') diziam *edulium*¹⁹⁵, isto é quase uma primeira degustação¹⁹⁶; daí também

divindade', como parece ser definido aqui. Inclusive, ressalta o autor, o *ientaculum religiosum*, mencionado em APVL. *met.* 11, 24, se trata na realidade de um banquete sagrado, e não de uma simples oferta, sendo esse significado relacionado à identificação de *ientaculum* com *gustatio*, um termo encontrado em PETR. 21, 6, onde o vocábulo designa explicitamente o correspondente latino de 'refeição de entrada' ou 'aperitivo' em português. Finalmente, Pizzani (op. cit. *ibid.*) afirma que a definição dada aqui não é de toda exata, mas aproxima-se da original, pois a refeição matinal serve, de algum modo, para preparar certamente o estômago para o *prandium*. Os glossários minimamente fazem referência a Fulgêncio (cf. EXC. Vat. 1469, V, 523, 38 = EXC. Cass. 90, V, 571, 41: *Lentaculum: gustatio*), há ainda pontuais identificações de *ientaculum* com ἀκράτισμα e ἀκρατισμός, termos derivados do costume grego de saborear o vinho antes da primeira refeição diária. Para o único e seguro testemunho, externo ao texto de Fulgêncio, com esse termo assumindo o valor sagrado visto em Apuleio, cf. Pizzani (op. cit. p. 161).

¹⁹³ Segundo Pizzani (op. cit.), tanto o nome do autor quanto da obra citados é uma suposta reconstrução de Helm, visto que os códices não fornecem dados seguros nem para um, nem para outro. O autor acredita que, para a interpretação das lições apresentadas nas fontes, para cada lição originária devia ser *Calimachus* (ou *Calimachus*), que, ao longo das sucessivas cópias, há a corrupção no ramo da tradição, que Helm (1899) designa como β, de uma lição dupla (B e E). Assim, na origem de todas as corruptelas observadas, para Pizzani haveria, provavelmente na fonte comum dos códices do grupo β, uma formação do tipo: "*SI SICCALIMACHUS*", que talvez possa ter determinado a possível lição "*sicca unde Lisimachus*" dos códices B e E. A respeito do nome da obra, *Thesia* é uma pressuposição integral de Helm baseada nas lições corrompidas *zesia* de *a zeti* de β; Ademais, Pizzani (op. cit. p. 162) acrescenta que com *Thesia*, uma corruptela de *Thesea* devido à variação na pronúncia, Fulgêncio deve ter desejado citar a *Hécale* de Calímaco, ou seja, ele teria feito novamente confusão entre o título da obra e do protagonista, o herói Teseu, exatamente como visto nos *sermões* 15 e 29. Para a atestação da existência do poema de Calímaco entre os romanos, Pizzani (op. cit. *ibid.*) indica PLIN. *nat.* 26, 82 e 22, 88. Ao lado disso, Baldwin (op. cit. p. 42) afirma que esse trecho atribuído a Calímaco não está na monumental edição de Pfeiffer (1949, 1986), uma vez que, para o editor, os nomes dos autores e das obras são muito duvidosos em Fulgêncio. No entanto, Baldwin concorda que, se a citação for exata, a inspiração é provavelmente a *Hécale*, tratando-se da cena de alimentação de Teseu (Cf. Callimachus, frg. 194, 77, 248, 251).

¹⁹⁴ Também Helm (op. cit. apud Pizzani, op. cit. *ibid.*) reivindica que esse fragmento pertença a uma desconhecida versão latina da *Hécale* de Calímaco, se baseando em duas considerações: 1) corrigindo-se *ientaculum* para *ientaclum* se obtém um perfeito início de hexâmetro; 2) Em PLVT., *Thes.* 14, tem-se que Hécale havia prometido a Júpiter um sacrifício em troca de proteção à vida de Teseu, quando este dominasse o touro de Creta; e talvez tal promessa pudesse se referir ao trecho citado aqui implicando assim, obviamente, que se dá a *ientaculum* o valor de oferta sacrificial de alimentos a uma divindade, já apresentado em Plauto., na *Curc.* 72 (*Me inferre Veneri uoui iaientaculum*).

¹⁹⁵ Sobre o vocábulo, Pizzani (op. cit. p. 163) afirma que, etimologicamente e semanticamente, ele está ligado ao verbo *edere* (Cf. VARRO *ling.* 6, 84) e denomina gêneros alimentícios em geral; havendo também um adjetivo *edulis* ('comestível'), documentado em HOR. *sat.* 2, 4, 43. A forma plural substantivada *edulia*, *-um* é mais frequente na época arcaica (AFRAN. apud NON. 28, 30; VARRO apud NON. 108, 17; SVET. *Cal.* 40; GELL. 6, 16,4. Porém, não está atestado, externamente aos glossários, o substantivo *edulium*, que aparece documentado pela primeira vez em VARRO *ling.*, 7, 61, e também é encontrado na VVLG. *gen.* 25, 30 e *lev.* 7, 18. Já nos glossários, há uma ampla e variada documentação (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 163-164).

¹⁹⁶ A definição, de acordo com Pizzani (op. cit. p. 164), é mais apropriada ao termo *gustatio*, apresentado no *sermo* 39, do que a *edulium*. Assim, *praegustatiua* é um hápax que reitera formações como

Apuleio em *Asno de Ouro*¹⁹⁷ diz: “Ricamente recebida com os *eduli* (alimentos)¹⁹⁸”.

41. [Quid sint *tucceta*] *Tucceta dicuntur escae regiae, sicut Callimorfus in Piseis [ait]: 'Ambrosio redolent tucceta fauore'.*
41. [Que seriam *tucceta*] *Tucceta*¹⁹⁹ são chamados os alimentos reais, assim como Calímorfo²⁰⁰ nos *Pisei*²⁰¹ diz: “Os *tucceta* cheiram a néctar de ambrosia”.
42. [Quid sit *ferculum*] *Ferculum dicitur missum carniū, unde et Petronius Arbiter ait: 'Postquam ferculum allatum est'.*
42. [Que seria *ferculum*] É denominado *ferculum*²⁰² ‘o envio de carnes’, daí também Petrónio Árbitro diz: “Depois que o *ferculum* foi trazido²⁰³”.

praerogatius, comparatiuus, completiuis.

¹⁹⁷ A respeito da obra, conferir o *sermo* 17.

¹⁹⁸ A passagem não é encontrada exatamente como citada aqui nas *Metamorfoses* de Apuleio, mas se faz evidente que é essa obra a inspiração para Fulgêncio, como se pode notar que os *sermos* 40, 41 e 42, foram evidentemente inspirados pelos trechos do livro 5 da obra de Apuleio, em que esses *sermões* aparecem: *met.* 5, 3, 3 (*eduliumque uariorum fercula copiosa*); *id.* 8, 15 (*mirisque illis et beatiss edulibus atque tucctis oblectat*). Pizzani supõe que o autor ou não recorda direito, ou tenta dar um significado mais completo a sua citação. Ao lado disso, Wolff (2003, p. 199), reconhece também que houve aqui a contaminação com frases da *Metamorfoses* de Apuleio, uma obra familiar a Fulgêncio. Mazzarino (apud Pizzani, op. cit. p. 165) acredita que Fulgêncio desejava produzir uma obra mais popular, no entanto não é encontrada confirmação definitiva, assim como para o *sermo* 36, permanecendo a suspeita de que Fulgêncio teria tido acesso a um compêndio (PIZZANI, op. cit. p. 165).

¹⁹⁹ Segundo Pizzani (op. cit. p. 165), não há vestígios desse termo no período republicano, e, a partir do século I d. C, ele passa a aparecer com certa frequência, por exemplo, em PERS. 2, 42-43 (*Sed grandes patinae tucctaque crassa / adnuere his superos uetere Iouemque morantur*), havendo também, nos escólios persianos, uma definição detalhada para o termo. Aos escólios estão direta e exclusivamente ligados os testemunhos dos glossários (Cf. Pizzani, op.cit. ibid.). Em relação à definição trazida aqui, Pizzani afirma que *escae regiae* encontra compreensivelmente razão de ser em APVL. *met.* 5, 15, trecho onde se fala de alimentos suntuosos, dignos de um rei.

²⁰⁰ A respeito de um historiador de nome *Καλλιμορφος*, autor da *bellum Particum*, conforme Pizzani (op. cit. p. 166), nos fala Luciano na *De hist. conscr.* 16, porém a imagem fornecida nessa obra não se adéqua à descrição de uma apetitosa iguaria apresentada aqui num ritmo inexplicavelmente hexamétrico. Ao lado disso, Pizzani observa que a profissão de médico de *Καλλιμορφος*, o seu estilo, a sua vaidade e a sua mudança do uso do dialeto jônico para a κοινή nos fazem duvidar que se tratasse do mesmo personagem. Ainda acrescenta Pizzani (op. cit. ibid) que, se as informações apresentadas aqui são exatas, deveria se tratar de um poeta e não de um historiador (Cf. também Baldwin, op. cit. p. 42).

²⁰¹ A princípio, Lersch (apud Pizzani, op. cit. p. 166) não nega que o historiador Calímorfo fosse autor de uma obra denominada *Πισαία*, mas ainda assim, ele aposta numa hipótese de falsificação. Baldwin (op. cit. p. 42) suscita que *in Piseis* poderia aludir a um épico ‘em Piso’, ou *patria* ‘em Pisa ou Pisae’. Já Whitbread (op. cit. p. 171) acredita que *in Piseis*, possivelmente se trate de Pisa em Elis onde os Jogos Olímpicos eram realizados, sendo autor e obra desconhecidos. Também a tradição manuscrita não é unânime na transmissão desse título (*in pisseis P, impseis h, episeis p d*), que, para Pizzani, pode ter chegado até nós de forma corrompida.

43. [Quid sit *miropola*, quid sit *adfatim*, quid sit *uenustare*]

Miropolam dicunt qui unguenta uendunt, ut sunt pigmentarii, unde et Neuius in Diobolaria ait: 'Miropola adfatim mihi unguentum largitus est, quo me uenustarem'; adfatim dicitur abundanter, uenustare uero exhilarare est.

43. [Que seria *miropola*, que seria *adfatim*, que seria *uenustare*]

Chamam *miropola*²⁰⁴ aqueles que vendem óleos perfumados, como o são os comerciantes de perfumes, como também Névio na *Diobolaria*²⁰⁵ diz: “O *miropola* me concedeu em abundância um perfume, com o qual me tornarei encantador”; *adfatim* diz-se ‘abundantemente’²⁰⁶, de fato, *uenustare* é ‘alegrar-se’²⁰⁷.

²⁰² Ao lado dessa forma, coexiste, segundo Pizzani (op. cit. p. 167), *fericulum*, considerada mais rara (Cf. PETRON. 60,7 e 69, 7; SEN. *epist.* 90, 15 e 122, 3; conferir também *praefericulum* em FEST. p. 292, 31e *fericulus* em PETRON. 39, 4), e o seu sentido primitivo designa o meio com que algo é transportado (do verbo *fero*), e em sua origem está relacionado a procissões, cortejos, cerimônias públicas em geral (CIC.*off.* 1, 36, 131 e LIV. 1, 10, 5). Em seguida, passa a indicar especificamente o objeto que, nos banquetes romanos, era o correspondente, só que com maior pompa, do nosso carrinho ou bandeja em que é transportada a comida (Cf. HOR. *sat.* 2, 6, 104). Pizzani (op. cit.) ainda observa que a definição de *fericulum* dada aqui, ou seja, *missum carniū* ‘envio de carnes’, possui um valor limitado, isso devido, provavelmente à inspiração em PETRON. 35, 1, onde é descrito um opulento *fericulum* que estava realmente quase exclusivamente repleto de pratos de carne. Os glossários fornecem amplos e variados testemunhos a respeito do termo (Cf. PIZZANI, op. cit. p. 167).

²⁰³ Em confronto com esse trecho citado, Helm apresenta o de PETRON. *sat.* 39, “*iam sublatum erat fericulum*”, razoavelmente aceitável, embora exista também “*fericulum est insecutum*”, no verso 35, que tem o ritmo adequado. Esse vocábulo, de uma forma ou de outra, ocorre em torno de uma dúzia de vezes em Petrônio, sempre na *Cena* (BALDWIN, op. cit. p. 52). Conforme Whitbread (op. cit. p. 171), esse é um fragmento de Petrônio, de outra forma desconhecido, numerado por editores, como 9 (F. Bücheler, Berlim, 1862); 10 (A. Ernout, Paris, 1950) e 8 (K. Mueller, Munique, 1961).

²⁰⁴ A grafia exata, conforme afirma Pizzani (op. cit. p. 168) para o termo é *myropola*, um empréstimo evidente do grego *μυροπώλης* (*μῦρον* ‘unguento, perfume’ + *πώλης* ‘vendedor’, do verbo *πωλεῖν* ‘vender’); e a sua introdução no léxico latino já remonta ao período de Plauto (Cf. *Cas.* 226 e *Trinc.* 408). Pizzani reitera que a definição dada aqui é exata com a apresentada pela tradição literária: *qui unguenta uendunt*. Para *myropola*, os glossários não fornecem nenhuma documentação.

²⁰⁵ *Diobolaria*, para Baldwin (op. cit. p. 49), é um título desconhecido, mas plausível, pois esse nome era um epíteto presente em Plauto para as prostitutas na Antiguidade Tardia (cf. ADAMS, J. N. 1983, p. 356-357), que, ainda segundo o autor, pode ser adicionado às análogas e anacrônicas referências às prostitutas de ‘três óbulos’ presentes em Procópio, *História secreta*, 17.5. Já Costanza (1956 apud Pizzani, op. cit. p. 169) defende a veracidade do testemunho atribuído a Névio, e, apesar da objeção formulada por Ritschl (1845, p. 141 apud Pizzani op. cit.) de que, entre os vários títulos de comédias terminadas em *-aria* de Névio, *Diobolaria* é o único derivado de um substantivo grego, Costanza (art. cit.) observa que o adjetivo *diobolaris*, ao entrar no uso latino, deve ter perdido entre os latinos a consciência da sua origem grega.

²⁰⁶ A definição apresentada é de Festo (Cf. PAVL. FEST. p. 10, 25 *Linds.: Affatim dictum a copia fatendi, siue abundanter.*), e dela advém as definições presentes nos glossários, ainda que com algumas variações (Para as definições detalhada dos glossários cf. Pizzani, op. cit. p. 170).

²⁰⁷ A despeito de Lersch (op. cit. p. 65) ter considerado o verbo *uenus tare* um hápax, Wessner (apud Pizzani op. cit. p. 171) já considerava tal afirmação infundada, e ao lado disso Pizzani comprova a

44. [Quid sit celocem] *Celocem dicunt genus nauicellae modicissimum, quod bamplum dicimus, unde et Apuleius in libro de re publica ait: 'Qui celocem regere nequit, onerariam petit'.*
44. [Que seria celox] Denominam *celox*²⁰⁸ um tipo de barca muito pequena, que chamamos *bamplum*²⁰⁹, daí também Apuleio no livro *Da administração do estado*²¹⁰ diz: “Aquele que não é capaz de conduzir uma *celox*, procure um navio de transporte”.
45. [Quid sit celibatum] *Celibatum dici uoluerunt uirginitatis abstinentiam, unde et Felix Capella in libro de nuptiis Mercurii et Philologiae ait: 'Placuit Mineruae pellere celibatum'.*
45. [Que seria celibatus] Por *celibatus*²¹¹ quiseram dizer a abstinência de quem não era casado²¹², daí também Félix Capela²¹³, em seu

atestação do termo em outras fontes como em AMBR. *hex.* 1, 7, 27, um texto cuja verossimilhança traz a sua definição para os glossários (Cf. Pizzani, op. cit. *ibid.*). De acordo com Pizzani, a explicação dada aqui para *uenustare* (‘alegra-se, animar-se’) não parece bem definida quando relacionada com o testemunho neviano, onde *uenustare* assume o significado de *uenustate afficere* (‘dar alegria’), muito mais próximo do *ornare* de S. Ambrósio e dos glossários, do que do *exhilarare* apresentado acima.

²⁰⁸ A respeito das atestações das definições do termo *celox*, Pizzani (op. cit. p. 171) indica NON. 532, 24: *Celox est nauigium breue, dictum a celeritudine*. Etimologicamente é derivada do grego κέληξ e é reconhecida também pelos estudiosos modernos (CELOX. In: WALDE-HOFFMANN apud Pizzani, op. cit. p. 171); outras definições do *sermo* reiteram essa dada por Nônio (GEL. 10, 25, 5 e ISID. *orig.* 9, 1, 22), e os glossários em nada acrescentam a ela, e justificam perfeitamente a explicação informada aqui (Cf. Pizzani, op. cit. p. 172).

²⁰⁹ O termo é considerado um hápax, que, por sua vez, Wessner (apud Pizzani op. cit. *ibid.*) propõe corrigir para *lembulum*, o diminutivo de *lembus*, mas que Helm mantém na sua edição, vistas as discordâncias da tradição manuscrita (*blamblum* h, *blampum* p, *blamplum* d, *blamblum* BE).

²¹⁰ Conforme afirma Baldwin (op. cit. p. 41), Fulgêncio produziu o aforismo “*Qui celocem regere nequit, onerariam petit*”, atribuindo-o à *De Republica*, outra obra também desconhecida. Embora, isso tenha tido uma distinta aceitação moderna (Cf. Walsh, 1983 apud Baldwin, op. cit. *ibid.*), a questão da autoria continua problemática, pois não há nenhuma razão pela qual Apuleio não possa ter escrito tal trabalho, e alguns de seus títulos perdidos são conhecidos por menção em fontes tardias. Ademais, Baldwin acredita que, no entanto, Fulgêncio por si só provocou a suspeita, já que a frase em questão poderia tanto vir da *De Proverbiis* de Apuleio quanto ser uma produção do autor da *Sermonum*. Inclusive nem *celox* nem *oneraria* ocorre em qualquer outro lugar em seus escritos (um fato em si inconclusivo) e, no presente caso, deve se considerar a expressão “*publica celoce*” em PLAVT. *Capt.* 874, como uma possível fonte de inspiração (BALDWIN, op. cit. p. 41).

²¹¹ Para o vocábulo, Pizzani (op. cit. p. 173) traz a seguintes informações: a sua grafia exata é *caelibatus* e o termo passa a ser usado na idade pós Augusto, em que assume o significado atual de ‘celibato’, não divergindo do adjetivo *caelebs* do qual deriva. Assim, para as atestações na tradição literária, conferir SEN., *benef.* 1, 9, 4; SVET. *Claud.* 16 e 26; GALBA *Cic. epist.* 5. Ademais, Pizzani afirma que os glossários quando esclarecem o termo *caelibatus* em parte se limitam a identificá-lo com o sentido que entendemos por celibato atualmente (ausência de matrimônio) ou com viuvez (Cf. Pizzani, op. cit. p. 173).

livro *Das núpcias de Mercúrio e Filologia*, diz:
“Decidiu recusar o *celibatus* à Minerva”.

46. [*Quid sit exercitus, quid sit nictare, quid sint ualgia*]

Exercitus dicitur contemptus, unde et Plautus in milite glorioso ait: 'Itane nos nostramque familiam habes exercitam', et ubi supra ait: 'Plus uideas ualgis quam sabiis, denique omnes nictant eum'; nictare enim dicimus cinum facere, ualgia uero sunt labellorum obtortiones in subinatione factae, sicut et Petronius ait: 'Oborto ualgiter labello'.

46. [Que seria *exercitus*, que seria *nictare*, que seria *ualgia*]

Chama-se *exercitus* o desprezível²¹⁴, daí também Plauto na comédia *O soldado fanfarrão* diz: “Desta maneira, consideras a nós e à nossa família *exercita*²¹⁵”, e onde mais acima diz: “Vejas mais com os *ualgia* (‘lábios estendidos’) do que com os lábios prontos para beijar, enfim todos piscam (*nictant*) para ele²¹⁶”; de fato,

²¹² “*Virginitas* tem aqui o valor extensivo de ‘castidade’, independentemente do sexo, e o genitivo é do tipo subjetivo, assim a expressão inteira pode ser eficientemente entendida como ‘abstinência característica da castidade, ou seja, de quem ainda vive em estado de castidade’” (PIZZANI, op. cit. p. 174, tradução minha).

²¹³ O autor citado aqui como Felix Capela, conforme afirma Whitbread (op. cit. p. 172), é mais comumente conhecido como Marciano Capela, escritor do início do século V d. C, sendo a sua principal obra de referência a *De nuptiis Philologiae*. Ao lado disso, Baldwin (op. cit. p. 43) observa que em nada prejudica essa menção a ele como *Felix*, o próprio modo de autoidentificação de Marciano (Cf. Cameron, A. *Martianus and His First Editor*, 1986). O autor ainda acrescenta que o período de Marciano é muito debatido, mas a comum designação no final do século V torna-o um contemporâneo de Fulgêncio, embora no artigo mencionado, Cameron, de forma plausível, o mova de volta às décadas anteriores.

²¹⁴ A explicação dada aqui, segundo Pizzani (p. 174), é uma aproximação sem dúvida inexata, pois fica claro que houve uma interpretação num sentido pejorativo do valor semântico implícito no verbo *exercere*, que pode significar em alguns usos ‘molestar, cansar’ (Cf. CIC. *Tusc.* 5, 1, 3 e *Mil.* 2, 5). O autor acrescenta que é esse significado é o trazido pelos gramáticos, ainda que com formulações não idênticas (Cf. PAVL. FEST. p. 71, 1-2 *Linds.* e *NON.*, 6, 1), e já nos glossários prevalece o significado de *sollicitus* ‘agitado’, porém aplicado à forma feminina, talvez por influência de VERG. *Aen.* 5, 779. Para os glossários, cf. Pizzani, p. 175.

²¹⁵ Para essa passagem atribuída a Plauto, Helm (1899 apud Pizzani, p.175) cita como confronto PLAVT. *Mil.* 172 (*quid tumultuas cum nostra familia*), em que, apesar de haver a expressão *nostra familia*, não é certamente relacionada. Pizzani (ibid.) acredita que devemos pensar em uma contaminação, mais ou menos consciente a partir das passagens de PLAVT. *Bacch.* 26 *Linds.* (apud *NON.* 6, 4): *quae sodalem atque me exercitos habet*; e *Epid.* 529: *multiplex aerumna exercitam habet*, parecendo ser essa hipótese mais plausível. O autor ainda afirma que são frequentes e quase sistemáticas as divergências entre o texto das citações fulgencianas, devendo a tradição direta desses autores ser cautelosa frente à mais sugestiva hipótese de redação diversa.

²¹⁶ Essa citação se trata, de acordo com Pizzani (p. 176), indiscutivelmente de PLAVT., *Mil.* 93-94 (*itaque hic meretrices, labiis dum nictant ei, / maiorem partem uideas ualgis sauiis.*), embora, como se pode observar, o trecho se encontre bastante modificado na citação apresentada acima.

dizemos *nictare* para ‘fazer careta’²¹⁷, *ualgia* realmente são as contorções dos lábios²¹⁸ feitas na *subinatione*²¹⁹ (‘abraço’), assim como também Petrónio diz: “Estendendo o lábio distorcido²²⁰”.

47. [*Quid sint summates, quid sint simpolones, quid sit ganium*]

Summates dicuntur uiri potentes, simpolones dicuntur conuiuiae; nam et amicus sponsi qui cum eo per conuiuia ambulat simpolator dicitur; ganeum uero taberna est, unde et Sutrius in comedia Piscatoria ait: 'Summates uiri simpolones facti sunt ganei'.

47. [Que seriam *summates*, que seriam *simpolones* que seria *ganium*]

*Summates*²²¹ são denominados os ‘homens vigorosos’, *simpolones*²²², são chamados os ‘convidados’; de fato,

²¹⁷ O significado fundamental do verbo *nictare*, segundo Pizzani (p. 177), se encontra em FEST. p.182, 30 *Linds*. Assim, dos exemplos citados em Festo, o verbo *nictare* assume um valor mais amplo e menos restrito ao de ‘torcer os olhos, dar piscadelas’, como já prevalecia na idade arcaica (cf. PLAVT. *Asin.* 784; *Men.* 613 e *Merc.* 407), havendo também o sentido mais amplo de ‘fazer força com uma parte do corpo, realizando repetidas tentativas’, sendo esta a acepção encontrada em NON. 439. Idêntico significado está presente nos glossários (Cf. PIZZANI, p. 177-178).

²¹⁸ Para o significado de *ualgia*, Pizzani (p. 179) observa que há o adjetivo *ualgus* ‘de pernas voltadas para fora’, e também, por extensão ‘torto, excêntrico’, sentidos que são distantes do apresentado aqui (Para o sentido do termo o autor orienta ver FEST., p. 514, 9 *Linds.* e NON. 25,9). Ademais, tanto em Festo quanto em Fulgêncio há a referência ao mesmo excerto de Plauto, ambos de maneira fragmentada. Para a definição de *valgium* como *labellorum obtortiones* ‘contorções dos lábios’, Pizzani (ibid.) acredita que é possível que Fulgêncio tivesse acesso a uma glosa plautina que esclarecia *iunctura* como ‘*ualgia sauia*’, daí interpretando ‘os lábios contorcidos ou salientes’ (Cf. PIZZANI, p. 179).

²¹⁹ O significado da expressão *in subinatione factae* é considerado por Pizzani menos evidente, já Helm aceita a lição *subinatione* dos códices P e R contra *supinatione* de h e β, e em seu aparato crítico apresenta a hipótese de derivação do verbo *subare* ‘estar com calor’ (Cf. LVCR. 4, 1199). Assim, o hápax *subinatio* seria uma variante do termo *subatio* ‘calor’, documentado em PLIN. *nat.* 8, 51, 77, 205 e que os editores anteriores então teriam corrigido *subinatione* para *subatione*. Por outro lado, Pizzani observa que é difícil a aceitação da grafia *supinatio*, pois só se encontra documentada em CAEL. AVL. *chron.* 4, 3, 64, onde possui o significado de ‘vômito’, um sentido que não se adéqua ao termo em discussão (Cf. PIZZANI, p. 179-180).

²²⁰ A esse trecho, Lersch (apud Pizzani, p. 180) confronta PETR., 26 (*commouebat obter labra*), demonstrando que houve na citação acima a alteração de *obiter*, mais usual, pelo hápax *valgiter*, ao que Pizzani (ibid.) acrescenta ser necessária talvez uma reconsideração desse juízo, visto a perda de grande parte da obra de Petrónio.

²²¹ A palavra já era utilizada por Plauto (Cf. *Pseud.* 227; *Stich.* 492 e *Cist.* 25), e, conforme observa Pizzani (ibid.), é derivada de *summatiss*, *summus*, mesmo tipo de formação de *optimatiss*, *optimus*. A explicação apresentada aqui é a mesma que reaparece em glosa (EXC. CASS. 90, V, 580, 13: *summates id est uiri potentes* “*summates* isto é homens fortes”), fazendo de *summates* um substantivo, ao invés de um adjetivo como trazido na citação acima atribuída a Sútrio.

²²² Pizzani aponta que o termo, além da *Sermonum*, tem sua única referência em PAVL. FEST. p. 455, 14-16, sendo assim mais um hápax fulgenciano: *Simpulum vas parvulum non dissimile cyatho, quo vinum in sacrificiis libabatur; unde et mulieres rebus divinis deditae simpulatrices* (“*Simpulum* era um vaso muito pequeno não diferente de uma taça, do qual se derramava o vinho em sacrifícios; daí também as *simpulatrices* eram mulheres dedicadas às coisas divinas”). Ademais, o autor observa que, de fato, existe um parentesco entre os termos *simpolones* e *simpolator* definidos aqui, visto que Festo relaciona-o ao contexto de um ritual religioso, e Fulgêncio se refere aos costumes de um banquete

também o amigo do noivo que com ele circula por entre os convidados é chamado *simpulator*; *ganeum*²²³ certamente é ‘taberna’, daí também Sútrio na comédia *Piscatoria*²²⁴ diz: “Homens *summates* são feitos *simpolones* de um *ganeum*”.

48. [*Quid sint praesegmina*] *Praesegmina sunt partes corporis incisae, ut Tages in aruspicinis ait: 'Praesegminibus amputatis'.*
48. [Que seriam *praesegmina*] *Praesegmina*²²⁵ são as partes talhadas do corpo, como Tages no *Livro dos Adivinhos*²²⁶ diz: “Com os *praesegmina* amputados²²⁷”.

nupcial. Há ainda a identificação de *simpulum* dada em Festo com *simpuium* definido em Nônio (544, 24-27): *Simpuium Varro Est modus Mutulae, περί μέθης: “non vides ipsos deos, si quando volunt gustare vinum, derepere ad hominum fana? et tamen tum ipsi illi Libero simpuiio vinitari?”* (“não vês os próprios deuses, todas as vezes quando querem provar o vinho, descerem arrastando-se até os templos dos homens? E, contudo, aqueles próprios, então, a Líber ofereceram vinho no *simpuiio*?”). Ao lado disso, Pizzani considera que a única hipótese é que o termo *simpulum* pode assumir o valor semântico de ‘taça de vinho’, mas sem ser particularmente uma taça sagrada, e *simpolones* talvez fossem aqueles que faziam grande uso da *simpula*, ou seja, os participantes de um banquete, sendo a definição para *simpulator* dada aqui um tanto desconhecida. Os glossários têm a *Sermonum* como sua fonte direta para definição desses termos, *simpolones* e *simpulator*, não apresentando nada de novo (Conferir Pizzani, p. 181).

²²³ Significava exatamente uma taberna humilde que tinha como característica o fato de ter sido construída abaixo do nível do solo, e, segundo Pizzani (p.182), não raramente utilizada como um prostíbulo, sendo registrado o uso da palavra desde a época pré-clássica (Cf. PLAVT. *Men.* 703 e *Asin.* 887; TER. *Ad.* 299). Há ainda atestação em ISID. *orig.* 10, 114, em que *ganeum* é relacionado com um termo grego (*quae γάνεια Graeci uocant*). Os glossários reiteram os dois significados de ‘taberna’ e ‘prostíbulo’ (Cf. Pizzani, *ibid.*).

²²⁴ O autor, mais um do rol dos desconhecidos, é citado também nas *Mythologiae* (3, 8): *nam et Sutrius comediarum scriptor introducit Gliconem meretricem dicentem: “Murrinum mihi adfers quo uirilibus armis occursem fortiuscula.”* (De fato, também Sútrio, escritor de comédias, apresenta a cortesã Glycon dizendo: “Tu trazes para mim a bebida de mirra para que eu resista com mais força aos braços dos homens.” Tradução de José Amarante, no prelo). Os dois testemunhos não são reconhecidos como fidedignos por Lersch (apud Pizzani, *ibid.*), que acredita que o nome *Sutrius* teria sido criado a partir de *contaminatio* de PLAVT. *Cas.* 524, em que aparece um topônimo *Sutrium*, atual cidade Sutri. Já o nome da comédia, *Piscatoria*, teria sido inspirado por *Cas.* 499 (*ex copia piscaria*), e a passagem atribuída ao comediógrafo seria um resultado também de uma contaminação de diferentes trechos de peças de Plauto (*Asin.* 887 e *Men.* 703: *ganeum*; *Men.* 700: *facti sunt* e *Pseud.* 227: *summates uiri*). Ao lado dessa hipótese, há a visão mais moderada de Ritschl (apud Pizzani, p. 183) que reconhece a autenticidade desse testemunho atribuído a Sútrio, embora o localize numa idade mais tardia. Por fim, Pizzani (*ibid.*) considera que não existem elementos comprovadores para se refutar a priori o testemunho dado aqui a respeito do poeta Sútrio, pois inclusive esse nome é conhecido dentro da onomástica latina (Cf. Pennisi, *op. cit.* p. 121, n. 260).

²²⁵ Derivado do verbo *praesecare* (cortar), como afirma Pizzani (p. 184), o vocábulo significa propriamente uma parte decepada de qualquer corpo, e, segundo o autor, a definição mais adequada se encontra em ISID. *org.* 19, 22, 18: *Nam et particulas cuicumque materiae abscissas praesegmina uocant*, pois em NON. 151, 32, há apenas o esclarecimento do sentido que o termo assume numa passagem de Plauto: *Praesegmina proprie Plautus in Aulularia ea dici uoluit quae unguibus eminulis praesecantur*. Há também a atestação do termo em APVL. *Met.* 2, 20, onde a definição para *paesegmina*, assim como nos outros autores, é de que são pedaços de corpos humanos destinados à prática de magia, além de estar documentado também em HIL. *trin.* 10, 14.

49. [*Quid sit congerra*] *Congerrones dicuntur qui aliena ad se congregant, unde et apud Romanos gerrones Brutiani sunt dicti.*
49. [Que seria *congerra*] *Congerrones*²²⁸ são chamados aqueles que acumulam coisas alheias para si²²⁹, daí também junto aos romanos os de Brútio são chamados *gerrones*²³⁰.

²²⁶ Como já discutido no *sermo* 4, os livros sagrados de uma respeitada tradição, atribuídos ao mítico Tages, os quais, conforme orienta Pizzani (ibid.), foram traduzidos do etrusco ao latim, eram a base de uma parte considerável da obra de Cornélio Labeo. Assim, Pizzani acrescenta que os *libri aruspicipini*, mencionados aqui, faziam parte também de tal obra (Cf. SERV. *Aen.* 8, 398).

²²⁷ Pizzani acredita que a descrição como foi mencionada acima pode ter sido inspirada em um complexo ritual transmitido dos etruscos aos romanos, onde os *praesequina* seriam os órgãos arrancados da vítima para serem obtidos os auspícios (presságios). Assim, se chegaria a uma convincente confirmação, ao se usar constantemente o termo, relacionando-o ao corpo vivente daquela vítima, fato que nos leva a definir esse ritual como de magia, e não como um rito religioso (PIZZANI, op. cit. 185).

²²⁸ Formado a partir de *cum + gerro*, o termo, como visto em Pizzani (p. 185), coexiste com a forma *gerro* desde o fim da idade arcaica (Cf. PLAVT. *Most.* 931 e 1049; *Pers.* 89 e *Truc.* 99-100), sendo que a primeira atestação para *gerro* se encontra em TER. *Heaut.* 1033. Para o valor semântico de cada termo, Pizzani afirma que *gerro* significa aquele que é ‘preguiçoso’ e dado às farras, já *congerro* seria o ‘companheiro’ de farra, do mesmo modo que *potor* é o ‘beberrão’ e *compotor* o ‘companheiro de bebedeiras’ (Cf. CIC. *Phil.* 2, 17, 42). A respeito da etimologia do vocábulo, o autor orienta que parece ser consensual que a sua origem seria do grego γέρρον com o valor primitivo de ‘trama de vime, ‘cesto’, ‘escudo persa’, ‘teto de cabana’, mas também ‘estaca’, ‘flecha’, ‘dardo’ (A respeito dessa questão etimológica, Pizzani indica conferir GERRA. In: WALDE-HOFFMAN, op.cit. e SONNY, *Arch. f. lat. Lex.*, 1898, p. 377-381). Ainda acrescenta que a origem grega era também conhecida pela tradição gramatical latina, havendo uma forma aparentada a *gerro-congerro*, a *pluralia tantum: gerrae* ‘bobagens, bagatelas’, atestada em NON. 118, 24, em que, segundo Pizzani, estaria relacionada a um significado fálico, existindo ainda uma definição chave muito convincente em PAVL FEST. p. 83, 11-14 *Linds.* A essa explicação se liga a de *gerrones* (PAVL. FEST. p. 35, 15-17 *Linds.*), existindo também *congerra*, uma forma equivalente a *congerro* (FEST. p. 282, 15 *Linds.*). Para as definições em glossários, conferir Pizzani (op. cit. p. 186).

²²⁹ Essa definição apresentada aqui não é confirmada nem nos usos dos autores, nem nos testemunhos dos gramáticos, e, conforme indica Pizzani (p. 186), a glosa, que se lê em EXC. VAT. 1469, V, 521, 28 (*Congerrones siue congerroges qui aliena ad se congregant unde apud romanos gerrones brutiani sunt dicti*) e em EXC. CASS. 9, V, 566, 11 (*Congerro qui aliena ad se congregat unde apud romanos gerrones brutiani sunt dicti*), não deixa dúvidas que a sua fonte direta é esse texto da *Sermonum*. Por outro lado, Lersch (apud Pizzani, p. 187) suspeita que a definição acima teria sido inspirada em PLAVT. *Most.* 1049-50, ao que Pizzani vê como uma hipótese um pouco fantasiosa, havendo, para o autor, talvez uma explicação mais simples: Fulgêncio pode ter tentado fazer uma interpretação etimológica pessoal, derivando *congerro* de *congrego*, e ocasionando assim o equívoco. Ou ainda, conclui Pizzani (ibid.), a expressão “*aliena ad se congregant*” poderia ser também uma forma imprecisa e ambígua de exprimir a comunhão dos bens entre os companheiros ou *congerrones*, conforme mencionados em FEST. p.382. 17 *Linds.*

²³⁰ O epíteto dado aos *Brutiani* pelos romanos, ao que parece, soa com um sentido depreciativo e diferente da definição apresentada para *congerrones*. Pizzani (ibid) considera controversa essa relação entre a explicação do *sermo* e a citação, lembrando que o termo *Brutiani* aparece em GELL. 10, 3, 19 e também em PAVL. FEST. p. 28, 19 *Linds.*, e, embora essas passagens em Gélio e Festo não explique o epíteto, trazem, ainda que vagamente, um valor depreciativo.

50. [*Quid sit cistella, quid sint crepundia*]

Cistellam dicunt capsellam, ut Plautus [ait]: 'Cistellam mihi effers cum crepundiis', id est cum puerilibus ornamentis.

50. [Que seria *cistella*, que seriam *crepundia*]

Chamam *cistella*²³¹ as caixas pequenas, como Plauto diz: “Levas para mim uma *cistella* com os *crepundia*²³² (‘chocalhos’)²³³”, isto é com enfeites infantis.

²³¹ Do grego χίστη, é um diminutivo de *cista* ‘pequeno cesto’, ou ‘caixa’ em geral, conforme Pizzani (p.188). Para fonte, conferir EXC. CASS. 9, V, 565, 30: *Cistella: capsella* 36 *Cistella: a costis ex canna ex ligno quibus contextitur.*

²³² Derivado do verbo *crepare* ‘retinir’, ‘ressoar’, na tradição da comédia *palliata*, de acordo com Pizzani (ibid.), eram chocalhos que eram colocados nas crianças expostas para permitir o seu reconhecimento depois (Cf. Ansil. CR 131 = *Exc. ex lib. gloss.*, V, 186, 27): *crepundia: insignia uel indicia quae expositis infantibus adhibentur*). A respeito de tal tradição nos fala Cícero na *Brut.* 91, 313.

²³³ Como confirmação para a passagem Helm (apud Pizzani, p. 189) cita PLAVT. *Cist.* 709 (*cistellam cum crepundis, quam ego hic amisi misera?*), ao que Pizzani acrescenta também como possibilidade *Cist.* 655-656 (*sed quid hoc est, haec quod cistella hic iacet cum crepundiis?*), e conclui afirmando que a citação apresentada aqui não é pontual, porém ela conserva os dois termos (*cistela* e *crepundia*), com uma idêntica junção. Para ele, pensar que pode ser algum trecho perdido da mesma comédia seria uma hipótese desnecessária, mas bem justificada pelas numerosas e vastas lacunas do texto da tradição.

Figura 12 – CISTELA
(*Erichthonius cistella laxata cernitur*. Antonio Tempesta, Século XVII. Série
Metamorfoses de Ovídio. Itália)



Fonte: <<https://art.famsf.org/antonio-tempesta/erichthonius-cistella-laxata-cernitur-erichthonius-released-his-basket-pl-14-series>>

Figura 13 – CREPVNDIA 1
(Menina trazendo um colar de *crepundia*,
detalhe do relevo do *Ara Pacis Augustae*. Roma, Itália)



Foto Patricia Carles

Figura 14 – CREPVNDIA 2
(Século II. Coleção Helen Tanzer)



Fonte: <<http://archaeologicalmuseum.jhu.edu/the-collection/object-stories/archaeology-of-daily-life/jewelry/charm-necklace-fragment/>>

51. [*Quid sit fabre, quid sit pecuatum, quid sit aricinas*]

Antidamas in moralibus libris ait: 'Fabre compactum animal hominem quis ferat sic ire pecuatum' et 'Auerruncassit deus tam aricinas hominum mentes'; fabre dicitur perfecte, auerruncare eradicare, aricinas testeas uel argilleas, pecuatum stultum.

51. [Que seria *fibre*, que seria *pecuatum*, que seria *aricinas*]

Antidamas nos *Livros Morais*²³⁴ diz: “Quem suportaria que o animal homem, engenhosamente (*fibre*) construído, se transforme assim em um imbecil (*pecuatum*)”, e também diz “Se um deus tivesse afugentado de tal forma as mentes de argila (*aricinas*) dos homens”; diz-se *fibre*²³⁵ para ‘perfeitamente’, *auerruncare*²³⁶ para ‘erradicar’, *aricinas*²³⁷ para ‘de barro cozido’ ou ‘de argila’, *pecuatum* para ‘tolo’.

52. [*Quid sit alucinare*]

Alucinare dicitur uana somniari tractum ab alucitas quos nos conopes dicimus, sicut Petronius Arbiter ait: 'Nam centum uernali me alucitae molestabant'.

²³⁴ Acerca do autor Antidamas, conferir o *sermo* 2. Já a respeito dos *Moralia*, Pizzani (p. 189) orienta que pode não se tratar exatamente de uma obra, mas uma simples reunião de escritos e de máximas de autores diversos, entre os quais estaria também esse desconhecido autor. Ademais, Ciaffi (apud Pizzani, p. 190) lembra que, em *FVLG. myth.* 2, 4., são mencionados os *Moralia* de Platão, e segundo o autor, esse título não alude a uma certa sistematização dos diálogos por argumentos, mas talvez uma coleta de máximas, reunidas todas sob aquele conhecido e compreensível título. Pizzani (ibid.) ainda acrescenta que, no caso de Antidamas, afastando-se a hipótese de falsificação, é possível que Fulgêncio aqui se refira a uma fonte mais concreta e definida, porém, como já discutido no *sermo* 2, permanece a dificuldade devido à origem não latina do texto em questão. Os dois fragmentos citados e atribuídos a Platão e a Antidamas exprimem uma ressentida execração dos vícios e da estupidez dos homens, mas não acrescentam outros elementos que deem pistas para se resolver tal problema (Pizzani, op. cit. p. 190).

²³⁵ A forma é um advérbio criado a partir do adjetivo *faber* ‘construído com arte, engenhoso’, designando, portanto, ‘engenhosamente’; e para o termo, Pizzani (ibid) indica, como fonte documental, *PLAVT. Men.* 132 (*Hoc facumst fabre*) e *Stich.* 570 (*ut apologum fecit quam fabre*), sendo assim a definição dada aqui (*fibre: optime*) um pouco genérica, mas pertinente. Para as definições em glossários, cf. Pizzani (ibid.).

²³⁶ Segundo Pizzani (p.191), este vocábulo bastante antigo é próprio da linguagem relativa ao sagrado, significando exatamente ‘mitigar, afastar qualquer mal’, em que *Auerruncus* se referia a uma divindade apotropaica por excelência (Cf. *VARRO ling.* 7,102; *PAVL. FEST.*, p. 511, 14-15 *Linds.*). Ademais, a explicação apresentada acima (*eradicare* ‘erradicar’), não se afasta substancialmente do valor de ‘eliminar’ implícito em *auerruncare* e ecoa largamente nos glossários (Cf. Pizzani, op. cit. p. 191).

²³⁷ Designa o ‘originário da cidade de Arícia’ (uma comuna italiana), e, conforme orienta Pizzani (p.192), a definição acima para o termo (*testeas uel argilleas* ‘de terracota ou de argila’) induziu mais de um editor a corrigir *aricinas* para *aretinas*, pois *Arretium* (hoje Arezzo) era famosa na Antiguidade pela sua cerâmica (Cf. *ISID. orig.* 20, 4, 5).

52. [Que seria *alucinare*] É dito *alucinare*²³⁸ sonhar em vão, extraído a partir de *alucitae*, aqueles que nós chamamos mosquitos²³⁹, assim como Petrônio Árbitro diz: “De fato, na primavera, cem mosquitos me atormentavam²⁴⁰”.
53. [*Quid sit culleum*] *Culleum dicitur saccum, in quo rei conclusi in mare mittuntur, sicut Plautus ait in Vidularia: 'Tube hunc insui in culleo atque in altum deportari, si uis annonam bonam'*.
53. [Que seria *culleum*] Chama-se *culleum*²⁴¹ o saco em que os réus, presos, são lançados em alto mar, assim como Plauto diz na *Vidularia*: “Ordena que este seja costurado em um *culleum* e levado em alto mar, se desejas boa colheita²⁴²”.

²³⁸ Externo à *Sermonum*, o verbo é documentado somente em sua forma depoente, e, conforme Pizzani (p. 192), aparece a primeira vez em *Cic. Att.* 15, 29 e *nat. deor.* 1, 26, 72. Ainda segundo Pizzani, o sentido é fundamentalmente o apresentado aqui: *uana somnari* ‘delirar’, relacionável a uma pluralidade de valores semânticos todos referentes a um estado de insegurança, aturdimento, de pouca aderência à realidade, conforme se pode ler em *NON.* 121, 20-23: *Halucinari* (grafia coexistente: *al-*) *aberrare et non consistere atque dissolui et abstupefieri atque tardari honeste ueteres dixerunt, ut est: “et adsiduo....alucinaciones”*. Nenhum elemento novo emerge nos glossários (Pizzani, op. cit. p. 193).

²³⁹ O termo *conopes* (‘mosquitos’) é uma latinização do grego κώνωπες de κώνωψ ‘pernilongo’. Pizzani (p. 194), no entanto, busca determinar a difícil relação semântica entre *alucita* significando ‘mosquito’ e o verbo *alucinari* na definição dada aqui de *uana somnari*. O autor acredita que seria melhor estabelecer uma relação entre a irregularidade do voo do mosquito e a equivalência *alucinari* = *aberrare et non consistere* (“mover-se e agir sem um plano preciso”). Assim, em tal hipótese, teria havido um equívoco que ocasiona uma contaminação de dois dados diversos: de um lado a possibilidade de *alucinari* equivaler a *uana somnari*, e de outro a derivação de *alucita* por *alucinari*. Para maior detalhamento da discussão, cf. Pizzani (op. cit. p. 194).

²⁴⁰ A passagem é aceita por Helm seguindo a lição do códice P, interpretando *uernali* como *uernali tempore* ‘na primavera’; ademais, Bücheler (apud Pizzani, *ibid.*) insere esse trecho entre os fragmentos da *Satyricon* (XI=XII Ernout), e, inspirado na lição *contubernali me* do códice h, introduz a emenda *contubernalem*. Pizzani (*ibid.*) observa que, embora o trecho sofra essas emendas, permanece sem prejuízo a alusão à ação de um incômodo exercido pelos *alucitae*.

²⁴¹ O vocábulo, aqui em sua forma neutra, possui uma variante masculina *culleus*, que Pizzani (p. 195), afirma ser antiga e bem evidenciada em *NON.* 197, 22-23: *Culleus masculino, saepe neutro. Varro de Re rustica lib. I (2,7): “In singula iugera dena cullea uini fiunt”*. E em seu significado primeiro, designava o saco de couro usado na conservação do vinho, como citado em Varro apud Nônio e também se lê em *PAVL. FEST.*, p. 44, 4-5 *Linds.*: ... *a similitudine culleorum, quibus uinum siue oleum continetur*. Pizzani acrescenta que o termo também tinha um sentido quase técnico indicando um saco de couro análogo, em que os culpados de parricídio eram colocados, e depois de costurado o saco, jogados ao mar (Cf. *Cic. S. Rosc.* 25, 70; *SVET. Aug.* 33; *IVV.* 8, 213-214; *Dig.* 48, 9, 9 e *ISID. orig.* 5, 27, 36). Nos glossários, segundo Pizzani (*ibid.*), esses significados reaparecem com poucas variações, sendo, portanto, exata, ainda que sintética, a definição dada aqui. Para os glossários, cf. Pizzani (p.195-196).

²⁴² Para Pizzani (p.196), não existem razões para se duvidar da autenticidade dessa citação, visto que outra passagem trata da *Vidularia*, aquela discutida no *sermo* 15, em que o próprio equívoco entre o nome do personagem Cacisto e o título da comédia é um indício comprovante de autenticidade. A

54. [*Quid sit elogium*] *Elogium est hereditas in malo, sicut Cornelius Tacitus in libro facetiarum ait: 'Cessit itaque morum elogio in filiis derelicto'.*
54. [Que seria *elogium*] *Elogium*²⁴³ é uma ‘herança em infortúnio’, do mesmo modo que Cornélio Tácito no *Livro das faces*²⁴⁴ diz: “E assim, deixando como herança o *elogium* dos costumes, morreu”.
55. [*Quid sit lixa*] *Lixa dicitur mercennarius, unde et Lucanus ait: 'Stat dum lixa bibat'.*
55. [Que seria *lixa*] Denomina-se *lixa* ‘mercenário²⁴⁵’, daí também Lucano²⁴⁶ diz: “Subsista até que o *lixa* beba”.

despeito da visão de Lersch (apud Pizzani, *ibid.*) que acredita ter havido uma contaminação a partir das passagens de PLAVT. *Rud.* 513 e *Pseud.* 214, o autor considera essa hipótese totalmente gratuita, pois a *Vidularia* era uma comédia conhecida dos gramáticos, fazendo parte do grupo das *Varronianae*, e, além disso, o contexto da passagem está relacionado ao típico ambiente marítimo em que era enquadrada a narrativa.

²⁴³ O termo (geralmente relacionado na origem ao grego ἔλεγεῖον e ao latim *eloquium*), conforme orienta Pizzani (p. 197), designava primeiramente um dito, uma sentença, uma frase em geral, sendo tal significado documentado em CIC. *Cato.* 20, 73, onde já assume um sentido mais extensivo de epitáfio, inscrição sepulcral (Cf. também CIC. *fin.* 2, 35, 116). Há ainda, segundo Pizzani, dois sentidos ligados à linguagem jurídica: um primeiro de ‘relatório sobre um réu’ já atestado em SVET. *Cal.* 27 e consagrado na fórmula *mittere aliquem cum elogio* (enviar um criminoso diante os magistrados com um relatório dos seus delitos); e um segundo de ‘cláusula testamentária relativa a uma *exhereditio* (deserdção)’ como em CIC. *Cluent.* 48, 135. O autor acrescenta que, talvez, a frequência com que o termo assumia esse sentido negativo relativo à privação de herança pode ter inspirado a definição “*hereditas in malo*” acima, visto que *in malo* é uma expressão que traz um sentido negativo, desfavorável. Algumas definições dos glossários trazem um sentido independente desse aqui apresentado, documentando este entendimento de vontade testamentária como *in malam partem* (Cf. Pizzani, *op. cit.* p. 198).

²⁴⁴ A atribuição de um *Liber facietarum* ao austero Tácito, para Pizzani (*ibid.*), seria a confirmação inegável de falsificação, para não dizer de um jogo cômico do autor da *Sermonum* para com seus leitores. Porém, afirma Pizzani, há aqui ainda um fato singular, pois o trecho citado, se bem interpretado, está bem longe de ter um tom risível, parecendo antes ser formado por aquele rancoroso moralismo típico de Tácito: “Morreu depois de ter deixado nos seus filhos somente a herança da sua conduta exemplar” (tradução nossa). O autor acrescenta ainda que a definição *hereditas in malo* seria um flagrante contraste com a citação dada como exemplificação, sendo uma desvantagem para a tese de falsificação. A respeito dessa citação, Lersch (apud Pizzani, p.199) pensa em permutação de um mesmo trecho do próprio Fulgêncio, mais precisamente de *myth.* 1,1 (*patri crudele geminae orbitatis dereliquit elogium*), em que há, de fato, a aproximação entre o verbo *derelinquere* e o substantivo *elogium*, embora esse substantivo, como observa Pizzani (*ibid.*), reapareça com o valor genérico de *hereditas* em FVLG. *aet. mund.* p. 133, 19-22 *Helm.*

²⁴⁵ A definição acima, conforme aponta Pizzani (p. 199), é a seguida diretamente por Festo: *Lixae qui exercitum secutus questus gratia, dicti quod extra ordinem sint militiae, eis que liceat quod libuerit. Alii eos a Licha appellatos dicunt, quod et ille Herculem sit secutus; quidam a ligurriendo quaestu* (Cf. PAVL. FEST., p. 103, 17-20). Há também documentado um segundo significado de ‘fornecedor de água de um exército’ e também ‘atendente’ (Cf. VAL. MAX. 2, 7, 2; SALL. *Iug.*, 44, 45; QVINT. 8, 6, 42 IVST. 38,10), e os glossários seguem as definições dos textos citados (Cf. Pizzani, p. 199-200).

²⁴⁶ O trecho citado e atribuído a Lucano, de acordo com Pizzani (p. 200) e Baldwin (*op. cit.* p. 47),

56. [Quid sit sudum] *Sudum dicitur serenum; unde et Tiberianus ait: 'Aureos subducit ignes sudus ora Lucifer'.*
56. [Que seria sudum] Chama-se *sudum*²⁴⁷ ‘sereno’; daí também Tiberiano diz: “Lúcifer, *sudus* na face, afasta os áureos fogos²⁴⁸”.
57. [Quid sit luteum] *Luteum dicitur splendidum, unde et Pacuuius in tragoedia Tiestis ait: 'Non illic luteis aurora biiugis'.*
57. [Que seria luteum] *Luteum* é denominado ‘resplandecente’²⁴⁹, daí também Pacúvio na tragédia *Tiestes* diz: “Não está aqui Aurora, a dos carros *lúteos*”²⁵⁰.

pertencente certamente a *Phars.*, 9, 593. Para Pizzani, é aceitável a hipótese de Lersch de que esse verso de Lucano tenha sido extraído de um escólio de Apuleio, em que também aparece o termo *lixa*. Ademais, Baldwin (ibid.) acrescenta que Fulgêncio cita Lucano de modo exato também nas *Mythologiae* (cita *Phars.* 10,163 em *myth.* 2, 12, 14).

²⁴⁷ A respeito do étimo e significado do adjetivo *sudus* e a sua forma substantivada acima, Pizzani (p. 200) indica que se vejam principalmente FEST., p. 376, 35-37 *Linds.* (⟨*Sudum*⟩...*t significare sub / ...um omnium fere / ...us siccum significat*); PAVL. FEST. p. 377, 8 *Linds.* (*Sudum siccum, quasi seudum, id est sine udo*) e NON. 31,15 (*Sudum dictum quasi semiudum ut est aer post pluuias serenus et liquidus*). Deste último, para Pizzani parece ter saído a definição dada aqui, ainda que também possa ter sido inspirada pela parte fragmentada e perdida da glosa de Festo. Para os glossários, conferir Pizzani (op. cit. p. 200-201).

²⁴⁸ O verso citado, de acordo com Pizzani (p. 201), aparece entre os fragmentos de Tiberiano nos *Poetae latini minores* (P.L.M., Baehrens). Ademais, o autor acrescenta que, do ponto de vista métrico, o fragmento é um impecável octonário trocaico cataléptico, o metro da primeira das quatro composições de Tiberiano que nos é conhecida. E, a respeito do tom da passagem, Ciaffi (apud Pizzani, ibid.) afirma que realmente não há razões para garantir a sua autenticidade, porém “o sentimento natural que dali reluz, de um decadentismo refinado, nos reporta a um dos dois aspectos mais significativos da poesia de Tiberiano, que se, por um verso, foi filósofo e moralista, por outro, foi paisagista delicado e sensível” (tradução minha). Lersch (apud Pizzani, ibid.), pela primeira vez não busca provar que uma citação de Fulgêncio seja fruto de *contaminatio* plautina ou apuleiana, e enumera os vários testemunhos antigos sobre o poeta. Tiberiano é lembrado também na FVLG. *myth.* 3,7: *nam et Tiberianus in Prometheo ait deos singula sua homini tribuisse*. Para uma detalhada discussão sobre o nível de conhecimento acerca de Tiberiano por Fulgêncio, Baldwin (op. cit. p. 56) indica conferir Alan Cameron, *Pervigilium Veneris* (2009).

²⁴⁹ De acordo com Pizzani (p. 201), essa definição não encontra confirmação alguma, nem na literatura, nem nos glossários comuns que se referem à definição em NON. 549,18 (*Luteus color proprie crocinus est*) e ISID. *org.* 19, 28, 8 (*Lutues color rubicundus, quod est croceus*) e possivelmente também em VERG. *Aen.*, 7, 26 (*Aurora in roseis fulgebat lutea bigis*), que pode talvez ter sugerido a equivalência *luteus* = *roseus* (rosa é a cor típica da aurora). Os glossários confirmam a designação presente nos autores (Cf. Pizzani, op. cit. p. 201-202). Ademais, Pizzani acredita que a interpretação apresentada acima se inspira evidentemente na citação de Virgílio, ou diretamente no fragmento de Pacúvio, reproduzido na definição desse *sermo*, onde a cena do surgir da aurora pode ter facilmente sugerido a ideia da luminosidade e do esplendor (Pizzani, p. 202).

²⁵⁰ Não há nenhuma atestação, segundo Pizzani (ibid.), de que Pacúvio tivesse composto alguma *Tiestes*, e os seus editores geralmente omitem a passagem citada acima ou a incluem entre os incertos. Ao lado disso, são frequentes os erros de atribuições ao certo atribuído a Pacúvio, porém Pizzani acredita que parece verossímil a hipótese de que ele tivesse sido tirado de outro autor, por exemplo, da *Thyestes* de Ácio, de quem há um número considerável de fragmentos. Jocelyn (apud Baldwin, p. 50), por sua vez, acredita que tenha sido da *Thyestes* de Ênio. Por fim, Pizzani afirma que o confronto com o verso da *Eneida*, referido na nota anterior, faz pensar em um dos exemplos comuns de imitação de

58. [Quid sit abstemius] *Abstemius dicitur obseruans, sicut Rabirius in satira ait: 'Abstemium merulenta fugit Mettenia nomen'.*
58. [Que seria *abstemius*] Denomina-se *abstemius*²⁵¹ ‘o que observa’, assim como Rabírio em uma sátira²⁵² diz: “Metênia, banhada em vinho, escapa à fama *abstemia*”²⁵³.

Virgílio pelos trágicos arcaicos, não havendo nenhum elemento que, portanto, leve a pensar que o trecho citado seja falso.

²⁵¹ O termo advém da preposição *abs* mais o tema *tem-* de *temetum* ‘vinho’, palavra que, de acordo com Pizzani (p. 202), está atestada em FEST., p. 500, 9 *Linds. (Temetum vinum)*; em PAVL. FEST., P.501,6 *Linds. (Temetum vinum, unde temulentia et temulentus)* e em NON. 5, 5 (*Temulenta...dicta a temeto quod est vinum*), equivalendo totalmente ao ‘abstêmio’ do português, e em sentido estendido a ‘moderado, contido’ (vd. HOR. *epist.*, 1, 12, 7: *abstemius herbis uiuis et urtica*). Nos glossários coexistem as duas acepções (Pizzani, op. cit. 203). Em relação à definição apresentada aqui para o *sermo*, Pizzani pondera que é mais genérica, porém exprime uma avaliação ética pertinente, pois, para o autor, *observans* significa aqui, sem dúvida, ‘obediente às normas da ética e dos costumes’. Além disso, há de se considerar que Fulgêncio também era afetado pelo uso tardio de *observare* com o sentido de *abstinere*, documentado na VVLG. *iud.* 13, 12 (*a quo se obseruare debet*).

²⁵² Não se tem conhecimento a respeito de nenhum poeta satírico com tal nome, conforme orienta Pizzani (ibid.), sendo, contudo muito conhecido um Rabírio autor de um poema sobre a luta entre Antônio e Otaviano (Vide SEN. *benef.* 6, 3, 1), também exaltado por Ovídio (*Pont.* 4, 16, 5-6) e por Quintiliano (*inst.* 10, 90). Pizzani (p. 204) acrescenta a possibilidade de esse poeta Rabírio ter abordado também gêneros diferentes do épico, talvez o bucólico. Assim, não se pode, a priori, negar que ele não fosse também autor de sátiras.

²⁵³ O excerto, conforme discute Pizzani (p. 204-205), apresenta dois problemas: i) o primeiro é referente à métrica, pois o verso parece ser um hexâmetro, porém há uma acentuada variação na prosódia por conta da vogal *e* de *abstemium*, que é inequivocamente longa, já que resulta do étimo do vocábulo (*tēmulum*) e do uso (cf. OV. *met.* 15, 323). Contudo, nada nega que o texto seja corrompido, além do mais que *abstemium nomen* com o sentido de ‘fama de abstêmio’ é uma expressão mais do que coerente; ii) o outro grande problema está no nome *Mettenia*, um personagem que não aparece em nenhuma fonte, exceto no próprio Fulgêncio, além daqui, também na *aet. mund.* p. 168, 18-21: *Omitto Fabium Metenniae interfectorem potius quam maritum, qui paruo contactam mero coniugem trucidat et resignatae ynotece parricidanti cruore sacrificat*. Pizzani considera estranho o fato de que um episódio análogo se encontre também em VAL. MAX. 6, 3, 9 (ver também PLIN. *nat.* 14, 13, 89 e TERT. *apol.* 6), em que ocorre uma singular inversão, passando o nome da esposa assassinada, *Mettenia*, ao esposo assassino: *Egnati autem Meceni (Mecenii i.m. A, meteli L A, cf. Metenius Par. Epit.) longe minore de causa, qui uxorem, quod uinum bibisset, fusti percussam interemit, idque factum non accusatore tantum, sed etiam reprehensore caruit, uno quoque existimante optimo illam exemplo uiolatae sobrietatis poenas pependisse*. Cf. também VAL. MAX. Par. *Epit.* 6, 3, 9: *Egnatius Metenius uxorem suam, quod vinum bibisset, fuste percussit*. Pizzani conclui fazendo a observação de que não havia em Roma o costume de se transferir o *nomen* ou *cognomen* do marido à esposa, o que torna bem mais problemática a questão, embora o autor nos lembre que não podemos esquecer que pudesse haver um sentido irônico, visto se tratar de um contexto satírico.

Figura 15 – ABSTEMIVS

(Velha bêbada. Mármore romano, cópia do original grego em bronze. *Myron*, c. 200-180 a.C. *Musei Capitolini*, Roma)



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Old_Drunkard>

59. [*Quid sit uadatus*] *Vadatus dicitur obstrictus uel sub fideiussione ambulans, sicut Fenestella ait: 'Penes quem uadatus, amicitiae nodolo tenebantur'.*
59. [Que seria *uadatus*] *Vadatus*²⁵⁴ é chamado o ‘comprometido’ ou ‘aquele que circula sob fiança’, assim como Fenestela²⁵⁵ diz: “Estavam retidos em poder daquele *uadatus* pelo laço da amizade”.
60. [*Quid sint manubies*] *Manubies dicuntur ornamenta regum, unde et Petronius Arbiter ait: 'Tot regum manubies penes fugituum repertae'.*
60. [Que seriam *manubies*] *Manubies*²⁵⁶ são chamados ‘os ornamentos dos reis’²⁵⁷, daí também Petrônio Árbitro diz: “Tantas *manubies* reais descobertas em poder do fugitivo”²⁵⁸.

²⁵⁴ Derivado de *vador* ‘citar para comparecer em juízo’, com o sentido geralmente passivo, de acordo com Pizzani (p. 205), significa propriamente ‘obrigado, forçado, comprometido por garantia a fazer algo’ seja em sentido estritamente jurídico, seja em sentido lato, como exemplo cf. PLAVT. *Bacch.* 181 (*ita me uadatum amore uinctumque attines*). O vocábulo não está documentado em glossários.

²⁵⁵ L. Fenestela, o conhecido historiador que floresceu nos tempos de Augusto e Tibério, é o autor dos *Annales*, obra que, segundo Pizzani (ibid.), numerosos fragmentos chegaram até nós por meio da obra de Plínio, o Velho. Ademais, Pizzani acrescenta que a atribuição desse trecho a Fenestela aqui é geralmente contestada pelos estudiosos devido à comum desconfiança nas citações fulgencianas, ainda que se considerem as infinitas situações históricas que o excerto, em sua generalidade, poderia suscitar. Ao lado disso, Baldwin (p. 45) acredita que essa passagem pode ser aceita como fidedigna, na medida em que Fenestela lidou com muitos tópicos em seus *Annales* e talvez outras obras, inclusive Lactânio (*inst.* 1, 6, 14) o cita como um *diligentissimus scriptor* (cf. Bardon, 1956).

²⁵⁶ Para uma precisa definição do valor semântico e dos usos do *sermo*, Pizzani (p. 206) orienta que se verifique em GELL. 13, 25, 24-32 e em NON. 432, 25-28 (*Manubias a praeda hoc distare ueteres aestimauerunt, ut sit praeda corpora ipsa quae capiuntur, manubiae pecuniae ex praeda uendita redactae*). Já os glossários registram variadamente para o conceito de *praeda* também o sentido de *uestis mortuorum* (Cf. Pizzani, op. cit. p. 206).

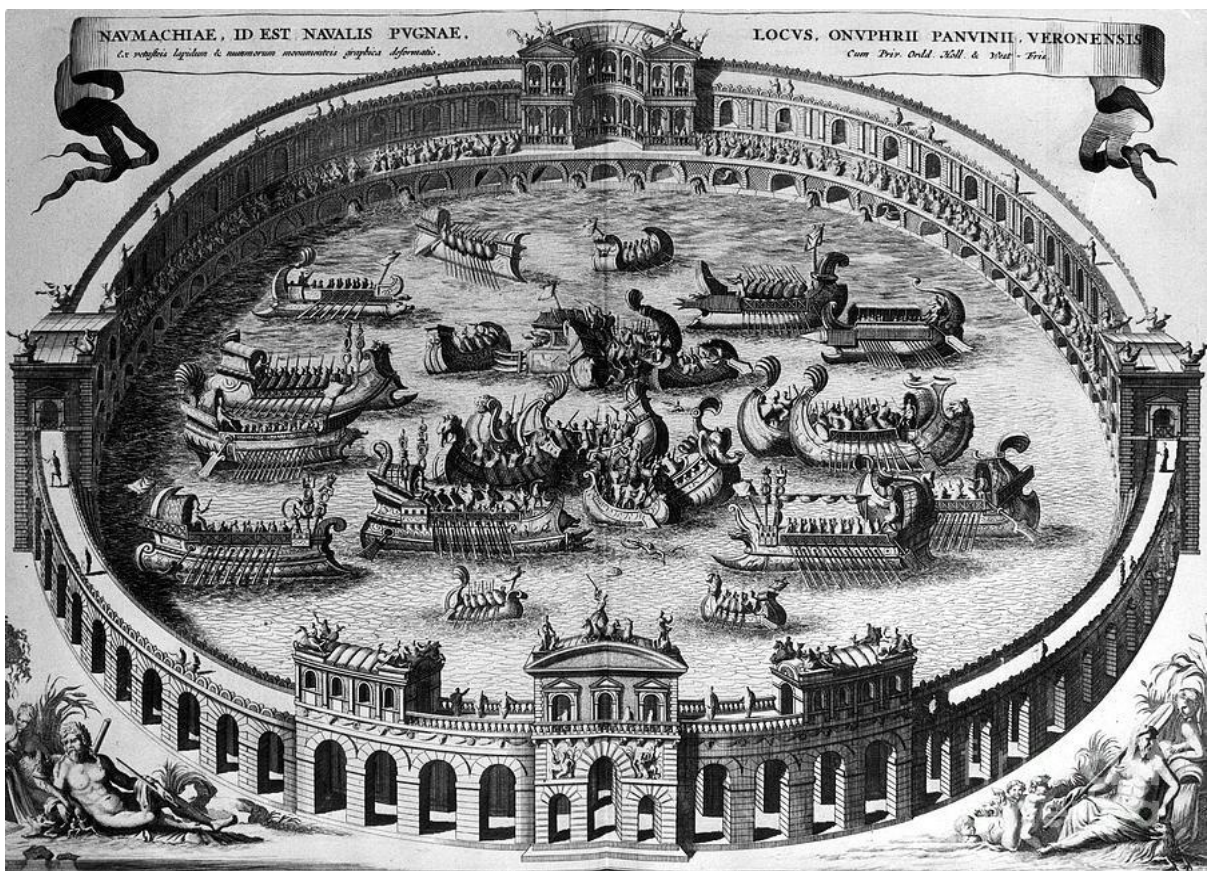
²⁵⁷ Essa definição dada aqui, de acordo com Pizzani (p. 207), não encontra uma confirmação exata nas fontes, no entanto não se pode excluir que seja erroneamente deduzida em Cícero (*leg. agr.* 2, 23, 61), onde junto à *manubiae* se vê também os termos *ornamenta* e *imperatores*, que, para Pizzani, este último deve ter sido erroneamente assimilado como *reges* por Fulgêncio. Ademais, o autor acrescenta que, se ainda for considerado como autêntico o excerto atribuído a Petrônio, o equívoco é justificável e garante a autenticidade do próprio fragmento, pois as *regum manubiae* referidas aqui designavam o espólio tomado dos inimigos dos reis vencedores, ou por um vencedor aos reis vencidos, considerando-se que elas se tornariam, de fato, os *ornamenta* do vencedor.

²⁵⁸ Além das razões já ditas na nota acima, prevalecem a favor da autenticidade dessa passagem o fato de haver a mesma presença do termo *manubiae* também em PETR. 79 (*Postquam optima fide partiti manubias sumus*). Ao lado disso, a respeito dessa citação, Ciaffi (apud Pizzani, op. cit. p. 208) afirma: “As *tot regum manubiae penes fugituum repertae* da *serm. ant.* 126, 7 implicam dois aspectos característicos da figura picaresca de Encólpio, o seu hábito de acumular *manubiae* por meio de *rapinae* e *grassationes* e ter como consequência sempre *fugere*” (tradução minha).

61. [Quid sit *aumacium*] *Aumatium dicitur locum secretum puplicum sicut in theatris aut in circo, unde et Petronius Arbiter ait: 'In aumatium memet ipsum conieci'.*
61. [Que seria *aumacium*] *Aumatium*²⁵⁹ é denominado ‘o local público afastado’, assim como se vê nos teatros ou no circo, daí também Petrônio Árbiter diz: “Eu mesmo me atirei no próprio *aumatium*”.

²⁵⁹ Para o vocábulo, Pizzani (p. 208) orienta que a grafia *aumatium* parece ser aquela originalmente reconstruída pelos códices, ao que Wessner (apud Pizzani, *ibid.*) propõe a alteração *naumachium*, como propõe a definição no *Gloss. Ampl. prim.*, V, 374, 8: *locus naualis exercitationis*, significando portanto ‘o espaço do circo reservado às naumaquias (*ναυμαχία* ‘combate naval’), um espetáculo bastante apreciado pelos romanos. Ademais, independentemente do valor da alteração, a forma *aumatium* aparece em escritores medievais, como um termo arquitetônico, cf. Landolph Senior., *Mediol. hist.* 2, 15: *Locantes in ea more patrio eximium Augustorum dignitati Imperiale palatium Theatrum decentissimum Aumatium, Thermas Viridarium*; e também Atto, *Polypt.*, p. 46, 2 Mai: *Concillii quin arces struunt, ut sit incursio nequa, / Terreat quae ipsos, sed meditata tranquille / Reddere cuilibet ualeant inibi; / Aumatia in qua statuunt et tristega componunt*. Lersch (apud Pizzani, *ibid.*), justamente a respeito desse último testemunho, observa que *aumatia* – bem longe de designar um *locus secretus publicus*, expressão por si própria evidente, se pensado na privada pública dos teatros – pede como interpretação ‘a parte mais alta da casa usada como armazém’, dada a sua justaposição à palavra *tristega* (‘prédio com três andares’). Então, erroneamente o escoliasta, inspirado como sempre em Fulgêncio, interpretou *aumatia* como ‘local secreto no teatro’. Assim, Lersch acredita que haveria, portanto, uma possibilidade de que o termo não tivesse sido transmitido aos textos medievais por via direta da *Sermonum*, mas tivesse vida própria na terminologia técnica. Ao lado disso, Pizzani (p. 209) acredita que seria importante reavaliar se não houve aqui uma confusão entre *aumatium* e *naumachium*, sendo fornecida assim uma apressada e aproximativa explicação por parte de Fulgêncio, observando-se que *secretus* poderia significar também ‘separado’, exatamente como era o espaço reservado às naumaquias. Há ainda a vaga explicação *piralis domus* do glossário *Exc. ex gloss. Aynardi*, V, 616, 6 para o vocábulo *aumatium*, ao que Pizzani (*ibid.*) entende que, dada a presença do termo *domus*, é bem provável que encerre um sentido mais próximo daquele relativo à arquitetura do que o proposto aqui.

Figura 16 – AVMACIVM
(*Naumachia*. 1900 aprox. Autor desconhecido)



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Naumachia2.gif>>

62. [*Quid sit delenificus*] *Delenificus dicitur blandilocus, unde et Lucretius comicus in Nummolaria ait: 'Nescio quorsum mihi eueniant tua uerba tam delenifica'.*
62. [Que seria *delenificus*] É chamado *delenificus*²⁶⁰ ‘aquele de falar meigo’, daí também Lucrécio, o comediógrafo, na *Nummolaria*²⁶¹ diz: “Desconheço para que fim tão *delenificae* tuas palavras resultem para mim”²⁶².

²⁶⁰ A respeito da definição desse vocábulo, Pizzani (p. 209), já de início, indica como fontes a serem comparadas PLAVT. *Mil.* 191-192 (*domi habet animum falsiloquom, falsificum, falsiurium / domi dolos, domi delenifica facta, domi fallacias*) e Turpílio apud NON. 278, 39 (*Turpilius in Demetrio: uide mirum ingenium ac delenificam mulierem! Commorat hominem lacrimis*), em que o termo significa propriamente ‘cativante, aquele que ganha com bajulações e doçura a resistência dos outros’, visto *delenire* ‘apaciar, apaziguar’ (cf. NON. 277, 39). Pizzani considera a explicação *blandilocus*, apresentada aqui, como unilateral, porém pertinente substancialmente e, relacionada, possivelmente, ao citado excerto de Plauto, visto o termo *falsiloquom*.

²⁶¹ Sobre o mencionado autor, Pennisi considera o apelativo epíteto *comicus* “uma intencional distinção, por parte de Fulgêncio, entre este ignorado escritor e Lucrécio, o poeta da *De rerum natura* (op. cit. p. 121, n. 255, tradução minha)”; ao que Pizzani (p. 210) afirma que essa observação em si mesma não traz nenhuma prova a favor da autenticidade desse testemunho, pois, na verdade, a intenção de esclarecimento talvez revele o expresso desejo de avaliar melhor a imitação. Ademais, o autor orienta que para descartar a antiga correção de *Lucilius* para *Lucretius*, sugerida por Giovanni Lido (*Mag.* I, 41), em que se identifica o poeta Lucílio aos comediógrafos, Pizzani (ibid.) concorda com o trecho da sátira de Horácio (*sat.* 1, 4), em que Lucílio é considerado um continuador da comédia ática antiga. Ainda sobre o tal Lucrécio citado, Baldwin (op. cit. p. 47) julga talvez também relevante a menção de um homem das letras romano, de nome Lucrécio, amigo do também romano, médico e escritor, Célio Aureliano, que floresceu durante o século V d. C (Conferir na *Prosopography of the Later Roman Empire*, vol 2. p. 692). A respeito do título da obra, *Nummolaria*, Pizzani (ibid.) traz a observação de que ele segue o estilo dos primeiros títulos das comédias latinas, a *Aulularia* de Plauto e as *Tunicularia* e *Testicularia* de Névio. Ao que Whitbread (op. cit. p. 175) pede comparar à comédia *Trinummus* de Plauto.

²⁶² Lersch (apud Pizzani, ibid.) acredita ser a passagem citada mais uma comum manipulação de um verso de Plauto, mais precisamente da *Most.* 395 (*ei mihi! quom istaec blanda dicta quo eueniant madeo metu*), sendo os seguintes ecos de uma na outra obra: *quo eueniant — quorsum eueniant, mihi — mihi, blanda dicta — delefinica uerba, madeo metu — nescio*. Sobre essa consideração, Pizzani avalia ser um tanto discutível somente a última comparação trazida por Lersch (*nescio*), sendo as outras todas aceitáveis. Finalmente, o autor comenta que, porém, segue em aberto a possibilidade desse trecho citado ser um fragmento de algum comediógrafo desconhecido, de quem talvez tenha havido uma errada indicação do nome, e que poderia ser um escravo que imitava o estilo de Plauto. Ademais, Baldwin (ibid.) chama a atenção para o fato de que tanto Helm quanto Pizzani não informam que a expressão *uerba delenifica* encontra-se atestada em Fronto (116. 1 Van den Hout), que o autor crê ser outra possível fonte.

Concebemos este estudo como um caminho desafiador em busca da culminância da tarefa da tradução da obra pretendida, porque, já de início, evidenciaram-se implicações fulcrais, já que a nossa proposta era traduzir Fulgêncio, um autor considerado menor e ainda ignorado, ao nosso ver, em relação ao cânone da área dos Estudos Clássicos desenvolvidos no Brasil, e, ao lado disso, traduzir desse autor, a *Expositio sermonum antiquorum*, justamente a obra que, talvez, tenha contribuído para sua marginalização e silenciamento por muitos séculos. Todavia, acreditamos que nossos esforços foram válidos, pois sem dúvida, a tradução e análise servirão de contribuição para futuros estudos a respeito de Fulgêncio, assim como se somarão ao número em avanço de traduções e estudos críticos de obras da Antiguidade tardia para a nossa língua.

O nosso trabalho, sendo o primeiro, certamente abrirá portas para que novas traduções e estudos críticos acerca da obra venham a ser desenvolvidos. O processo de tradução do texto latino em si, devido à dimensão breve da obra e à sua estrutura bastante recursiva, não nos trouxe grandes problemas, assim como a pesquisa a respeito da biografia e bibliografia de Fulgêncio, ainda que bastante lacunosa, também podemos afirmar que foi profícua e sem grandes questões, haja vista a vantagem de existirem diversos estudiosos fulgencianos no exterior, inclusive nossos contemporâneos, e as suas produções estarem acessíveis em sítios online, de maneira muito bem organizada e reunida.

Outro fator positivo para a produção desse estudo se deve ao fato de que a pesquisa está inserida num projeto amplo, como já dito, que abarca outros estudos e traduções de toda a obra de Fulgêncio, o mitógrafo, e todos em realização no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult). Além deste meu projeto de tradução e análise da *Expositio sermonum antiquorum*, as traduções de todas as demais obras do autor estão ou em processo de finalização ou em curso, como é o caso do projeto de tradução das *Mythologiae*, em processo de revisão pelo Prof. José Amarante, da *Expositio Virgilianae Continentiae*, resultado do projeto de mestrado de Raul Oliveira Moreira, a ser defendido em abril de 2018, da *De aetatibus mundi et hominis*, projeto de mestrado de Cristóvão José dos Santos Júnior, recentemente aprovado pelo

PPGLitCult. Este aspecto potencializou o nosso estudo, pois possibilitou o diálogo com os demais pesquisadores e tradutores, enriquecendo as pesquisas e discussões sobre características biográficas e literárias do nosso autor, assim como a compreensão geral do seu *corpus* bibliográfico.

Acreditamos também que auxiliarão nos próximos estudos e traduções vindouros não somente o cuidadoso trabalho de recuperação das informações a respeito das transmissões do texto e sua fortuna, e, visto que a resenha é também uma forma de “fazer história”, de maneira que, por vezes, o tradutor é também um historiador, apresentamos também uma resenha às discussões ligadas à problemática que envolve a fidedignidade das informações contidas na obra, pois para definir o *sermo* o autor põe como atestação as citações de autores da Antiguidade. Como dizemos no capítulo referente à tradução e estudo, o trabalho tradutório buscou seguir uma abordagem desconstrucionista no que tange aos estudos tradutórios na contemporaneidade, portanto, como visto, não dispensamos o uso de estratégias para a tradução de particularidades do texto latino, sendo o emprego de recursos como, por exemplo, as anotações ao texto traduzido, o mais utilizado e que demandou maior acuro e pesquisa. Ademais, as comparações sistemáticas entre as traduções às línguas modernas nos permitiram, muitas vezes, encontrar saídas para nossa tradução ao nos depararmos com particularidades próprias do latim tardio empregado por Fulgêncio.

Por fim, o caminho trilhado nos levou a entender o contexto cultural e histórico do nosso autor, assim como o da obra aqui traduzida, elucidando sua sobrevivência e entendendo a tradição de que é partícipe. A tradução e estudo, por ora, fazem jus ao objetivo prometido nesta dissertação, ou seja, apresentar uma edição bilíngue (latim-português), com uma introdução e notas.

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)
- ALMEIDA, S. P. S. N. **A *Expositio sermonum antiquorum* de Fábio Placiades Fulgêncio: notícias de uma tradução**. João Pessoa: UFPB, 2014 (comunicação, mimeo).
- ALMEIDA, S. P. S. N. **Traduzindo a *Expositio Sermonum Antiquorum* de Fábio Placiades Fulgêncio**. Salvador: UFBA, 2015 (comunicação, mimeo).
- ALMEIDA, S. P. S. N. **A *Expositio sermonum antiquorum* de Fulgêncio: tradução e análise**. Projeto de dissertação de mestrado. Salvador: PPGLitCult, 2016 (mimeo).
- AMARANTE, J. **As *Mitologiae* de Fulgêncio. Uma visão cristã dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média. Tradução e análise**. Projeto de pós-doutorado. Salvador: UFBA, 2016 (mimeo).
- AMARANTE, J.; ALMEIDA, S. P. S. N. ‘*Expositio sermonum antiquorum*’, Fabio Placiade Fulgenzio. Introduzione di Ubaldo Pizzani. Tradução. **Estudos Linguísticos e Literários**, 55 (2016), p. 398-422.
- AMARANTE, J.; ALMEIDA, S. P. S. N. **Os temas e as fontes de Fulgêncio em “*Expositio sermonum antiquorum*”: a Antiguidade na visão de um cristão na transição entre o mundo antigo e o Medievo**. Mariana: XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2015 (comunicação, mimeo).
- AMARANTE, J. “O maravilhoso, o sobrenatural e o inexplicável dos mitos pagãos na visão de um mitógrafo cristão do início da Idade Média”. Vitória: UFES, 2015 (conferência, mimeo).
- AMARANTE, J. **L'architettura orizzontale dei tre libri delle *Myhtologiae* di Fulgenzio. Studi Italiani di Filologia Classica**, Firenze, 2017 (no prelo).
- BALDWIN, B. Fulgentius and His Sources. **Traditio**. Nova Iorque, n. 44, p. 37-57, 1988.
- BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Trad. Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2011, 176 p.
- BISOGNO, A. Cultura cristã, artes liberais e saberes pagãos. In: ECO, Umberto (org.). **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Introdução à Idade Média. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote: Milão, 2012. p. 338-340.
- BLOCH, R. **Os etruscos**. Trad. Maria Helena Pires Noronha e Fernando Noronha. vol. 4. Lisboa: Gris Impressores, S. A. R. L., 1966.

CITRONI, M.; CONSOLINO, E. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. **Literatura de Roma Antiga**. Trad. Margarida Miranda e Isaias Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 1239-1243.

DELEUZE, G. Platão e o simulacro. In:_____. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 2009. p. 259-271.

DERRIDA, J. **De la grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.

DERRIDA, J. **Psyché: inventions de l'autre**. Paris: Galilée, 1987.

DERRIDA, J. Kolaphos/Kolapto. In_____. **A Farmácia de Platão**. Trad. de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DRUILLE, P. Miscelânea y enciclopedia. In: ALESSO, Marta (ed.). **Hermeneútica de los géneros literarios: De la antigüedad al Cristianismo**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2013. p. 241-267

FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média, Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2.ed. São Paulo: Madras, 2009.

GRAFTON, A.; MOST, G.W.; SETTIS, S. **The classical tradition**. Harvard: University Press reference library /Cambridge, Massachusetts.: Belknap Press of Harvard University. 2010.

HAYS, G. **Fulgentius the Mythographer**. Tese (Doutorado em Filosofia). New York: Cornell University, 1996.

HAYS, G. Tales out of School: Grammatical Culture in Fulgentius the Mythographer. In: LANHAM, C. **Latin Grammar and Rhetoric. From Classical Theory to Medieval Practice**. Londres: Continuum, 2002, p. 22-47.

HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. **Journal of Medieval Latin**. n. 13 (2003), p. 163-252.

HAYS, G. Romuleis Libicisque litteris: Fulgentius and the 'Vandal Renaissance'. In: MERRILLS, A. **Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa**. Aldershot, 2004. p. 101-132.

HELM, R. **Fabii Planciadis Fulgentii V.C. Opera**. Leipzig: 1898. (rpr. Stuttgart, 1970)

- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- JUNGMANN, E. Quaestiones Fulgentianae. **Act. Soc. Philol. Lips.** n. 1. 1870. p. 43-74.
- LAISTNER, M. L. W. Fulgentius in the Caroligian Age. In: _____. **The intellectual Heritage of the Early Middle Ages**. Selected Essays. Ithaca: CornellUniversity Press: 1957, p. 202-215.
- LERSCH, L. **Fabius Planciades Fulgentius de abstrusis sermonibus**. Bonn: H. B. König, 1844.
- LLORENTE PINTO, A. L. El tratamiento lexicográfico de Nonio Marcelo en el libro IV: de Varia significatione semonun del de compendiosa doctrina. **Voces**, Salamanca, v. 8, dic. 2009.
- MANCA, M. **Le età del mondo e dell'uomo**. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.
- MANUAL DE SELEÇÃO PPGLitCult. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Salvador: UFBA, 2015. Disponível em: <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/sites/ppglitcult.letras.ufba.br/files/Manual%20PPGLitCult%20V1_0.pdf>
- MATTIACCI, S. Apuleio in Fulgenzio. **Studi italiani di filologia classica**, n. 4 (2003), p. 229-256.
- MOREIRA, R. O. “*Exposição dos conteúdos de Virgílio de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*”. Projeto de dissertação de mestrado. Salvador: PPGLitCult, 2016 (mimeo).
- MOURA, A. R. de. Questões de gênero literário no ‘Satyricon’. **Letras**. Curitiba, n. 45 (1996), p. 41-51.
- MUNGUÍA, S. S. Introducción. In: APULEYO. **Apologia**. Madrid: Editorial Gredos, 1980.
- PAZ, O. **Traducción: literatura y literalidad**. Barcelona: Tusquets, 1990.
- PENNISI, G. **Fulgenzio e la Expositio sermonum antiquorum**. Firenze: Felice Le Monnier, 1963.
- PIZZANI, U. **Fulgenzi: definizione di parole antiche**. Roma: Ateneo, 1968.
- PLAZA, J. A tradução como poética sincrônica. In: **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003, p.1-14.
- REYNOLDS, L. D.; WILSON, N. G. **Copistas y Filólogos: Las vías de transmisión de las literaturas griega y latina**. Tradução de Manuel Sánchez Mariana. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

RICOUER, P. **Memory, history, oblivion** (presentation at the international colloquium "Haunting Memories?" Budapest, 2003). Tradução em português. Disponível em: www.uc.pt/fluc/lif. Acesso em 08 Out. 2016.

RIGHI, G. **Historia da Filologia Clásica**. 2. ed. Tradução de J. M. García de la Mora. Barcelona: Editorial Trabajo, 1969.

SANTOS JÚNIOR, C. J. dos. "A análise e tradução do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fábio Placíades Fulgêncio". Projeto de dissertação de mestrado. Salvador: PPGLitCult, 2018 (mimeo).

STOPACCI, P. O Enciclopedismo e Isidoro de Sevilha. In: ECO, U. (org.). **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Introdução à Idade Média. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012. p. 502-505.

VALERO MORENO, J. La *Expositio Virgiliana* de Fulgencio: poética y hermenéutica. **Revista de poética medieval**. v. 15 (2005), p. 112-192.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Bauru. EDUSC, 2002.

VENUTI, M. *L'editio princeps delle Mythologiae* di Fulgenzio, **Paideia**, 63 (2008), p. 407-426.

VENUTI, M. 'Spoudogeloion', Hyperbole and Myth in Fulgentius' *Mythologiae*. In: MORETTI, P. F.; RICCI, R.; TORRE, C. **Culture and Literature in Latin Late Antiquity. Continuities and discontinuities**. Turnhout: Brepols, 2015. p. 307-322.

WESSNER, P. "Fabii Planciadis Fulgentii Expositio Sermonum Antiquorum" **Commentationes Philologiae Ienenses**, vol. 6 (1899), p. 63-143.

WHITBREAD, L. G. **Fulgentius, The Mithographer**. Ohio: State University Press, 1971.

WOLFF, E. **Fulgence, Virgile dévoilé**. Villeneuve: Presses Universitaires du Septentrion, 2009.

WOLFF, E.; DAIN, P. **Fulgence, Mythologies**. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

WOLFF, E. Fulgence et l'Expositio sermonum antiquorum. **Autour de Lactance. Hommages à Pierre Monat**, Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, 2003, p. 197-204.